

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Cultura Material e Consumos, realizada sob a orientação científica de Dra. Paula Godinho

AGRADECIMENTOS

Agradeço enternecidamente à minha orientadora, Dra. Paula Godinho, que guiou todo este trabalho que incrivelmente encontro “concluído”. Mais do que possa imaginar, consistiu num exemplo para muitos outros factores da minha vida, e foi fundamental na passagem deste ano que se revelou de enorme complexidade. Agradeço à Maria Miguel Cardoso, que foi fundamental para a minha adaptação a todo um novo mundo que se afigurou quando decidi enfrentar este mestrado. Agradeço à Ana e Pedro Borda d’Água que me apoiarem incondicionalmente. Agradeço ao André Bastos que me devolveu inúmeras vezes a um rumo que eu estaria prestes a perder. Agradeço muito encarecidamente a toda a população de Cem Soldos, ao SCOCS, à D. Maria Emília Ferreira por me ter recebido tão dedicadamente na sua casa e ao Luís Ferreira por ter facilitado o percurso. Ao António e Laurinda Craveiro, e ao Luís Tomás por me terem tão atentamente ajudado na realização deste estudo. Agradeço à Susana Costa, Renata Candeias, Joana Fernandes e Soraia Silva que sempre se disponibilizaram para ajudar no que necessário e a facilitar o acontecimento de todo este processo.

Viver a Aldeia: o Festival Bons Sons e as Formas de Readequação e Reinvenção do Local

Living the Village: Bons Sons Festival and the Forms of Reajustment and Reinvention of the Local

Sónia Maria Rodrigues Costa

PALAVRAS-CHAVE: aldeia, contemporaneidade, património

KEYWORDS: village, contemporaneity, heritage

O *Bons Sons* é um festival de Verão, que surge numa aldeia perto de Tomar, iniciado e suportado pelos seus próprios habitantes. Acontece de dois em dois anos, quando mobiliza a aldeia de Cem Soldos para o construir a título de voluntariado, empregando diferentes gerações de moradores em distintos papéis no acontecimento do festival. Passa-se dentro da malha aldeã de Cem Soldos, prometendo ao visitante que terá acesso aos locais quotidianos de quem o recebe, assim como poderá conviver de perto com a população da aldeia. A ideia de “aldeia” é aqui emblematizada e tornada sinónimo de “revisita ao passado”, à história e àquilo que está em vias de extinção na contemporaneidade: tempos mais lentos, a “magia” do *saber fazer*, a qualidade de um fazer manual, uma aura de *contra-industrialização*. Esta oportunidade de experiência de vidas demonstra-se apetecível para os cidadãos, ou para aqueles que se distanciaram destas formas de vida e apenas conhecem relatos dela como algo distante e *mítico*. Paradoxalmente, para o habitante da aldeia este festival simboliza uma ideia de progresso, de emancipação e crescimento. Representa uma possibilidade de transgredir esta ideia de “aldeia” que é atraente ao visitante. Apresenta um seguimento, e um expoente máximo, de um movimento associativo que se desenrola há vários anos e que pretende criar espaço de “contemporaneidade” na aldeia.

Bons Sons is a summer festival, in a village near Tomar, initiated and brought by its own inhabitants. It happens every two years, when the village of Cem Soldos voluntarily takes part in the construction of this event, relating different generations of residents that play specific roles while the festival occurs. It takes place inside the village, promising the visitor that he will have access to the everyday places of the villagers, and that he will have a close contact with the life of the village as if he was one of them. The concept of “village” is taken here as synonymous with “revisiting the past”, the history and what is endangered today: the slower living, the “magic” of hand-madding, the popular know-how and knowledge, the aura of counter-industrialization. The chance to experience different ways of life, proves to be attractive to city dwellers or to those who have distanced themselves from these ways of living and only know short reports of it, as something distant and mythical. Paradoxically, for the villager this festival symbolizes an idea of progress, emancipation and growth. An opportunity to exceed this concept of “village” that is so attractive to the visitor. It represents a follow up, and a maximum exponent of an associative movement that has been ongoing for several years and that desires to create space for “contemporaneity” in the village.

ÍNDICE

Introdução	6
Capítulo I: De que <i>Matéria</i> é Feito	15
I. 1. O que é o Bons Sons	15
I. 2. Imaginar Cem Soldos.....	27
I. 3. Contextualização da e na Aldeia	34
I. 4. Um estudo de Caso	46
Capítulo II: Associativismo – Contexto Gerador	53
II. 1. Uma Aldeia <i>Companheira</i>	53
II. 2. SCOCS e o Associativismo.....	59
II. 3. «Acontece Cem Soldos»	71
Capítulo III: «Venha Viver a Aldeia».....	79
III. 1. Modernidade e Patrimonialização – Controlar <i>um Tempo</i>	81
III. 2. <i>O Campo e a Cidade</i>	86
III. 3. Emblematização e Consumo do Local	92
III. 4. Uma Relação Paradoxal	97
Conclusão.....	99
Bibliografia	104

Introdução

De que *Matéria* é Feito

O *Bons Sons* é definido pela sua organização, como um festival bienal de Verão de música portuguesa, constituído dentro da malha urbana de uma aldeia, a mesma que o edifica de forma voluntária.

Embrenhado em considerações de importância *cultural*, com notável interesse por parte do público como incontornável manifestação local, exalta o facto de ter lugar numa aldeia, usando a força de vontade e companheirismo dos seus habitantes para a sua vivência, sobrevivência e, também, crescente sucesso. Acontece em Agosto, no fim-de-semana anterior ao da festa de arraial da mesma povoação: Cem Soldos, Tomar, Santarém, já contando com duas edições anteriores, preparava-se para a sua terceira, no, então, ano de 2010. Afirma-se “comunitário”¹, ocorre dentro da malha aldeã de Cem Soldos, e as mascotes – *souvenirs* – do festival são feitas pelas senhoras mais velhas da aldeia, voluntariamente e sem qualquer recompensa monetária, para doação posterior à associação local² e para venda no próprio festival. Estes *souvenirs* parecem funcionar como uma espécie de materialização do que o festival representa. A ideia de *aldeia*, de partilha, manufactura e encarnação do saber artesanal de quem faz, conduz-nos a imaginar toda uma história de encontros e horas dedicadas à sua feitura e, desta forma portátil, pode ser trazida connosco para o nosso quotidiano, fora da esfera do festival. Desse modo, faz voltar a sentir um pouco de tal vivência, que transporta em si uma aura de *intimismo* e *autenticidade*, associados à aldeia. Os suportes económicos são descritos como quase nulos, constituídos por patrocínios, voluntariado interno e externo à aldeia, e até por contributos pessoais dos habitantes, caso se demonstre necessário. Os lucros, até à altura inexistentes, iriam reverter a favor da associação cultural e recreativa local, SCOCS, o mesmo responsável pela organização do festival.

Na edição de 2010 houve a novidade de que haveria bilhetes e um recinto controlado por seguranças: isto significava que a aldeia estaria fechada como recinto do festival, o que resultaria na utilização de uma pulseira para permitir a *livre* entrada neste

¹ No sentido em que aludia a esta sensação pela sua forma de construção, como uma espécie de partilha entre os habitantes da aldeia, e uma obra conjunta entre os mesmos, adquiriria este adjectivo de forma frequente no discurso dos *media*.

² SCOCS – Sport Club Operário de Cem Soldos

recinto, ou seja, na aldeia. Seria azul para aqueles que pertenciam à equipa, e que portanto, habitam na aldeia ou se voluntariaram para participar na edificação do festival, enquanto os visitantes *comuns* seriam identificados com uma pulseira cor-de-laranja, resultando numa leitura imediata sobre o residente e o visitante, através de um código de cor.

O festival cresceu notavelmente nesta terceira edição e, numa aldeia em que habitam 612³ pessoas, algumas das quais apenas ao fim-de-semana, contou-se com a presença de cerca de 30 mil pessoas dentro da malha urbana de Cem Soldos. São utilizadas como infra-estruturas do festival os equipamentos sociais da aldeia, cafés, igreja, escola primária, uma ou outra casa particular – e algumas infra-estruturas acrescentadas para a ocasião, estas com gestão alheia à povoação. Esta utilização do espaço comum parece fundir-se em algumas práticas específicas que “contornam” o festival, como por exemplo, os concertos que existem na igreja são articulados com a missa, que não deixa de acontecer no domingo. Utilizou-se a antiga Casa do Povo como auditório, houve exposições nos antigos armazéns Mendes Godinho, actual pólo cedido para eventos ao longo do ano, e o ATL seria onde se alimentavam os artistas e eventualmente se oferecia dormida aos mesmos. Durante três dias a aldeia torna-se um cenário completamente inverso do habitual: caótico, barulhento, cheio.

Entre a multidão viam-se pulseiras azuis, a maior parte das vezes em pulsos de pessoas que estariam a trabalhar, outras a desfrutar em janelas, varandas, alpendres ou cadeiras junto aos palcos. Os serviços falhavam para a numerosa multidão, muito devido à “produção caseira” do festival, situação que, apesar dos constrangimentos que ocasionava, os visitantes, no geral, acabavam por apreciar. Quando tais falhas se apresentavam, os próprios habitantes solucionavam cirurgicamente como podiam: ofereceram os seus quintais quando o parque de campismo lotou, fizeram sopas em casa, a ritmo excepcional, para vender nas infra-estruturas do festival, causa das sopas disponíveis serem insuficientes. Esta forma de lidar com a multidão, meio caseira, “familiar”, conjuga por parte dos habitantes da aldeia soluções imediatas a problemas que surgem, e uma certa alegria de festa que sentem nestes dias, e que os predispõe. Face a este imprevisto, os festivaleiros demonstram um certo encanto, como se conseguissem desta forma penetrar um pouco mais a esfera da aldeia, contactar com os

³População Presente, Censos 2001, Instituto Nacional de Estatística (fonte fornecida pelo mesmo instituto via e-mail)

bastidores da cultura local (MacCannel, 1989), e com a *intimidade* dos seus habitantes. Este festival parece transpor, assim, uma aura de *contra-industrialização* lida na própria atitude dos habitantes, atitude esta que revela também dificuldade em lidar com o crescimento do festival, ou com a intensificação, *massificação* deste, revelando-se para os consumidores como símbolo dos seus ritmos, os mesmos que estes espectadores pretendem experienciar.

O problema que pretendemos, desta forma, tentar perceber assenta no próprio paradoxo aí detectado: um festival de Verão num espaço de aldeia, que remete para particularidades da malha aldeã, mas que, mercê da sangria demográfica e das características inerentes a esse espaço, denota dificuldades inerentes à resposta do evento, e que parte do encanto do festival parece vir, de resto, desta improvisação.

De que *matéria* é feito o *Bons Sons*, que substância o sustenta. De onde surge? De que sobrevive e cresce, então, com força intensa? Que pertinência é esta que o abriga? Qual o seu papel revitalizador e onde se coloca entre fluxos globais e locais? Qual o seu papel para o habitante da aldeia e para aquele que a pretende *viver*?

Associativismo: Contexto Gerador

Ao permanecer duas semanas em campo, e participando pontualmente em alguns eventos do local em estudo, fui-me apercebendo da centralidade do movimento associativista e dos discursos que se desenvolviam em torno deste. Ao abordar diversificadas pessoas, denotava-se uma vontade afincada de referir o SCOCS, Sport Clube Operário de Cem Soldos, a colectividade local que organiza o *Bons Sons*. Ao perguntar sobre a importância do *Bons Sons* para o local, a conversa rapidamente se esgueirava para o papel incontornável da colectividade na vida social e no desenvolvimento pessoal e comunitário dos habitantes de Cem Soldos. Os representantes da geração que tem hoje 70 - 80 anos falava tendencialmente dos festejos “tradicionais”, e do teatro, presente na aldeia desde a sua infância. A geração dos 50/60 anos referia entusiasticamente o surgimento do SCOCS, da comissão de moradores, e uma panóplia de movimentos colectivos da aldeia que fomentaram durante a sua juventude – num período associado aos tempos que se seguiram ao 25 de Abril de 1974 – referindo as memórias em torno do crescimento dos filhos, e as diversas actividades em que estes participaram conjuntamente através do SCOCS. Uma geração mais jovem,

nos seus 20/30 dirigia mais o seu entusiasmo para as suas descrições sobre o seu crescimento e actividades, com especial ênfase na colónia de férias, organizada pelo SCOCS, falando também de forma entusiasta sobre o *Bons Sons* e no orgulho que a sua terra os fazia sentir. Afirmam que, com tantas actividades que sempre decorreram através da colectividade, durante o seu crescimento, sempre sentiram força e facilidade para desenvolver os seus projectos.

Começámos, então, a estabelecer esta relação: a aldeia parece ter tido maior vitalidade num período demarcado por um forte companheirismo mútuo da população. Este companheirismo e um conjunto de melhoramentos locais foram possíveis através de uma Comissão de Moradores que se juntou para combater a falta de meios de distribuição de água na aldeia, especificamente. Depois do 25 de Abril *edificou-se* o SCOCS, canalizando para aqui toda a dinâmica mais ou menos aleatória com a qual se contava anteriormente à data. O SCOCS legalizou-se, então, em 1981 e mesmo em conjunturas menos propícias, parece verificar-se um sem fim de novidades na aldeia, nomeadamente quanto a actividades e à educação das gerações que se seguem a essa data. Os pais desta geração, que impulsionou o *Bons Sons*, fazem parte e edificaram a associação e criaram os seus filhos com o auxílio desta. Esta geração “produzida” pelo SCOCS é a mesma que produz o *Bons Sons*. Os pais parecem continuar presentes, como corpo de trabalho e apoio.

Porquê então o *Bons Sons*? *O SCOCS não pode acabar*⁴. Foi este que lhes permitiu a sua educação, o seu conhecimento, a taxa de sucesso escolar e profissional, e a experiencia a nível cultural que sem ele não teriam a oportunidade, ou pelo menos a “facilidade”, de ter tido.

*“O clube nasce porque a Casa do Povo existia e estava ligada ao regime e nem todas as actividades se podiam fazer. Os dirigentes que lá estavam eram sempre pessoas muito mais idosas, mais ligadas ao regime e houve necessidade de a malta criar isto...”*⁵

Em corte com a estrutura da Casa do Povo, que faria parte do aparelho corporativo do Estado Novo, este grupo aproveita a conjuntura revolucionária para criar a Comissão de Moradores e o clube desportivo que justificasse à FNAT ou INATEL o investimento de construir uma instalação de raiz na aldeia, acabou por o conseguir. De

⁴ Afirmação implícita em muitos dos discursos sobre o *Bons Sons*, captados dos habitantes da aldeia

⁵ António Craveiro, tesoureiro do SCOCS, 2011

forma independente e unitária, afirmam que foram promovendo o *bem-estar* social, cultural e recreativo da aldeia de Cem Soldos.

Quando em 1981 o SCOCS se conseguiu legalizar, fê-lo independente da estrutura associada à Casa do Povo pela “falta de espaço para determinadas práticas”. Assim se iniciou, em 1981, todo um conjunto de actividades desportivas, culturais, recreativas, colónias de Férias dos mais pequenos e dos mais velhos, viagens organizadas, apoio e promoção das “tradições” locais.

Superada essa fase, confrontam-se com a saída da geração entre os 18 e 30 anos da aldeia, para estudar, a mesma geração que é *filha* do SCOCS. Na actualidade verifica-se um retorno: quase todos fazem parte actualmente da direcção do SCOCS. Aparentemente, conseguiram com uma taxa de habilitações formais elevada, e atribuem ao SCOCS o estímulo à aprendizagem durante o seu crescimento. É relativamente comum encontrar elementos desta mesma geração a planear acontecimentos dentro das suas áreas de competência para a aldeia.

Assim, e neste contexto, aparece em 2006 uma espécie de *boom* de eventos em Cem Soldos, designado “Acontece Cem Soldos”, onde se experimenta a primeira edição do Festival *Bons Sons*, de repercussão e dimensões muito menores dos da edição de 2010, assim como muitas outras actividades propostas pela população. Ao conversar com elementos variados da população verifica-se que a atitude em relação à edição seguinte é sempre expectante. É geral a reacção “se para o ano houver...”, devido à incerteza da força e da disponibilidade imensas que são necessárias à concretização do festival. Põem-se também em dúvida os apoios financeiros à colectividade, fundamentais para encorajar esta continuidade. Mas, assim como se duvida, também já se ouvem planos para a próxima edição.

A aldeia e os seus habitantes vão-se modificando a ritmo acelerado e é comum a referência a que “o *Bons Sons* pôs Cem Soldos no mapa...”. O mapa de Cem Soldos também se altera em função do *Bons Sons*, sendo que passa a surgir a necessidade para o albergar e aos seus visitantes. Todo o processo de alterações é decidido com a mesma lógica inerente ao festival: as reformas a nível urbano são desenhadas e o resultado final passa posteriormente, pela aprovação decidida em assembleia dos habitantes da aldeia. Pretendemos, assim, perceber o percurso que o SCOCS fez ao longo da sua existência,

na aldeia, qual a sua importância e de que forma é que a sua desenvoltura se perpetua através do *Bons Sons* e no *Bons Sons*.

“Venha Viver a Aldeia”⁶ – Emblematização e Consumo do *Local*

Parece inevitável referir o papel e contraste entre as ideias de campo e cidade, e a relação que se estabelece na contemporaneidade entre estes dois pólos, assim como os discursos produzidos para analisar tal relação. Como lembra Raymond Williams (1973) a cidade representa um extremo, um sobredesenvolvimento, enquanto o campo tende a representar valores simbolicamente opostos. A cidade é a aceleração de vida, a sua *liquidez* (Bauman, 2000), enquanto que o campo representa um ritmo mais lento, mais enquadrado no passado (Williams, 1973), como se ainda não tivesse atingido o *exagero*. Ao visitar este compasso e ao *vivê-lo*, temos a ilusão de “retomar” uma determinada *pureza* escassa, exótica, agregada à ideia de *autenticidade*, como se pudéssemos fazer do campo uma máquina de visita ao passado (Lowenthal, 1985). O passado e o *campo* parecem ser as *raízes* - história - através dos seus alegados modos de vida, as suas formas de produção, e a experimentação destas. O próprio festival parece assumir o papel de uma *maquinaria patrimonial* (Jeudy, 2001). Pretendo também explorar a forma como a ideia de aldeia é emblematizada como veículo e terreno de experimentação, de um estilo de vida *comunitário* e representativo dos referidos modos de vida, através da revisitação de alguns conceitos centrais à denominação de “cultura popular”, aqui tendencialmente uma abordagem pastoral (Williams, 1973). Os seus ritmos, os seus valores e seus saberes, *sacralizados*, enquadram também um papel mercantil, associado a uma incontornável produção de diferenciação. Por outro lado, detecta-se igualmente uma dimensão contra-pastoral, na medida em que o *Bons Sons* parece representar um símbolo procurado de “contemporaneidade” da aldeia e, portanto, de desagregação de adjectivos como “atrasado” ou “cristalizado”. Desta forma, pretendo analisar a forma como esta aldeia se fecha, durante o festival, e se torna um local de experiência e experimentação de vidas, através de um contacto directo com o *popular*, diferenciando-se num duplo sentido entre o *pólo de consumo e de produção*. Por um lado, o festivaleiro surge como um consumidor do local esperando experienciar *autenticidade*, prometida no facto de o festival decorrer no interior duma aldeia e nos seus estabelecimentos. Por outro lado, observa-se os próprios habitantes em contacto com

⁶ Slogan promocional do *Bons Sons*

novas realidades, em simultâneo entusiasmados com tal situação, e perturbados com o desconhecido e os desconhecidos na sua *casa*. Estes dois processos parecem contradizer-se, na medida em que o festivaleiro quer consumir um produto de valor *cultural*⁷ acrescentado, que remete para as raízes através do contacto com o *popular*, e muitos habitantes da aldeia pretendem *sair para além* do seu contexto, experimentando novas facetas e expandindo-se para fora da aldeia, nomeadamente através dos *media* e da divulgação da sua aldeia. Durante o festival, ouvia-se alguns comentários dos festivaleiros que demonstravam este paradoxo: “Acho que isto está a crescer demais, tem demasiada gente este ano (2010), já parece um Sudoeste⁸”. Ou seja, o facto do festival se expandir, em consequência do seu sucesso através deste consumo de *experiência diferenciada*, acaba por negá-la porque faz o espectador sentir-se mais um. Projecta o festival para a ideia de evento de *massas*⁹, assim perdendo a associação à ideia de especialidade e preciosidade, a que as experiências de *massas* se opõem simbolicamente. Esta ideia remete constantemente a um *outro* (Godinho, 2010), em que o próprio não faz parte das *massas*, mas de um nicho. Quando o festival se começa a esgueirar para as *massas*, perde espaço exclusivo.

Estes processos geram uma espécie de encenação, não na atitude de grande parte dos habitantes que encaram o processo festivo com alguma noção da sua quota-parte de interesse para o visitante, embora não sendo demasiado fundamental ou condicionante da sua atitude. Parece-me que o interesse em participar no grupo de trabalho que compõe o festival, que é o mesmo que organiza o seu quotidiano, e muitas outras actividades ocorrentes ao longo dos anos, é maior e central no caso. A encenação dá-se mais no perfil aparatoso da malha urbana da aldeia, que se torna quase um cenário, tendo em si vários pólos que alteram o seu papel e funções, durante estes três dias, gerando assim um *display* ocasionado e assumido durante este período (Dicks, 2003).

É também fundamental uma abordagem à ideia de *comunidade* como propiciadora de *identidade*, tentando perceber os usos que a própria população faz do *Bons Sons* para se *imaginar* (Anderson, 1983) a três níveis: para produzir uma imagem

⁷ Segundo a noção de cultura de Raymond Williams (1976) que a remete na contemporaneidade para as artes: “cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema” (Williams, 1976:80) referindo até a aplicação deste sentido à criação de um Ministério da Cultura.

⁸ Festival de Verão promovido pela rede de telemóveis TMN, utilizado no caso para referir um “festival de massas” e com *propósitos comerciais*.

⁹ Essas que são sempre remetidas para o sentido do alheio (Godinho, 2010), encaradas com desvalorização pela sua ligação à produção industrial, standardizada, considerada de pouco valor, como *mercadoria*, movida por interesses comerciais e não *autênticos*.

sua para si, para partilha entre a população, e integrando as lógicas sociais que este veicula. Tentaremos perceber também o papel do festival para mostrar e apresentar a aldeia ao exterior, no sentido de unir ao nome de Cem Soldos algo distinto e imediato, que a publicite.

Contexto que Emerge

Num contexto que muda, e que é trespassado de ano para ano com cada vez mais intensidade de eventos e mais aproveitamento de espaços para a exibição da aldeia, com as visitas a aumentar permanentemente será incontornável também referir os contextos gerados a nível local pela entrada do *Bons Sons* em cena, tentando perceber um período “pré-*Bons Sons*” e a actualidade. Muitos habitantes parecem agora mais acostumados a visitas e à permeabilidade de *culturas urbanas*, que a princípio estranhavam e desconfiavam, mas que actualmente aceitam com cada vez maior naturalidade, e até simpatia. A agitação e a confusão, os olhares curiosos e interessados em si, a mediatização do local, e a sua projecção para o exterior, surgem como vantagens e compensações, que se associam ao surgimento da sua aldeia e do seu trabalho em jornais e na televisão.

As ideias que fervilham na cabeça dos jovens que habitam permanente ou momentaneamente a aldeia parecem dirigir-se ao “melhoramento” da sua aldeia. Começam a projectar a realização de diversos projectos culturais, como a projecção de vídeo para a população e residências de grupos de teatro. Esses projectos fazem-se acompanhar por uma aura de “aldeia global” e “cultural”, que tem por objectivo esse mesmo desenvolvimento. Parecem sentir facilidade porque a aldeia se encontra equipada e pré-disposta para tal e porque ela própria é uma espécie de equipa, que se dispõe a colaborar com estes projectos, e a facilitar o seu acontecimento.

Tencionamos perceber melhor de que forma o *Bons Sons* poderá ser um produto de associativismo, e, uma expressão muito forte deste, sob diversas formas aparentes. É assim na pré-disponibilidade da aldeia, na colaboração, na edificação, no seu decurso e planeamento, como no sentido em que isto se reflecte no modo como é consumido pelo “festivaleiro”. O associativismo espelhado na lógica construtiva do festival será um factor *especial* da aldeia, que também lhe confere diferenciação, tido como raro e exótico, pelo seu carácter *singular* na contemporaneidade.

A geração que o impulsiona, a nosso ver, é um *produto* do associativismo tão reivindicado pelos seus pais, e o *Bons Sons* é um *subproduto* deste. É uma espécie de expressão máxima da convergência de forças que se vêm a afirmar como centrais a estas gerações crescidas entre o meio rural e urbano.

O *Bons Sons* apresenta-se como uma materialização de todo um esforço comum da aldeia para se desenvolver, e é o evento que sobressaiu entre os outros, projectando-se para fora. Tal deve-se à associação que faz ao *espectáculo* e, provavelmente, por usar uma linguagem multivocal da cultura, permeando assim, a aldeia com outras realidades e ritmos, procedentes de um novo contexto em desenvolvimento, que pretendemos detectar e perceber melhor.

I. De que Matéria é Feito

I.1 O que é o *Bons Sons*

Ao comparecer ao evento *cultural* Pecha Kucha Night Lisbon # 8¹⁰, intrigou-me o facto de o festival de Verão *Bons Sons* surgir intercalado com apresentações no âmbito das várias propostas em diversas áreas criativas presentes.

O Pecha Kucha Night é um evento que acontece aproximadamente de três em três meses, e que pretende, de forma pouco exaustiva, apresentar vinte projectos que se tenham desenvolvido nos “últimos tempos” e que sejam dotados de importância na sua área de competência, partilhados então com o resto da *comunidade* criativa presente. Intrigou-me, então, o porquê de estar representado em tal evento um festival de verão, termo que é vulgarmente associado a entretenimento, férias, lazer.

Mas a abordagem aqui seria outra. No meio de uma multidão que assistia à referida apresentação, surgiu uma lagartixa vermelha de grandes dimensões, em feltro. Esta lagartixa, a mascote do festival *Bons Sons*, neste caso em tamanho aumentado, circulava de mão em mão, por cima das cabeças da multidão, enquanto a apresentação prosseguia. O apresentador era Luís Ferreira, director artístico do festival e originário da aldeia que dá vida ao festival. Enquanto o tempo passava, ia-se clarificando o porquê do *Bons Sons* estar em palco para uma tal plateia: seria um evento musical, passado no interior da aldeia, na sua malha *urbana*, que usava as próprias infra-estruturas da aldeia, as mesmas que fazem parte do seu quotidiano e da *vida* da aldeia, que *são* a aldeia. Para além disto, o *Bons Sons* era construído, concebido e edificado por esta mesma população que a *vive*. Era apresentada uma promessa de “viver” numa aldeia, de a experienciar. Descrevia uma atitude ética¹¹, a de consumir uma especificidade, algo que é apresentado em *vias de extinção* (Jeudy, 2001): a ruralidade, o campo no seu sentido simbólico, a calma, as relações humanas estreitas, próximas, um badalado sentido comunitário, de dedicação de tempo e companheirismo que fazia viver o festival, assistido por trabalho voluntário.

¹⁰ Museu da Electricidade, Maio de 2010

¹¹ Que acompanha muitas das motivações contemporâneas de “consumir o que é *nosso*”, de revitalizar espaços desvitalizados.

Reforçando este sentido, e ainda na mesma apresentação, foi dado a conhecer ao público que a lagartixa Tixa, mascote do festival, se trataria de uma mascote feita em conjunto pelas senhoras, em grande parte as mais velhas, da aldeia. Este objecto foi apresentado como uma *objectificação* de todo este conceito inerente à “festa de Cem Soldos”¹²: algo que encarna o *amor*, dedicação e companheirismo da *vida na aldeia*. Transparecendo tal posicionamento, igualmente de modo incisivo, será o espaço na internet dedicado à edição do *Bons Sons* de 2010: encontramos diversas imagens das ruas, das casas de Cem Soldos, coladas numa imagem que compõe e preenche um imaginário de aldeia. Lá atrás das casas espreitam árvores, onde se podem avistar tendas - como se passará no parque de campismo dos *festivaleiros*; nas ruas avista-se um senhor grisalho a andar de bicicleta. Esta calma e *paz vernacular* (Dicks, 2003), é concludida sobre um ambiente luminoso e soalheiro. Para reforçar tal ideia, o som que nos acompanha durante toda a visita a este sítio é o de passarinhos a *cantar*, completando uma espécie de ambiente idílico, que nos convoca a experimentá-lo. Nos cartazes promocionais, também eram observáveis as “casas da aldeia” em torno de uma esfera, como se transpusesse a ideia de mundo. Mundo - aldeia. “Venha Viver a Aldeia” é o que impera no *slogan* do festival, enquanto se consegue compreender a importância conferida à questão do local e às suas características neste consumo, quando lemos neste mesmo sítio da internet, uma secção destinada a apresentar alguns pormenores do local e da música que ele nos apresenta. Existem dois pesos nesta balança: a música e o *local*¹³. A música que é aqui apresentada assim como as bandas que a executam remetem para um *espaço* e para as suas características específicas. Por sua vez, encaminham para a história do conjunto enquanto país: as bandas apresentadas em 2010 cantavam todas em português, reflectiam nos seus acordes os instrumentos *tradicionais* portugueses, música mais urbana, e no caso *bairrista*, música mais ligada às fainas, a uma ruralidade que se pretende reavivar na memória como raízes daquilo que *somos*. Em todas as edições se convida um representante de um país cuja língua e cultura portuguesas façam parte do seu aparato, diferenciando-se o país escolhido todos os anos.

¹² Nome pelo qual é por vezes tratado o festival *Bons Sons*.

¹³ Quando referimos local, pretendemo-nos dirigir a um *pacote* de características que lhe dão consistência e que são apresentadas como próprias e identitárias e que se reflecte no aspecto *físico e psicológico* do festival.

A organização é da responsabilidade do SCOCS, Sport Clube Operário de Cem Soldos. Esta organização, promotora de actividades no âmbito do desporto, cultura, recreio e também da prestação de apoio social, é constituída por habitantes da aldeia, essencialmente jovens entre os 18 e 30 anos. Na prática, é o produto de um trabalho de uma abrangência muito superior de faixas etárias. A sede do SCOCS é uma das principais infra-estruturas do festival e também de apoio ao seu período de implementação. Este, ao longo do ano, organiza e projecta o *Bons Sons*, emprestando também a sua sede para encontros pontuais durante determinados dias da semana para o programa “Avós e netos”, onde as senhoras mais velhas da aldeia se encontram, algumas levando os seus netos, para cumprir uma meta de imensas Tixas. Estas mascotes do festival irão transformar-se posteriormente em *pins*, ganchos de cabelo, ou os populares porta-chaves vendidos durante o festival. O valor monetário obtido irá reverter a favor da associação, já que o trabalho destas senhoras é voluntário.

A organização descreve o evento como uma plataforma de divulgação de música portuguesa emergente (Craveiro e Silva, 2011), cruzando-a com projectos consagrados, com os quais as bandas emergentes estão claramente em harmonia na sua estética musical, performance, ou até na escolha dos instrumentos musicais. Para além disto é central e constitui o fundamento deste acontecimento que é o festival, o objectivo de dinamização da aldeia.

Na verdade, quando se começa a conhecer a aldeia de Cem Soldos, e as suas *gentes*, começa a tornar-se claro que esta é uma actividade megalómana, tanto em termos de mobilização da aldeia, da abrangência territorial e etária, como da enchente de visitantes que causa. Foi-se constituindo como uma espécie de referência para o concelho de Tomar, posicionando-se ao lado de eventos como a «Festa dos Tabuleiros», que chama muitos milhares de visitantes ao concelho, embora no caso do Bons Sons seja algo de recente, de carácter diferenciado, com um público e um palco distintos. Em conversa com os habitantes de Cem Soldos, começamo-nos a aperceber de um dinamismo existente com mais visibilidade desde os anos 60 do século XX. O SCOCS terá sido a espinha dorsal deste movimento. Mesmo antes de existir como instituição, existia através de indivíduos *independentes* que se uniam frequentemente para “fazer acontecer”, para melhorar a aldeia de Cem Soldos. Mais tarde, no rescaldo da “revolução dos cravos”, uniram-se para existir como instituição. Assim, o *Bons Sons* é uma das múltiplas actividades que acontece durante o ano na aldeia de Cem Soldos.

Compreendeu uma escala incomparável, mas interiormente à aldeia é relativamente nivelado com a importância que será dada aos restantes eventos mais íntimos e circunscritos. Verifica-se aliás que um momento que acontece anteriormente ao festival e que se poderá dizer íntimo da aldeia - em que se estabelecem grupos de trabalho para edificar o festival - será um dos instantes de grande impacto interno. Este momento é aproximado às restantes actividades que constituem a aldeia de Cem Soldos, embora congregue mais gente, pela sua dimensão, usando a ajuda de toda a aldeia para se concretizar. Trata-se de dias de imenso trabalho, “muito pesados”, em que o SCOCS pede ajuda à população. Conforme as disponibilidades e as possibilidades, vão-se reunindo e *fazendo acontecer*, entre convívio e cansaço.

Dias antes, *a terra* parece um “parque industrial”, em que entram e saem camiões, demasiado grandes para as estradas estreitas. Descarregam-se peças industriais, inicia-se um projecto de montagem de palcos, algo inédito no local em questão e contrário ao silêncio e quietude com a qual os habitantes estão habituados a lidar. “Como é que uma aldeia, uma coisa pequena pode ter esta aparência?”¹⁴

O *Bons Sons*, actualmente com três edições realizadas, e em crescendo, surgiu na sua primeira edição planeado para acontecer uma semana antes da festa patronal da povoação de Cem Soldos. Assim na tentativa de rentabilizar esforços e as infra-estruturas montadas para a edição do *Bons Sons*, como é o caso das barracas de venda de senhas e alguns comes e bebes, e o palco, que até à última edição ocorrida, em 2010, era apenas um e o mesmo do arraial. Com o crescimento do festival, teve de se passar a alugar palcos para as bandas, devido à dimensão e proporção que estaria a atingir. Actualmente, não seria proveitoso manter o aluguer deste palco durante uma semana até à festa de arraial, e este é desmontado para reduzir custos. Posteriormente, é montado o palco para a festa de arraial, habitualmente arrecadado no armazém do SCOCS.

A primeira edição surge num conjunto de eventos programados para a aldeia, o chamado «Acontece Cem Soldos», ocasião celebrativa do 25º aniversário do SCOCS. O director artístico do *Bons Sons*, também ele membro da direcção do SCOCS, afirma que se pode demarcar no método de operar da aldeia, e no SCOCS, um “antes do Acontece Cem Soldos”, e um “após”. Os acontecimentos da aldeia e na aldeia, passariam a ser demarcados por uma disciplina *projectual*, por uma fase anterior de explanação de metodologias e conceitos, que anteriormente a este acontecimento seria mais escassa. A

¹⁴ Cristina Mourão, Janeiro 2011

primeira edição seria uma espécie de experiência, mas também um evento de grande aposta e expectativas patente num programa onde todas as semanas havia actividades, onde as pessoas constituintes da direcção teriam de dar um contributo e mostrar como cada um, na sua área de formação ou interesse, poderia transformar o evento em conhecimento partilhado com a restante *comunidade* participante¹⁵. Como exemplo, existiu um pequeno evento de cariz universitário, de experimentação, na aldeia, onde a Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha, do Instituto Politécnico de Leiria, instituto onde o director artístico se licenciou, viria a realizar uma exposição com a turma de Design Industrial no «Armazém¹⁶» da aldeia. Foi nesse ano, 2006, e com este acontecimento que o centro de exposições foi inaugurado, e que se criou um ciclo contínuo de *workshops* na aldeia, tendo sido estreado o programa «Avós e Netos»¹⁷.

O teatro é uma actividade que já existe há muito na aldeia, não havendo documentações específicas acerca do início desta prática. Os que agora se encontram nos oitenta anos de idade revelam que se recordam do teatro como uma actividade central na aldeia desde a sua infância. Assim, o teatro esteve presente nesta aldeia desde que quem pode testemunhar tem memória, passando por momentos mais fortes e por momentos mais fracos. Actualmente, existe um grupo de teatro, ULTIMAcTO, que desenvolve actividades regulares e também apresentações exteriores à aldeia, assim como uma Mostra que traz anualmente à aldeia vários eventos relacionados com esta actividade. Existente com esta denominação desde 1989, opera no Auditório da aldeia, que em tempos teria sido a Casa do Povo da Madalena. Obsoleta na sua função de Casa do Povo, passou a ser um palco para estes ensaios, um palco para receber espectáculos variados, que também tem o seu papel de itinerário do recinto do *Bons Sons*. No *Bons Sons*, os jovens da direcção do SCOCS que contribuem a nível da concepção, são também os responsáveis por este grupo de teatro. Segundo Luís Ferreira¹⁸, este evento tem vindo a interferir, também, na própria forma de agir do referido grupo de teatro, dando-lhe um aspecto mais “profissional”. No final do primeiro ano, em 2006, após a reunião no “Acontece Cem Soldos”, decidiu-se que o *Bons Sons* seria um

¹⁵ Luís Ferreira, Janeiro 2011

¹⁶ O Armazém, teria sido em tempos um armazém das actividades agrícolas realizadas nos terrenos dos moradores mais abastados da aldeia, actualmente foi cedido pela família proprietária, que se encontra fora de Portugal, como centro de exposições, habitualmente organizadas pelo SCOCS.

¹⁷ O programa «Avós e Netos» surge com a finalidade de fazer com que duas gerações “opostas” troquem experiências, que se ensinem mutuamente duas formas de interacção e produção muito diferentes (a *tradição*, avós; a *contemporaneidade*, netos). Este programa seria um dos mais mediáticos e emblemáticos do festival, no âmbito do qual seriam produzidas as Tixas.

¹⁸ Janeiro de 2011

acontecimento que definitivamente teria força e pertinência para continuar, e assim esta aposta permaneceu firme. Em 2006, o parque de campismo era de dimensões relativamente reduzidas, muito perto do centro da aldeia, devido a uma fluência menor de visitantes que na última edição. As bandas convidadas seriam conhecidas do director artístico, e representavam ou exploravam representações da *música portuguesa*, na sua vertente mais *pura*, menos *comercial*, mais afastada da ideia de *massas*. Esta edição divulgou-se de uma forma mais casual, com poucos meios oficiais, fazendo circular a informação entre as pessoas. O palco era apenas um, situado no largo do Rossio, o largo maior de Cem Soldos, onde podemos encontrar também a igreja de S. Sebastião. Realizado uma semana antes da festa patronal da população, momento de convívio muito prezado pelos habitantes e bastante atraente para as populações dos arredores, a intenção seria poupar esforços e rentabilizar todo o tempo e dedicação necessários para a edificação do *Bons Sons*, e aproveitar as infra-estruturas no caso o palco, que é propriedade do SCOCS, e algumas barracas de “comes e bebes”. Sendo de programa atraente, a organização explica que as pessoas apareciam curiosas com o *Bons Sons*, e com o seu desenrolar, com o acréscimo de não se pagar para entrar.

Segundo descrições por parte da população e da organização, foi um período anterior ao *Bons Sons* muito apreensivo, este primeiro, pois as pessoas encontravam-se assustadas com o que viria por aí, com a promessa de uma multidão de *culturas urbanas*, de aceleração, exigência, e *estrangeiros*.¹⁹

O *Bons Sons* decorre nos anos pares, sempre na terceira semana de Agosto, sendo que a festa patronal será na quarta semana ou no último fim-de-semana desse mês. A festa de arraial de Cem Soldos seria dos eventos mais importantes da freguesia da Madalena em termos de participação e sucesso, mas actualmente será o *Bons Sons*.

Ao participar no almoço comemorativo do 29º aniversário do SCOCS, em 2010, cerca de um mês após o *Bons Sons* e festa de Arraial, podia-se perceber toda a centralidade que o evento havia adquirido nas actividades da aldeia. Este almoço constitui anualmente um encontro entre grande parte da população. As refeições são intercaladas com apresentações do grupo de teatro ULTIMAcTO, e contam com a presença dos órgãos institucionais mais influentes na aldeia. Através de uma apresentação de slides, apreciavam-se as actividades desenvolvidas na aldeia naquele ano. O *Bons Sons* era frequentemente convocado nesta revisão, sendo que grande parte

¹⁹ No sentido de não pertencentes ao seu habitual espaço.

desta apresentação lhe era dedicada. No final, após a passagem de determinadas imagens-resumo do que a edição de 2010 havia sido, surgiu a passagem de um filme²⁰, uma espécie de revisão com vários comentários por parte de diferentes agentes do festival. No momento em que este acabava de ser exibido, poder-se-à dizer que as pessoas naquela sala estariam emocionadas, e a aplaudir entusiasticamente. Numa mesa à parte, encabeçando o salão da refeição podia-se ver o director artístico do festival e membro da direcção do SCOCS, com outros membros da colectividade e com o presidente da Junta de Freguesia, que entusiasticamente felicitou a aldeia pelo seu trabalho, empenho e exemplo, num tom orgulhoso.

Quanto à *imagem* comunicada, à linguagem visual que o evento transmite, poder-se-à apontar desde já o seu nome, *Bons Sons*, algo distinto por transmitir uma espécie de honestidade ou modéstia, não dando a ideia de projecto megalómano, mas algo próximo, pessoal, reconhecido e familiar. Começando pelo nome no idioma português, e acompanhando toda a lógica inerente ao conceito, vivências, valores simbólicos que este tende a traduzir. A mascote e logótipo do festival, a lagartixa Tixa será uma espécie de síntese de tudo isto que o festival transporta na sua aura: um animal da *terra*, do campo, dançante, de cores vivas e quentes, e o mais emblemático, feito em conjunto, fruto de encontros das senhoras mais velhas da aldeia, de forma voluntária, transpondo, desta forma, para uma ideia de algo resultante de afecto, *coração*, alma, e que “espelha uma noção comunitária”²¹.

Luís Ferreira, afirma que a feitura e esta “noção comunitária”, tanto quanto a música portuguesa, são os dois posicionamentos centrais do festival *Bons Sons*, “que o tornam diferente e bonito”. Juntando-se ao facto de ser inserido na malha aldeã de Cem Soldos, e ainda por ter sido fechado o recinto e, portanto, a aldeia, o que ainda inflaciona mais a ideia de situar, “quase de aldeia medieval”.

A 2ª edição, no ano 2008, é vulgarmente referida pelos habitantes de Cem Soldos como a “primeira edição”, por ter sido relativamente maior que a edição de 2006. Entre a primeira e a terceira edição, o festival aumentou notavelmente em proporção, tanto no número de visitantes, como no esforço da aldeia. Assim, ampliou-se o número de envolvidos, o número de palcos, o recinto do parque de campismo, o número de espectáculos, o mediatismo, o número de instituições envolvidas, assim

²⁰ Poderá ser visto no seguinte endereço electrónico: <http://www.youtube.com/watch?v=y7jP1nc6U-c>

²¹ Luís Ferreira, 2011

como os apoios e patrocínios. Nas duas primeiras edições, o lucro do *Bons Sons* foi nulo e até negativo. Neste sentido, os habitantes sentiram-se um pouco desanimados, pois a motivação para estes se envolverem de forma voluntária na concepção deste festival é incentivada pela ideia de que o seu trabalho vai reverter de alguma forma para o SCOCS, recompensando a sua importância para a aldeia ao longo dos anos, e empregando o produto deste esforço colectivo nas actividades promotoras da melhoria de vida dos habitantes de Cem Soldos. Por um lado os habitantes começaram a sugerir que se modificasse o estilo musical do festival, aproximando-o de um estilo musical mais *popular*, considerando que as bandas que teriam representado o festival poderiam não ser as mais acertadas. Esta espécie de resolução prática do problema demonstra a estranheza que o conceito deste festival enquanto linguagem²² (para o seu consumidor) provoca o seu interior, ou seja, não houve uma percepção que seria aquele estilo musical *selecto*, que determinava o sucesso do festival. Por outro lado, começou a surgir a proposta de que este fosse efectuado no ringue desportivo de Cem Soldos, traduzindo novamente esta estranheza, não percebendo à partida que o seu espaço e os ritmos do interior da aldeia seriam determinantes para o sucesso deste festival. Esta deslocação para o ringue, teria sido algo que já havia sido experimentado também na festa de patronal da população, mas ao que parece não resultou. Esta vontade deriva dos momentos incisivos de três dias que se traduzem em caos, perturbação do espaço aldeão e da sua fluidez, assim como seria a reacção a algumas más experiências ocorridas na segunda edição do *Bons Sons*, em que alguns dos visitantes permaneceram mais tempo para além dos dias do festival acampados no largo principal.

Na terceira edição o cenário foi diferente, pois havia uma equipa de segurança que controlava a entrada e saída no festival, determinando três entradas. Neste caso, a aldeia estava, agora, determinada como recinto do festival, ou seja, o perímetro da aldeia seria o do festival, espacialmente determinado através das casas que rodeiam o centro da aldeia. A referida equipa de segurança controlava o trânsito de pessoas pelas três estradas alcatroadas que dão acesso à aldeia, sendo que os carros não poderiam circular aqui, condicionamento que já se nota na semana que antecede o festival. Este foi também o primeiro ano em que existiu uma equipa de voluntários externos à aldeia,

²² Enquanto processo de significação e comunicação, possuidor de um código próprio através do qual as práticas ganham sentido (Rosales, 2011) sendo que o conjunto da musica representada no festival vai de encontro a uma coerência de consumo *cultural*, sendo portadora de “significações assentes num código cultural e social” (idem:24)

sendo anunciado no jornal «O Templário» a admissão de 300 voluntário (Templário, 22 de Junho de 2010). Os voluntários, externos como internos, assim como os habitantes, à partida colaboradores com o evento, salvo algumas excepções²³, possuíam uma pulseira²⁴ azul. Os visitantes regulares, que pagariam pela primeira vez, em 2010, o valor de dez euros para aceder ao recinto, seriam sinalizados com uma pulseira cor de laranja. Isto gerava uma curiosa distinção visual entre quem seria da aldeia e quem seria externo, produzindo por vezes manchas azuis ou laranjas, traduzidas em grupos de pessoas que estariam distribuídas pelas suas actividades de trabalho, ou a assistir aos variados espectáculos. Poderia ver-se as pulseiras azuis com frequência em determinados cargos de trabalho, tais como assistência aos palcos, venda de senhas, nos serviços de restauração, na manutenção do parque de campismo, no controlo do trânsito automóvel, etc. Existiam cinco parques de estacionamento, que resultariam de campos arenosos e amplos, terrenos particulares de habitantes de Cem Soldos, situados na periferia da aldeia, cujos proprietários os teriam cedido para tal fim, depois de limpos de arbustos e mato selvagem. Seguindo pela estrada da Madalena, a estrada que liga Cem Soldos ao lugar da Madalena, ir-se-ia encontrar o terreno que havia sido destinado para parque de campismo, um terreno de grandes dimensões sem quaisquer edificações, arborizado e, portanto, dotado de sombras. Teriam sido instaladas algumas estruturas que seriam os balneários e tanques que serviriam de lavatório. Encarregues de vigiar este terreno, assim como de controlar o trânsito, estava a equipa de escuteiros de Cem Soldos.

Segundo o estudo de Craveiro e Silva (2011), a maioria dos inquiridos tenderam à utilização do parque de campismo do festival, enquanto outros ficaram instalados na casa de amigos, de familiares ou em casa própria. 9% dos inquiridos, deste seu estudo de públicos, indicam um outro tipo de escolha, como residenciais ou pensões em Tomar, assim como o parque de campismo municipal de Tomar, unidades de turismo rural das proximidades, ou mesmo o aluguer de uma casa em Cem Soldos, sendo esta a opção mais inserida no *íntimo* da aldeia.

²³ Durante as entrevistas e conversas com os habitantes de Cem Soldos, revelou-se que haveriam habitantes com direito à pulseira azul, que teriam optado por comprar a entrada no festival, como símbolo de mais uma contribuição para a colectividade, passando então a portar uma pulseira cor-de-laranja.

²⁴ Pulseiras vulgarmente utilizadas para notificar que o indivíduo tem acesso a um perímetro do festival ou festa.

O transporte para o festival foi providenciado pelo SCOCS através de algumas viaturas que fariam a transferência entre o festival e estação de comboios do Paialvo e de Tomar, as mais próximas da aldeia.

Esta edição seria pautada por 21 espectáculos de música, distribuídos pelos diversos palcos. Seria uma novidade também o facto de existir dois palcos cujos nomes se inserem na mesma lógica dos dois pontos essenciais apontados para definir o festival: o palco principal Lopes-Graça²⁵, “*em homenagem a este Tomarense considerado um dos maiores compositores do sec XX*” (Cidade de Tomar, 10 de Junho de 2010), onde se poderiam ver concertos no início da noite, os de maior audiências; e o palco Giacometti²⁶, “*responsável por uma das mais valiosas recolhas de música tradicional Portuguesa*” (idem), onde se poderiam ver concertos de final de tarde, mais acústicos, imediatamente antes dos concertos do palco Lopes-Graça. O palco Lopes-Graça, o maior e principal seria instalado no largo do Rossio, enquanto o palco Giacometti, de menores dimensões, estaria instalado no largo de S. Pedro. Neste sentido, retorna-se à representação e a uma espécie de tentativa de celebração de duas representações de peso no panorama português, referenciando a história e, no caso, quem contribuiu para a sua manutenção relativamente à música portuguesa celebrada no festival. Os espaços que se têm vindo a reaproveitar, para as carências de edificação da aldeia, especialmente para mostras *culturais*, são apresentados no *Bons Sons* como parte integrante do seu mapeamento de espectáculos.

É o caso da antiga Casa do Povo da Madalena, onde actualmente se situa o auditório da aldeia, onde funciona o grupo de teatro. Durante estes três dias serve de auditório da programação do *Bons Sons*, tendo sido palco de algumas performances ou passagem de filmes nesta ocasião. Aí teriam lugar dois espectáculos de artes performativas e a passagem de curtas-metragens, com ligação à Escola Superior de Tecnologia de Abrantes. A igreja de S. Sebastião, o palco «Música na Igreja», torna-se, durante a tarde de sábado, o lugar para projectos mais acústicos, cuja sonoridade é mais “leve”. A aceitação por parte dos frequentadores da igreja a esta apropriação é

²⁵ “Nascido em Tomar, em 1906, Fernando Lopes-Graça iniciou os seus estudos musicais na sua cidade natal, tendo-os concluído no Conservatório Nacional de Lisboa. O seu encontro com Michel Giacometti data de fins da década de 50. O primeiro fruto desta colaboração nasceu em 1960. Ambos, em 1981, editaram o Cancioneiro Popular Português.” (retirado da brochura do festival *Bons Sons* '10, 2010)

²⁶ “Giacometti criou os Arquivos Sonoros Portugueses (ASP), em finais de 1960, e convidou o compositor Fernando Lopes-Graça a colaborar no projecto. Percorreu o país nas décadas seguintes, até 1982, tendo gravado cantores e as músicas nacionais que o povo cantava no seu quotidiano. Com Lopes-Graça lançou a “Antologia da Música Regional Portuguesa” editada pela ASP em cinco volumes” (idem)

caracterizada pela ausência de objecções a este movimento, todavia, retira-se, na ocasião, a figura do Santíssimo Sacramento do altar, que se torna a colocar ali no final da apresentação. No domingo, a escadaria da igreja seria outro palco, para os grupos apelidados de “mais etnográficos”²⁷, palco este que teria o nome de «Tardes ao Sol». Outra parte integrante do circuito do festival será o anexo da igreja, onde habitualmente existem aulas de catequese para as crianças, mas que na ocasião representa uma espécie de um local de descontração para os artistas participantes no festival. O edifício do antigo armazém, intitulado de «Armazém» serve para realizar exposições nos dias de festival. Em 2010, exibiu duas, sendo uma delas de alguém originário de Cem Soldos. A sede do SCOCS, é nestes dias, um local de apoio ao festival. Aí se encontram os membros da direcção para fazer pontos de situação, e ali existe uma pequena área, que não se expande muito para além da entrada deste edifício, que é o ponto de informação do festival onde se podem comprar as t-shirts com o logótipo do *Bons Sons* ou com a imagem da mascote Tixa, ou a própria mascote. Foram utilizadas casas particulares, uma para encenar um local de restauração - a «Casa da Avó Bia», assim chamada durante o festival, num pátio emprestado para o efeito - e outra no interior de uma casa privada que já havia sido conhecida por “Tasca da Sangria de Cem Soldos”²⁸, por ter uma receita própria e muito popular nos arredores da aldeia. Esta tasca, que fora encerrada, foi reavivada para estes três dias e noites. Numa outra casa emprestada estava instalada a «Casa das Ratas», tasca muito conhecida em Tomar, uma das “adegas antigas de Tomar com vinhos e pequenos petiscos locais” (*Cidade de Tomar*, 20 de Agosto de 2010) que se fez representar no festival. Num espaço disponível, ao lado do edifício do SCOCS, montou-se um serviço de *catering*, de serviço externo à aldeia, sendo que quem estaria a mando de tal serviço funcionaria numa lógica idêntica à do festival: trabalharia sem fins lucrativos, sendo três os espaços com estas características. No pátio do SCOCS podia-se encontrar um serviço de restauração, com assados e grelhados, à base de “produtos regionais”. Seriam também fornecidas algumas refeições da gastronomia do país convidado, no caso, de acordo com a *cultura* de Cabo Verde.

²⁷ Termo vulgarmente encontrado nos artigos de jornal.

²⁸ “Um espaço mítico para residentes e visitantes, criado no início dos anos 80 por quatro pessoas que sentiram a necessidade de um espaço diferente. Durante muito tempo foi a nossa melhor sala de estar da aldeia onde melhor recebemos os nossos amigos e convidados” (*Cidade de Tomar*, 20 de Agosto de 2010)

Um dos momentos que seria frequentemente frisado pela população, com algum cepticismo e inquietação, terá sido o aparecimento da ASAE²⁹ no primeiro dia de festival, 6ª feira. Em torno deste acontecimento diversas especulações se terão formado. Alguns indicam que esta foi convocada por alguém da aldeia que não simpatizava com o evento, outras especulações diriam que teria sido alguém de Tomar, por cobiça de não ser o seu estabelecimento, mas sim a «Casa das Ratas», a representar Tomar no festival, tendo em conta que este estabelecimento e o Talho de Cem Soldos foram os únicos a ser afectados por esta visita. Outras opiniões seriam sugestivas de que esta visita seria uma atitude regular em tal entidade, causada pela dimensão que o festival havia adquirido.

Nas ruas paralelas ao centro da aldeia, havia barracas de marroquinarias, de indivíduos vindos de vários locais do país, misturando-se nesta venda de artesanato com habitantes da aldeia interessados em vender os seus produtos. Ainda hoje, quando passeamos pela aldeia, podemos ver as marcas no chão, que seriam a delimitação do espaço arrendado de cada banca. No ATL, onde habitualmente reinam crianças, nesta altura de férias, aproveita-se a cozinha que quotidianamente lhes fornece os almoços, para nela cozinhar para os artistas. Algumas casas secundárias dos habitantes da aldeia são melhoradas para alojar alguém com condições. Acabam ou por ser alugadas por visitantes, ou por alojar voluntários externos ou equipas de imprensa. É vulgar a juventude que participa na direcção do SCOCS e na organização do *Bons Sons*, os mesmos que estudaram ou estudam fora, alojarem diversos amigos na casa dos pais. Em algumas situações até acampam, mesmo com as suas casas disponíveis. Os dois mini-mercados da aldeia são os locais de fornecimento do festival, e os três cafés da aldeia também servem o festival. Os seus preços sobem para a ocasião, embora os lucros revertam para os seus gerentes ou proprietários. Numa outra casa, que confeccionaria sopas, sandes e bebidas, podia contar-se com sopas acabadas de confeccionar nas casas dos habitantes da aldeia. Estas quase funcionariam como cozinhas alternativas do festival.

O raio de consumo, naturalmente, atingiu a cidade mais próxima, Tomar. Os cafés e os estabelecimentos comerciais sentiram bastante estes três dias, segundo o estudo de Daniela Craveiro e Jorge Silva (2011). O alojamento transcendia o parque de campismo do festival. Por fim, as tendas já extravasavam as fronteiras deste, e com o

²⁹ Autoridade administrativa nacional especializada no âmbito da segurança alimentar e da fiscalização económica. (<http://www.asae.pt/>)

apoio dos habitantes locais, eram montadas nos seus terrenos e quintais. Para além disto, os parques de campismo circundantes a esta área, também serviram de estabelecimento, como é caso do parque de campismo municipal de Tomar e o da Barragem de Castelo de Bode. O Hotel dos Templários, em Tomar, encontrava-se associado ao evento e seria, portanto, o hotel que serviria principalmente o festival. A Quinta da Anunciada Velha, a poucos metros de Cem Solds, instituição de Turismo Rural, naturalmente enche nesta época e, portanto, não desempenhou papel de hospedagem aos visitantes do *Bons Sons*, não tendo vagas para tal. Os locais de banho da zona encheram: podia-se rever uma imensidão de pulseiras cor de laranja nas praias fluviais do Zêzere ou de Constância.

Os apoios também aumentaram em 2010. Com uma maior mediatização e divulgação, o festival tornou-se uma fonte mais viável e passou a representar um garante de boa aposta na imagem associada. Assim, a Câmara Municipal de Tomar investiu 20 mil euros. Nesta edição, pode-se contar com a receita dos bilhetes, 10 euros por visitante, quando terá atingido cerca de 30 mil pessoas. Os meios de difusão foram variados, desde os cartazes, às entrevistas televisivas, a meios de difusão em alguns canais de rádio, jornais e internet. Contou também com uma apresentação, de nome *Bons Tons*, ocorrida em Março de 2010 na Casa dos Cubos da Cidade de Tomar, onde se poderia comparecer a uma exposição de fotografia, cujas fotografias seriam das edições passadas do *Bons Sons*. Depois, na sequência disto, existiu um pequeno concerto, cuja música se insere nos moldes característicos do festival, concerto este que estaria programado para a edição de 2008, mas que não aconteceu na referida instância.

I.2 Imaginar Cem Solds

Poder-se-à dizer que o festival *Bons Sons* se divide em dois momentos de *celebração* na sua ocorrência: um primeiro, que antecede o festival, e que se pauta por encontros diários dos membros do SCOCS, tanto para a sua organização como para a sua montagem, contando com o apoio da restante aldeia, de algumas povoações vizinhas e voluntários externos. Este momento pode-se assinalar como sendo de partilha e de convívio entre a população, abarcando de alguma forma nesta “comunhão” os restantes que se juntam.

Para o visitante, é reservado o segundo momento em que o festival se enche de *estranhos*³⁰. Este festival é extremamente potenciador de uma interacção do festivaleiro com o habitante da aldeia, pois passa-se no interior da aldeia e nos estabelecimentos quotidianos que estes habitantes utilizam vulgarmente: no seu auditório, no seu “armazém”, na sua Casa do Povo, na sua igreja, nos seus largos e até nas suas casas, sempre numa mistura de públicos em que a um qualquer concerto pode estar a assistir um visitante, e ao lado deste pode estar a assistir um *autóctone*. O *Bons Sons* é uma espécie de promessa de que não haverá barreiras, ou encenações, o visitante pode-se afastar mais do seu posto de visitante e aproximar-se mais do pólo de quem ali *vive*, e deste modo *viver a aldeia*.

Ainda mais chegados a esta ideia parecem estar os voluntários externos, que se inserem no momento privado, antes da festa, passando a fazer parte da sua construção e desta ideia de “espírito comunitário” que tende a *imaginar* os habitantes de Cem Soldos. A aldeia parece tornar-se uma espécie de cenário de um festival, e a procura desta *vivência* parece alargar-se cada vez mais.

Jacinto Craveiro (2011) refere um sentimento de pertença que se faz sentir em relação à aldeia, e que se transpõe tanto para o festival, como para as actividades da associação. Para o entrevistado, participar é um modo de integração, em que quando chega alguém novo à aldeia e que se instala tem duas hipóteses: ou integrar-se e participar no que é a *população de Cem Soldos*³¹, ou ser ausente, o que acaba por resultar numa espécie de clausura. Verifica-se constantemente este paralelismo nos discursos produzidos sobre o festival: referir a aldeia, o *Bons Sons*, ou o SCOCS, como a mesma entidade. Parece existir uma espécie de reciprocidade nestas actividades, que é depois transposta para o *Bons Sons*, a mesma que a organização e os *media* promovem como “sentido comunitário”. Estes referem-se a uma atitude da população em geral, que tem sido constante ao longo dos anos, e que se revela numa espécie de doação do seu tempo e trabalho para o bem-estar da restante população. Assim, Cem Soldos foi pautado por inúmeras actividades ao longo dos anos³², regra geral através do SCOCS.

Tem sido este que, ao longo do tempo, tem funcionado como uma espécie de recurso dos seus associados e local de encontro da população, que permite que

³⁰ No sentido de indivíduo externo ao contexto, e portanto, desconhecido do *meio*.

³¹ Nomeadamente as actividades e celebrações do SCOCS

³² Ver capítulo Associativismo: Contexto Gerador

determinados eventos aconteçam, e onde buscam apoio, fazendo referência a que se pode contar com os seus membros para qualquer situação individual de cada um. Com um raio mediático mais limitado do que o actual, o SCOCS tem sido o principal veículo de divulgação da aldeia: relatando as suas actividades mais ao nível do teatro, das acções em prol da *cultura* e das conquistas no campo do desporto. A defesa e pertença a este grupo que é a aldeia, que parece consolidar-se ainda mais no SCOCS, aparenta ser fundamental para estas pessoas. Para a geração mais nova, que agora preside a associação, parece ser o condimento fundamental de todas as memórias na aldeia, durante o seu crescimento.

A geração dos pais dos jovens que agora farão parte da organização do SCOCS, foi a geração que na sua juventude construiu o SCOCS e que o manteve como auxílio e peça fundamental para a educação dos seus filhos, que foram educados pelo SCOCS, e cresceram no meio das inúmeras actividades, sendo muitas das vezes parte integrante delas.

Na actualidade, segundo as descrições destes constituintes, a direcção do SCOCS estará a cargo desta geração que foi *criada* por ele. Assim, o SCOCS e o *Bons Sons* espelham o que é esta relação de partilha com a aldeia, no seu desenvolvimento. Como se pode verificar, a propósito do programa «Avós e Netos», as gerações anteriores ao SCOCS que entram neste programa, maioritariamente constituído por senhoras mais velhas, estarão de alguma forma mais arredadas da actividade do SCOCS. Por isso, este programa foi planeado para as trazer à participação.

O “momento privado” é um momento para onde confluem as forças que se têm vindo a celebrar em Cem Soldos, mas numa escala que basicamente abarca a aldeia inteira num só evento.

Com todas as actividades que se foram passando, tendo continuidade ate ao tempo presente, e que parecem confluir no *Bons Sons*, como forma de serem mostradas a um público mais vasto, projecta uma espécie de ideal igualitário, relativo ao que é ou o que se aspira a que seja a vida em Cem Soldos: “*Todos participam nela, constituindo uma população unida e harmoniosa*” (Fonseca, 1998:52).

Assim, como afirma Inês Fonseca (1998) no caso do seu estudo, no nosso entender bastante próximo de algumas lógicas do caso *Bons Sons*, “*o elemento que permite a estes indivíduos ter alguma coisa em comum (apesar da sua heterogeneidade)*”

é, precisamente, as suas vidas: os momentos que partilharam em conjunto, as relações que estabelecem com o passar dos anos” (Fonseca, 1998:52). O facto de a maior parte destas memórias parecer confluir para as actividades decorridas através do SCOCS, é pautada por momentos de conjunto, e na maior parte dos casos, de comemoração. Assim, o *Bons Sons* parece também resultar de uma espécie de celebração destas memórias colectivas, ocorrentes entre duas gerações fundamentais: a dos fundadores da colectividade e dos seus filhos, criados com a ajuda desta e agora dirigentes da mesma.

Como afirma Fonseca (1998), a memória edifica-se no sentido da identidade. Esta confere a estes indivíduos, inseridos num grupo, a sensação de pertença, a narração de uma história comum, que se tornava diversas vezes óbvia quando se começava a conversar sobre algumas actividades passadas, com apenas um membro. Os outros que se encontrassem por perto, captavam a conversa e aos poucos começavam-se a juntar, acabando por estabelecer uma conversa entre si, na qual eu me tornaria apenas observadora, não havendo necessidade de intervir durante largos momentos. A conversa adquiria uma espécie de “piloto automático” em que diversas recordações se iam soltando, percorrendo acontecimentos de entusiasmo partilhado, evidenciando uma impressão partilhada, formada pela memória própria e conjunta com a de outros do mesmo grupo (Halbwachs, 1950). O SCOCS, seria durante muito tempo, um dos seus principais factores de identificação na localidade, uma das suas principais características identitárias enquanto grupo, assim como as actividades principalmente protagonizadas por crianças ou adolescentes. Nas proximidades da aldeia, quando foi referido o *Bons Sons* e perguntado sobre o passado, surgia o comentário “Os miúdos de Cem Soldos sempre foram muito activos”, que se refere a toda a actividade que surgiu em torno do SCOCS (descrita no capítulo 3): o aproximar de um grupo, a edificação de um conjunto de pessoas que cresceu e, durante muito tempo, viveu no mesmo espaço. Segundo Halbwachs (1950) as memórias permanecem colectivas, porque são lembradas pelos outros e actualizadas com eles, lembrando um passado que se recorda com saudade.

A acção conjunta parece surgir em torno de um interesse que aparenta, entre outras coisas, residir na manutenção do SCOCS e garantir que as oportunidades que este permitiu no seu passado, recordadas nesta *memória colectiva* produzida, os continua de alguma forma a servir, assim como às suas memórias, e se perpetua para as gerações que virão.

Existe agora um largo grupo de jovens - os mesmos que fazem parte da organização do SCOCS - que serão uma espécie de migrantes, que procuram melhores condições de trabalho ou de estudo, noutros locais de Portugal ou noutro país. Voltam regularmente a Cem Soldos e participam na elaboração das comemorações, por fazerem parte do SCOCS. Estes alegam que esta actividade é crucial para a manutenção de uma relação fluente entre eles e a sua aldeia. Assim, e agora com o *Bons Sons*, existe uma actividade que os abarca e que os faz *companheiros de trabalho*, que os aproxima enquanto *colegas*, pondo também em contacto diversas gerações, chegando a apresentar determinados indivíduos que não se teriam conhecido. Este grupo de “jovens migrantes” pretende também com o *Bons Sons* criar condições na sua aldeia, para satisfazer as exigências que cresceram no seu exterior. Com os seus respectivos cursos terminados, ou em processo, não encontram acompanhamento à actividade escolhida neste local. Assim, entre as suas vidas quotidianas, a tempo bipartido, retomam a actividade que já *performavam* durante o seu crescimento: participando e organizando diversas actividades na aldeia, trazendo formação e contributos nas áreas em que se formaram para, cada um, melhorar o seu *património*. Assim, e com naturalidade, pois foi o que sempre se habituaram a fazer, tiram férias dos seus empregos nas cidades, para edificar o seu trabalho conjunto na aldeia, de forma gratuita, em qualidade de oferta. O *Bons Sons* revelou-se, assim, um momento fundador da imagem que o *povo de Cem Soldos* constrói sobre si próprio (para si e para os seus visitantes).

Parece também haver, nesta *dádiva* que representa o *Bons Sons*, um sentido de agradecimento, de retribuição ao que esta entidade tem proporcionado. É um acto que visa produzir um sentimento amigável entre as duas entidades em jogo, patente na ideia de comunhão e harmonia, suportando também um valor de sentimento. (Mauss, 1950)

Num segundo ponto pode-se apontar um momento de exposição ao público, em que a população de Cem Soldos se encontra extremamente ocupada. Segundo as descrições no geral apontam, só terão tempo de visitar o festival apenas durante breves momentos para “espreitar”.

Mais tempo para esta visita terão as gerações mais velhas que participam na construção da “Tixa”, que é uma actividade que se passa apenas no *momento privado*, antes do festival. Mas esta geração teria algum receio de ver tanta gente estranha na sua terra, tantas *culturas urbanas*. Este receio seria a nível geral, exceptuando as gerações mais novas que passaram parte dos seus estudos, por exemplo, noutro local que não

Cem Soldos. Esta sensação de medo tende a atenuar-se. De edição para edição, a aceitação tende a verificar-se, tendo sido a tarefa facilitada na edição de 2010 pelo facto de haver seguranças, e portanto, os visitantes não ficariam instalados na aldeia para além das horas do festival, não criando a noção de abuso do espaço de aldeia.

No momento privado, de preparativos da aldeia para receber a multidão, começa-se a verificar a alteração da imagem da aldeia. O SCOCS pediu o auxílio da população de Cem Soldos durante esta fase para emprestar algumas casas excedentes e que disponibilizaria para alugar ou para se tornar um estabelecimento necessário ao festival, como por exemplo um espaço de restauração. Tais casas teriam de ser melhoradas, a nível de exteriores e interiores, operando aqui uma espécie de complexo de exibição (Dicks, 2003) em que a imagem da aldeia seria tratada para mostrar uma condição apropriada para receber tais visitantes, gerando uma espécie de limpeza e embelezamento para um público que espera por esta *autenticidade apropriada* para si (DeCerteau, 2000). Este complexo de exibição numa outra escala, detecta-se no largo do Rossio, principal largo da aldeia onde se instala o palco maior durante o *Bons Sons* e onde se passam muitas das comemorações da aldeia. Este ficará submetido a concurso para se renovar algumas das suas características, que serão optimizadas, tanto para a sua função quotidiana quanto para a recepção de visitantes das diversas ocasiões que aqui se promovem, mas que terá tido especial impulso e necessidade com a entrada do *Bons Sons* em cena.

A aldeia representa em si, no seu espaço, e agora no cercar do mesmo com uma fronteira demarcada pelo perímetro do festival, um garante da identidade. Nesta ocasião, não só permite a entrada de *estranhos* no seu interior, como também se fecha com os mesmos no seu espaço urbano. Segundo Filomena Silvano (2010:25) as formas de organização física das aldeias e as estruturas sociais e simbólicas dos grupos que a habitam demonstram um laço indissociável entre a estrutura do espaço e as *identidades colectivas* (itálico pela autora). Verifica-se, durante estes dias, um deambular da multidão por locais alheios da aldeia, aos quais querem temporariamente pertencer, locais estes que serão supostamente o espelho da cultura em exibição, das vidas em experiência na ocasião.

Durante estes três dias, é sobreposto um esquiço sobre o mapa da aldeia, com algumas reconfigurações do espaço, mas que deixa em permanência o espaço social quotidiano (ou é o que pretende), gerando uma interdependência entre os dois. Os

espaços permanecem, por vezes, com novas funcionalidades que servem na altura uma outra escala e um outro público. É uma multidão imensa que tende a expandir, interrompida contra as paredes das casas dos habitantes de Cem Soldos. Nas janelas podem-se ver as senhoras que fazem as “Tixas”, que espreitam cá para fora com as suas pulseiras azuis, que algumas mantêm como recordação ou símbolo do momento que é o festival, tal como muitos outros colaboradores da sua edificação.

Estas senhoras costumavam sentir medo desta população de estranhos, e por isso apenas observavam das suas janelas, sem sair de suas casas, a sua terra “cheia de luz, que até parece uma cidade”, com tanta gente a povoá-la. Os seus ritmos descontraídos de aldeia, contraem nestes dias como “aldeia não urbanizada” (Rémy e Voyé cit. Silvano, 2010:58), onde *“a solidariedade da vizinhança, funciona ainda, frequentemente, e as portas para a rua, muitas vezes entreabertas, testemunham essa confiança recíproca”* (idem:59). De edição para edição a adaptação é cada vez maior, sendo sempre um momento um pouco tenso para estas pessoas o lidar com a multidão *estrangeira*, embora cada vez mais normalizado.

Este sentido de “aldeia não urbanizada”, pode-se dizer que é um dos que se pretende inserir na ideia que o slogan “Venha Viver a Aldeia” invoca. É com estranheza que os habitantes da aldeia encontram na sua casa uma multidão imensa e um festival, tendo em conta que a maioria das pessoas mais velhas nunca foi a um festival, e têm agora um às suas portas e no seu espaço. Com os proprietários dos estabelecimentos de consumo da aldeia, teve de existir uma conversa através de uma reunião convocada pelo SCOCS, onde estes pediam aos estabelecimentos para respeitarem determinadas regras de segurança próprias de momentos tumultuosos, mas que assustaram os donos pela novidade que representaria lidar com estas escalas. Pediu-se, por exemplo, que sempre que possível se fornecesse plástico em vez de vidro, e que se se vendesse uma garrafa de cerveja, se fornecesse esta já aberta (para o caso de ser atirada esta se esvaziar pelo caminho). “Mas o que é que se prevê que venha aí?” era o sobressalto que os donos dos estabelecimentos sentiam, quando lhes foi feito o pedido para a edição de 2010, em que se previa um considerável aumento do número de visitantes. É interessante reparar no quão o visitante tende a exagerar o sentido de segurança no contexto aldeia: uma das entrevistadas, Eurídice (2010), referia que lhe fazia alguma confusão a descontração que os jovens visitantes demonstravam ao sentar-se no chão, ao dormir na relva. Intrigava-a que eles não tivessem medo de se expor tanto, já que alguém os podia

assaltar enquanto dormiam na rua, por exemplo, enquanto os jovens achariam que neste contexto nada disso acontecia.

Os relatos dos próprios habitantes, indicam sobretudo que o *Bons Sons* é bom para a terra, pois fá-la crescer, ter mais visibilidade, e gera um movimento “bonito” por se ver a sua terra tão povoada, com tanta gente enternecida consigo e que dizem tão boas coisas sobre Cem Soldos e o seu *povo*. Sobretudo os mais velhos, demonstram contentamento com o entusiasmo dos seus filhos pelo evento e por participarem neste.

Além das diversas tarefas afectas aos membros da aldeia e do SCOCS, no *momento privado*, existem tarefas desenvolvidas pelos mesmos durante o evento. À parte disso, nas suas casas, as senhoras da aldeia fazem panelas enormes de sopa a ritmo considerável, para que estas possam ser vendidas nos pólos de restauração do festival. Isto gera alguma lentidão no serviço, mas traz sopas de diferentes receitas, e com a forte carga associada ao “caseiro”, a serem feitas pelas senhoras locais, com ingredientes das suas hortas, reforçando mais uma vez a *vivência da aldeia*, como antítese à falta de qualidade que hoje se anexa ao tipo de alimentação corrente. Por isto também, este festival é apelidado de amador, ou caseiro. Por isto e por todas as medidas que os habitantes vão tomando para solucionar os pequenos problemas que vão surgindo. Por exemplo, quando se acabaram as vagas no parque de campismo que servia o festival, e se verificou que haveria pessoas sem espaço para montar as suas tendas, os habitantes passaram a disponibilizar os seus terrenos, alguns até as suas cozinhas ou casas de banho. Quando necessário, os habitantes disponibilizar-se-iam também, para diferentes actividades em falta.

Pareciam dotados de alguma pré-disposição que pauta estes dias, pelo convívio, por um contágio de boa disposição e boa vontade que parece surgir entre todos, esta ideia mítica de harmonia que faz com que este povo se *imagine* e com que o *imaginem*.

I.3 Contextualização da e na Aldeia

A aldeia de Cem Soldos pertence à freguesia rural da Madalena, concelho de Tomar, distrito de Santarém. Situa-se na região do Vale do Tejo, integrando a sub-região do Médio Tejo, Ribatejo. Faz parte do chamado Portugal Litoral Médio, numa zona de contacto entre sub-regiões que lhe conferem algum incaracterismo: assim, não é “tipicamente” uma região ribatejana, no sentido pleno do termo, como também não é

uma zona com características marcantes da zona do Pinhal e da Beira Baixa (Batata, 1997). O concelho de Tomar possui uma rede hidrográfica considerável, associada ao rio Nabão. Porém, no Verão, a maioria das ribeiras que a constituem, seca ou tem um caudal mínimo, contrariamente ao rio (Batata, 1997). Esta freguesia, da Madalena, tem por orago Santa Maria Madalena, mas nem sempre este foi o nome da freguesia. O censo de 1900 ainda refere esta freguesia como “Madalena, Cem Soldos”, e na obra de Pinho Leal (1864) ainda se refere a freguesia de “Censoldos – orago de Santa Maria Madalena”, assim como nas Memórias Paroquiais³³. É em Cem Soldos que se regista mais população desde que existem registos; é também o local onde se encontra instalada a sede da Junta de Freguesia. O nome da freguesia foi modificado para «Madalena» por este ser o lugar que coincide com o centro geográfico da abrangência de território desta, onde apenas existe a igreja matriz³⁴, um cemitério e uma escola. Segundo um entrevistado, trabalhador na Junta de Freguesia, Albertino Mourão (2011), esta será na actualidade um centro paroquial, e por ser uma freguesia relativamente extensa, é benéfico centralizar a sua sede. Segundo Conde (1996), a toponímia do local abrange os diversos cereais cultivados, com a excepção do trigo, embora este tenha representado uma das principais fontes de rendimento e subsistência desta região. Apresenta-se, portanto, a oliveira e a vinha, a horticultura e múltiplas espécies frutíferas (Conde, 1996). A região equivale a boa parte de uma subunidade geográfica bem delimitada: a estreita faixa de separação entre os maciços calcários da Estremadura e a cordilheira central, a parte interior da alta Estremadura.

O rio Nabão e as ribeiras da Beselga e da Lousã, formaram nos seus cursos inferiores pequenas, mas férteis, planícies aluviais (Conde, 1996). O vale do rio é propício ao cultivo de cereais, produtos hortícolas, vinha e espécies arbóreas como a oliveira e a figueira. O clima da região é temperado, de características mediterrânicas.(idem).

³³ As Memórias Paroquiais inserem-se num esforço de realização de inquéritos sobre o território, que vinha do começo do século XVIII. A sua execução continua o trabalho do Pe Luís Cardoso que, entre 1747 e 1751, publicou dois volumes do seu Dicionário Geográfico, que ficou incompleto. O projecto é retomado em 1758, com apoio do governo, sendo o questionário de base ampliado e dividido em 3 partes, contendo perguntas sobre a paróquia, a serra e o rio. (<http://www.fcsh.unl.pt/memorias/atlas/apresentacao.html>)

³⁴ É difícil precisar a data da sua criação, mas conta-se com os dados conferidos pelo pórtico da igreja paroquial que exhibe a data de 1667 e que revela no seu interior pedras de sepulturas de 1672.

É uma tarefa difícil determinar os limites de cada povoação da freguesia, pois a freguesia da Madalena é indicada como composta por vários locais de formação dispersa. Segundo o censo de 2001, a freguesia da Madalena passou a ser a mais populosa das 14 freguesias rurais do concelho de Tomar, com 3466 habitantes em 2001 e com cerca de 30 km² de terreno. A antiga freguesia da Madalena seria uma vigaria da Ordem de Cristo, da apresentação da coroa pela Mesa da Consciência, do Termo de Tomar.

Em Cem Soldos, pode-se observar dois largos principais, que formam uma espécie de triângulo. Num deles – o maior – encontra-se a igreja de S. Sebastião, no outro a sede do Sport Club Operário de Cem Soldos. No redor destes dois largos encontra-se uma povoação de casas mais densa e, segundo Mota (1997), as mais antigas que se podem encontrar na aldeia. É aqui também onde se pode encontrar os mini-mercados e cafés. Para além deste núcleo, pode-se observar casas mais recentes, e também mais dispersas, acompanhando as estradas que ligam os largos centrais de Cem Soldos aos locais circundantes, alastrando também pelo caminho que leva à estrada que garante ligação com a cidade de Tomar, que é relativamente acessível através de serviços públicos rodoviários. Tomar dista 5 quilómetros da aldeia, verificando-se um agrupamento maior em torno da estrada nacional 349-3, que liga Tomar a Torres Novas e que atravessa um extremo de Cem Soldos.

Consultando os *Anais do Município de Tomar* (Rosa, 1972), encontra-se referência ao nome de Cem Soldos pela primeira vez em 1192, através do documento intitulado “Herdade de Cerzedo”, que refere a compra da herdade de Cerzedo no termo de Tomar que seria rodeada por herdades do comendador de Cem Soldos.

O nome de Cem Soldos surge frequentemente associado a duas origens possíveis, ambas dirigidas à denominação “soldo”, moeda romana, do latim *solidus aureus*, como moeda de ouro sólido.

Existe uma versão, segundo João M. de Sousa³⁵ (Sousa cit Mota, 1997) que descreve este nome como derivado do pagamento periódico que os habitantes teriam de efectuar à Ordem de Cristo³⁶ pelas rendas das vastas propriedades possuídas e

³⁵ Médico na cidade de Tomar que publicou em 1903 a primeira Notícia descritiva e histórica da cidade de Tomar.

³⁶ “Nasce em Portugal a 14 de Março de 1319, por bula *Ad ea ex quibus* do Papa João XXII, a pedido do rei D. Dinis que, com esta hábil diligência diplomática, evitou a alienação dos bens da Ordem do Templo, extinta em 1312 pela bula de Clemente V, *Vox in Excelso*.” (<http://www.conventocristo.pt>, 29/07/2011)

arrendadas na região. Existe outra versão, mais descridibilizada e mais associada ao carácter de lenda: conta que “no tempo dos mouros” havia neste local um destacamento militar de cerca de cem homens, para os quais era periodicamente enviada a quantia de “Cem Soldos” para pagar os seus serviços.

Em 1960 Portugal era um país rural, com dificuldades e figurado pela imagem de pobreza. As cidades eram de pequenas dimensões e as localidades estavam separadas umas das outras. No início dos anos 60, muitos portugueses abandonam o campo para fugir a esta pobreza, e uns partem para a migração. Os que se mantêm permanecem nas indústrias, na construção civil e no sector dos serviços e passam a viver nas cidades e no litoral (Barreto, 2007). Assim, ao tecer um quadro que tem em vista perceber a evolução demográfica da população em estudo, pode-se verificar que existe um decrescimento notável entre os anos 40 e 60. Daveau (2005) aponta que os anos 50 terão sido os mais povoados no concelho de Tomar, e a partir da década de 70 a população volta aumentar, até decrescer novamente no censo de 1991³⁷.

Falar de Cem Soldos e das ocupações da população que constituí esta aldeia, obriga-nos a referir de forma sucinta, por estreita ligação histórica, a importância e centralidade da cidade de Tomar. Esta cidade emprega muitos dos habitantes permanentes de Cem Soldos. É também o local que reúne a população de Cem Soldos para a frequência do ensino básico e secundário, imediatamente antes do momento em que partem para outros locais para estudar, ou para trabalhar. Quem fica, ou se manteve, pode ser encontrado nos estabelecimentos de Cem Soldos, ou em variados postos de trabalho em Tomar, com algumas situações que transbordam estes *standards*. Tomar representa uma relação soberana em relação a Cem Soldos, no sentido em que é o seu concelho. Este sentimento decifra-se frequentemente no discurso dos habitantes, facto transparecido ao falar sobre o *Bons Sons*. Aqui, este é referido como uma afirmação de força e identidade desta terra, uma pequena aldeia e, apesar disso, forte, que ergue o festival com as suas próprias mãos e vontade e recebe milhares de visitantes, ouvindo-se o seu nome pelo país pelos melhores motivos³⁸.

³⁷ Instituto Nacional de Estatística, consulta no site www.ine.pt e documentos enviados via e-mail pelo mesmo instituto

³⁸ Assim, refere sobre si que é improvável e admirável que uma aldeia, algo pequena, sobressaia em relação a Tomar, local de maior poder e soberania. Deste discurso emergem também os comentários sobre algum interesse manifestado, da parte da Câmara Municipal de Tomar, para esta cidade, sendo que Cem Soldos não cederia o *Bons Sons*, pois o *Bons Sons* é *Cem Soldos*.

Incontornável será, também, referir Manuel Mendes Godinho, que terá sido um empreendedor no sector industrial de Tomar, originário de Cem Soldos. Começando do zero, construiu património industrial em diversos sectores, tais como de alimentação para gado, cerâmica, extracção de óleos e placas de madeira prensada (França, 1994), sendo o proprietário de lagares e moinhos em Tomar adquiridos em 1908 (Paraschi, 1986). Mendes Godinho, que moraria em Cem Soldos no início do século XX representaria um habitante abastado, que empregaria grande parte da população de forma assalariada, no cultivo das suas terras. Este patrono rural empregou nas suas indústrias em Tomar e na freguesia muitos Cem Soldenses. Mais tarde, os seus filhos seguiriam o seu exemplo, ao formar uma sociedade em nome colectivo³⁹ que teria por objectivo a continuação da exploração comercial industrial e agrícola dos estabelecimentos e propriedades exploradas pelos seus pais (Correia e Xavier, 1987). Passeando-nos pelas ruas de Cem Soldos, pode-se observar uma casa maior, no largo da igreja, à qual os *antigos* chamam prédio. Tem dois andares e é referida como a casa mais opulenta do local, que teria sido a casa desta família. Cem Soldos terá sido terra de contrastes, em que existiam propriedades de famílias endinheiradas que dariam, em tempos, emprego no cultivo dos seus terrenos a muitos dos contrerrâneos. Daveau (2005) através de uma análise de João Ferrão (Ferrão cit. Daveau, 2005:90-91) tentou tecer sobre um perfil geográfico e a nível territorial, em Portugal, uma distinção da relação de classes económicas. Para o território que abrange o local em estudo, indica um regime “assalariado da indústria” em 1970 acima da média nacional, enquanto em 1981 Tomar já se enquadraria numa situação próxima da média nacional.

Cem Soldos é a maior povoação da freguesia da Madalena, distando cerca de 5 Km de Tomar, e nenhum dos outros lugares da referida freguesia atinge metade dos fogos que compõem Cem Soldos. A área da aldeia, segundo Mota (1997:12), tem cerca de 2 Km por 1,5 Km. As placas que ainda hoje se encontram a identificar as ruas, os seus nomes, foram mandadas colocar em 1976 pela Comissão de Moradores⁴⁰. O alcatroamento das ruas é também obra da referida comissão, assim como o fornecimento de água a Cem Soldos, na época, ainda através de fontanários. A maioria das casas presentes na aldeia é propriedade dos próprios habitantes ou famílias, à excepção de uma ou outra pertencente a alguém de Cem Soldos e que são arrendadas a alguém de fora que agora habita a povoação.

³⁹ Manuel Mendes Godinho & Filhos

⁴⁰ Ver capítulo Associativismo: Contexto Gerador

A Igreja de S. Sebastião⁴¹ (orago), situada em Cem Soldos, terá sido mandada construir pelo Convento de Cristo, talvez ainda no reinado de D. Manuel I (Mourão cit. Mota, 1997:27). Nesta igreja resta um portal Manuelino alterado, e no portão principal pode-se ler a data de 1631, que indicará a data de construção. Em 1899, a Confraria do Santíssimo Sacramento decidiria ampliar a capela e construir nesta uma torre. *“A última modificação (...) foi (...) em 1972 feita a abertura existente no lado esquerdo que anexou a antiga sacristia ao corpo da capela”* (idem)

“Com uma flor-de-lis no remate, foi desfigurada pela edificação de duas colunas, que a ladeiam sobre altos pedestais. Interiormente é semelhante aos outros templos da região: uma nave com tecto de madeira, de três planos, coro sobre colunas, capela-mor e dois altares colaterais de talha dourada” (Silva, 1997)

Alguns dos vestígios mais antigos do local são indicados como as ruínas da cidade romana de Caldelas⁴² e a Quinta da Anunciada Velha que representa hoje a principal edificação de turismo rural da região. Esta segunda encontra-se a cerca de 500 metros da aldeia de Cem Soldos e é atravessada pela ribeira de Cerzedo (ou Sarzedo). No ponto de encontro entre as águas da ribeira e as águas da fonte, terá existido uma espécie de paul que nomeou uma povoação da alta idade média, formando a comenda do Paúl na Ordem dos Templários, que no início do século XV se terá transferido daqueles terrenos para uma encosta próxima onde tomaria o nome de Cem Soldos (Mota, 1997), dois nomes que vêm muitas vezes anexados quando se consulta os *Anais do Município de Tomar* (Rosa, 1972) como “Comenda do Paúl de Sen Soldos”.

Foi em meados da década de 80, do século XX, que se deu o levantamento do mosaico de S. Pedro de Caldelas, que constitui o que resta do que forrava as salas do local. Encontram-se agora estes vestígios no Museu Monográfico de Conimbriga e no Claustro da Micha do Convento de Cristo, sendo que já foi muitas vezes demonstrada a vontade de deixar as peças que aqui se encontram a cargo do SCOCS, para exposição na aldeia de Cem Soldos.

⁴¹ “o povo antigo nutria grande devoção por esse santo para que o livrasse da peste, da fome e da guerra” (Mota, 1997:28)

⁴² “Na época romana, este lugar correspondia a uma quinta agrícola que abasteceria, como tantas outras, os vários centros suburbanos dispersos pela periferia de Tomar.” (Mota, 1997 : 20)

As actividades económicas do local recaíram em tempos sobre o cultivo de cereais, uva e azeitona, sendo que se encontra ainda um lagar em Cem Soldos, assim como a prática da vinicultura, hoje apenas em pequenas quantidades, não servindo de sustento, mas que se realiza *por gosto*. Encontramos o lagar criado em 17 de Janeiro de 1609, data averiguada através de um Alvará de el-rei D.Filipe, no qual este declara ser necessário fazer-se junto ao lugar de Cem Soldos, um lagar de azeite em que os habitantes do dito lugar “fizessem a azeitona” em proveito da Ordem e de mais comodidade dos moradores do dito lugar. Afirma Mota (1997:25) que “*como foi extinto, ficou com o nome de Lagar Safado, junto ao ribeiro de Cerzedo, que dá o nome de Lagar àquelas hortas*”.

Actualmente o sector primário tem ainda alguma expressão na freguesia, mas não em Cem Soldos. De salientar o facto de, na freguesia, existir uma zona industrial, a Zona Industrial da Madalena, onde se encontram instaladas empresas de média dimensão. As principais actividades na freguesia serão na agricultura (vinha, oliveira), transformação de madeira, salsicharia e turismo rural. Em Cem Soldos, grande parte da população encontra-se empregada nos estabelecimentos locais, ou em serviços em Tomar, assim como na Câmara Municipal, talvez devido à proximidade com a cidade. Conta Mota (1997) que desde as fundações do Convento de Cristo até à sua extinção, depois de 1834, as terras e o povo de Cem Soldos andaram sempre ligados à vida do mosteiro. Na altura em que escreveu o livro, ainda existiam famílias que recordam Cem Soldos com os antigos cargos que os seus antepassados exerciam dentro da comunidade conventual e na própria construção do edifício do convento e das estruturas agrícolas.

Segundo um documento guardado na igreja de S.Sebastião, cujo texto foi traduzido pelo professor Mário Mourão⁴³, a Confraria de Cem Soldos está agregada à Archiconfraria de Roma desde 1597. Segundo Mota (1997), compete a esta associação gerir os bens da Igreja e promover o culto e adoração do Santíssimo Sacramento.

Entre as actividades praticadas neste local, destacam-se as vindimas, a apanha da azeitona, as sementeiras de sequeiro lavradas por bois, as hortas, a colheita do milho, as descamisadas e apanha do figo (Mota, 1997). As vindimas e colheita do milho já se encontram referidas em momentos mais recuados. Ao consultar as actas e livros de

⁴³ “Ministrou o Ensino Primário nas Escolas de Cem Soldos e Madalena, tendo-se (...). Organizou uma associação cultural e recreativa onde (...) ensinava música, teatro, etc., promovendo passeios de estudo. (...) Foi, mais tarde um dos fundadores da casa do Povo.” (Mota, 1997:99) Seria este o local que os mais velhos, de 80 anos, recordam e apontam que seria o local onde se praticava teatro ao na sua juventude.

receitas da confraria da igreja de S. Sebastião (1809-1825), pode-se encontrar as fórmulas de pagamento à Igreja com o azeite, o trigo e o dinheiro.

Como actividades colectivas, Mota (1997) aponta que os cereais e os legumes, na freguesia da Madalena, eram debulhados nas eiras de terra batida, e anteriormente roçadas de ervas secas e limpas de pedras. Alguns proprietários mais abastados, que frisa haverem existido vários, possuíam eiras cimentadas. Aponta também as vindimas como actividade, desde finais de Agosto prolongando-se até ao final de Setembro. Ocorria, após a colheita da uva, o pisar desta nas adegas dos mais abastados que Mota (1997:70) refere que *“em relação aos mais pobres, estes fabricavam um tipo diferente de vinho pois aproveitavam o bagulho com que mais tarde, depois de feita a trasfega do precioso líquido faziam água-pé.”* Central nesta localidade é também a actividade da apanha da azeitona, visto que a oliveira de olival espaçado, é a árvore que domina a paisagem. Segundo o mesmo autor (1997: 71), em tempos idos, esta era uma actividade muito lucrativa: os proprietários do olival chegavam a contratar apanhadores de fora da aldeia, do concelho e até do distrito, os chamados “chaleiros”, afirma. Mota (idem) indica que nos anos ‘40 existiam três lagares, restando só o “dos Carvalhos”.

A confraria do Santíssimo Sacramento de Cem Soldos era possuidora de umas centenas de oliveiras no local da freguesia da Madalena, produto de ofertas de devotos. Estas árvores seriam marcadas com um “A” à navalhada no cepo da árvore depois pintado com tinta vermelha. Todos os anos se teria de entregar determinadas quantidades de azeite na Confraria, que teria a finalidade de manter acesa uma lamparina, que alumiaava continuamente o “Santíssimo”. Esta arrematação ocorria sempre no dia de Todos-os-Santos. Há uns anos, estas oliveiras foram vendidas pela Confraria aos donos dos terrenos onde estas se inserem.

Tomar é o local que mais serve as necessidades de consumo dos habitantes de Cem Soldos.

Seguindo as descrições de Mota (1997), no período do Estado Novo existiam duas mercearias, umas delas do regedor de Cem Soldos; algumas tabernas, uma das quais também pertencente ao regedor e a outra tinha por proprietário um sapateiro. Havia um alfaiate que, segundo Mota (idem), fazia a roupa de quase todos da aldeia, actividade que foi continuada pelo filho; uma mestra de costura, que também ensinava catequese que viria a dar lugar a mais duas. Nos anos 30, um pouco antes do descrito,

existia também um carpinteiro, que possuía um estabelecimento comercial. Ao serviço da aldeia havia três lagares de uvas e os de azeite já referidos. Hoje, cada agregado familiar tem a sua pequena horta, onde são produzidos géneros para consumo próprio.

A taxa de emprego é relativamente elevada, e uma parte considerável dos funcionários da Câmara Municipal de Tomar é de Cem Soldos. Outras ocupações estarão inseridas em fábricas e empresas de pequena dimensão.

Existe o edifício da Casa do Povo, fundada em 1972, que actualmente tem um auditório e um posto médico. Este foi construído numa época em que não havia estabelecimentos sociais para a generalidade da freguesia da Madalena. O centro de saúde é frequentado pelos habitantes da aldeia e de outras próximas. A Junta de Freguesia da Madalena tem a sua sede em Cem Soldos, cujo edifício próprio inaugurou em 1940.

Debruçando-me sobre uma recolha sobre as comemorações da aldeia, apurei que estas eram várias ao longo do ano. Através da consulta do livro de Mota (1997), recolhi referências das diversas comemorações ao longo dos tempos, e através da consulta a habitantes da aldeia verifiquei aquelas que ainda se mantinham e as que já desapareceram, tentando compreender o porquê de tal desaparecimento e o sentido da sua permanência, para perceber onde se encaixa o *Bons Sons* no carácter festivo da aldeia. Um elemento fulcral aqui foi perceber o papel central do SCOCS na manutenção das comemorações da aldeia. Se muitas já foram abandonadas, algumas mantêm-se, muitas vezes contando com a sede do SCOCS, ou com este na sua preparação. O SCOCS funciona como uma espécie de suporte ou trave mestra das relações sociais da aldeia, no sentido em que preza a manutenção destas festividades, para que estas tenham um sentido *útil e prático*, e não apenas de *performar* para manter uma comemoração que deverá ser perpetuada, mas para permitir o contacto entre a população. Num meio rural que tende a desarticular-se, a criar distanciamento entre os seus habitantes, com especial impacto nos que apenas retornam nestas ocasiões ou fins-de-semana, o SCOCS tenta promover uma *contra-clausura*, uma espécie de movimento contrário ao de manifestações domesticadas, com a população a festejar datas como a Páscoa apenas em família, isolados nas suas casas. Tenta-se criar momentos em que todos se continuam a reunir, a partilhar uma comemoração e, quando finda essa fase, existe a privada e de *clausura*. Parece funcionar um pouco assim o *Bons Sons* para a aldeia, na sua feitura. Para a juventude em especial, que se cruzou em momentos na infância, mas que depois,

ao sair da aldeia para fazer a sua formação, perderia o contacto com os demais, mas parece funcionar também como uma espécie de uma ponte entre gerações, pois permite que trabalhem em conjunto. É o *Bons Sons* que mais entusiasma as participações dos mais novos muito devido à projecção para o exterior que proporciona, mas também a um movimento interno de alvoroço em que poderá ser indelicado não se participar, por significar a renúncia a um grupo, a uma aldeia, a uma casa.

Como comemoração central à prática da aldeia, seria apontada com frequência a festa da Aleluia, realizada no domingo de Páscoa. Era a festa mais frequentemente descrita pela população e também com mais entusiasmo, mas é também a mais controversa e que mais facilmente se encontra nos meios de difusão de informação, incluindo a televisão. Será talvez a mais apontada, a seguir ao *Bons Sons*, devido ao seu carácter não consensual.

Alvo de diversas polémicas, a festa do Aleluia ou a Procissão dos Ramos, seria apontada também como das que mais entusiasmo gera. Sendo uma comemoração que dispensa o padre, é encabeçada pelos jovens que farão 20 anos nesse ano, no domingo de Páscoa. Anteriormente, seria encabeçada pelos rapazes das “sortes”⁴⁴ mas agora, sem o ritmo da tropa, ou das chamadas para a “Guerra do Ultramar”, admite raparigas também. O boletim da Junta do Ribatejo (1940), ainda descreve este festejo como representado por crianças, fase que antecederia a *das sortes*. Às 9 horas da manhã do domingo de Páscoa, em conjunto com o resto da população, cantam na igreja, já com os ramos e cruzes em punho: os rapazes com cruzes e as raparigas com ramos, feitos da flor amarela de arbusto silvestre, de nome “aleluia” e outras flores igualmente selvagens. As cruzes e ramos são elaborados no dia anterior, na sede do SCOCS, juntamente com os pais. Percorrem, então, as ruas de Cem Soldos gritando “Aleluia, aleluia, já ressuscitou o Nosso Senhor”, ajoelhando-se nos cruzamentos e rezando «pai nossos» e «ave-marias». No final, passam pela sede do SCOCS, onde recebem amêndoas. Após uma última passagem pela igreja são destruídos os ramos e cruzes na

⁴⁴ Mota (1997) refere que nos anos 50/60, os rapazes que iriam à tropa e fariam 20 anos no ano decorrente, se sentiriam crescidos ao ver o seu nome em edital e, por tal, vestiam-se a preceito estreando um fato novo, contratavam um acordeonista. Os jovens “no acto único da vida onde não se poupavam a despesas, mesmo aqueles cujos pais tinham menores posses” (Mota, 1997:60), faziam-se transportar em táxis, “a rapaziada colocava distintivos na lapela do casaco de acordo com cada situação obtida”, após saberem o resultado das inspecções que seriam então realizadas numa dependência do Convento de Cristo. Os apurados exibiam, orgulhosos, um cordão de seda vermelho, os que esperaríamos pelo ano seguinte exibiriam uma fita verde simbolizando esperança para a próxima tentativa. Uma fita branca exibiam os “Não Aptos”, como livres que estariam.

escadaria da igreja. A este acto chamam “Morte dos Judeus”, o que tem vindo a gerar discussão e algumas reticências tendo havido sérios conflitos com párocos anteriores. Quem performa este ritual, afirma que o faz por prazer no *acto destrutivo* em si, e que não será pelos motivos que o seu nome invoca.

A comemoração da quadra natalícia também é apontada com frequência. Várias descrições apontaram a “fogueira de natal” que é montada no largo principal de Cem Soldos, no Largo do Rossio. Os jovens montam uma fogueira “mais alta que uma casa”.⁴⁵ Esta fogueira é acesa à meia-noite de dia 24 para dia 25 de Dezembro. Tal como no cortejo do Aleluia, esta fogueira é assegurada por jovens, em tempos, os que iriam às inspecções militares no ano seguinte. Assim é descrita no livro de Mota (1997), embora hoje caiba a quem faz vinte anos no presente ano, que serão os mesmos que nesse ano encabeçarão o cortejo do Aleluia. No livro é descrito que eram deitados foguetes pela noite e que as famílias costumavam visitar-se oferecendo os fritos *tradicionais* da Consoada.

É referido também “Cantar as Três Marias”, nas noites entre o Dia de Ano Novo e Dia de Reis (6 de Janeiro). Grupos cantantes vão de porta em porta, dando as boas vindas aos conterrâneos, familiares e amigos, em troca de algo modesto como um frito de época ou vinho caseiro. Em Cem Soldos e na região de Tomar, “canta-se os Reis” e não “as Janeiras”. Também se cantavam as “Três Marias” em dia de Ano Bom (1 de Janeiro). Na actualidade, quem actua neste tipo de cantares são os escuteiros, que fazem um peditório para a construção da sua nova sede⁴⁶.

É referida também a celebração dos Santos Populares, indicando a fogueira erguida no âmbito de Santo António, São João e S. Pedro. Os rapazes cortavam alecrim nos matos, e outros arbustos campestres e as raparigas atavam-nos em molhos, que posteriormente carregariam na sua cabeça, entrando na aldeia a cantar. Os rapazes levavam o pinheiro mais alto, onde seriam entretanto atados os molhos de alecrim e depois se atearia fogo, e haveria baile com as danças “em voga” (Mota, 1997, 55). Actualmente estes festejos são promovidos pelo SCOCS, como convívio entre a população, acontecendo de seguida uma prova de aguapé pelas casas.

⁴⁵ Habitante de Cem Soldos que apontava, durante uma entrevista, que a fogueira de Natal era mais alta que a sua casa ou que a casa grande do Largo do Rossio.

⁴⁶ Ver capítulo Associativismo: Contexto Gerador

Algo de cariz mais subversivo seria o “Escrever o S. Martinho”, já extinto na actualidade, por não se encontrar nos tempos que correm motivos para tal “afronta” aos membros da aldeia. Este acto era apontado como algo desrespeitoso e agressivo “sem necessidade para tal” e por ser algo “contestado pelos habitantes” (Mota, 1997, 57). Alguns membros da população de Cem Soldos, anonimamente, e pela noite cerrada de S.Martinho, 11 de Novembro, quando ainda não havia iluminação pública na aldeia, não sendo facilmente vistos, escreviam nas paredes de determinadas habitações, com tinta e pincéis, algumas anotações acusatórias dirigidas ao morador de tal local, que no dia seguinte, com o nascer do sol e iluminação consequente, as encontraria expostas para o resto da aldeia ler, ditando uma espécie de humilhação ao/à “acusado/a”.

Outro *gesto* da população referido com centralidade é as Luminárias. Vindo dos tempos em que não havia iluminação pública na aldeia, os rapazes iam aos pinhais de Monte Agudo, de onde regressavam carregados de sacos de pinhas secas, que iriam dispor posteriormente no chão de uma rua da aldeia, organizadas como letras ou números (Mota, 1997: 58) na véspera da festa de arraial. À noite, no escuro, ao toque de tamborileiros e gaiteiros, as pinhas eram ateadas, ficando incandescentes a arder no recinto do arraial. Com a iluminação eléctrica este *costume* foi perdendo a força. Continua a ser praticado aleatoriamente, desta vez para assinalar com palavras algum acontecimento, como por exemplo os Santos Populares ou a própria festa de Arraial, com escritos tais como “Cem Soldos” ou “SCOCS”. À semelhança de muitos outros acontecimentos na aldeia, é o SCOCS a aglutina estas práticas, geralmente entre os jovens da aldeia.

A ligação directa que estes eventos apresentam com o *Bons Sons* é através da organização que os garante e que os protagoniza. Quem assegura a sua prática e a sua organização, é novamente o SCOCS. Assim, o *Bons Sons* encaixa-se num calendário de comemorações que se passam em Cem Soldos. A seguir ao festival, existe a festa de arraial, que acontece também num ano “não *Bons Sons*”, um *ano ímpar*, em que este não acontece. Ainda neste seguimento, há um almoço comemorativo do aniversário do SCOCS, todos os anos, em que se reúne uma grande parte da população no salão para almoçar e rever as actividades que este desenvolveu ao longo do ano.

Há um conjunto de actividades que acontecem anualmente, e que são cada vez mais, como por exemplo um outro festival, «Por estas Bandas», que apresenta em Cem Soldos algumas “bandas de garagem” vindas de diversos pontos do país. Há outros

eventos que vão aparecendo neste contexto e o *Bons Sons* será, a par destas actividades, mais uma, embora de maior dimensão e projecção. Mas o modo de actuar, de construção do mesmo, o trabalho voluntário, e a colaboração da aldeia, tem como fulcro o SCOCS, tal como sucede nos restantes eventos que acontecem na aldeia.

I.4 Um estudo de Caso

A forma como fui recebida quando me apresentei com o intuito de trabalhar sobre este evento e sobre a aldeia de Cem Soldos, foi idêntica à descrita quanto aos voluntários externos ou a alguém externo à aldeia que viesse ajudar, e por não residir no local, não ter onde ficar.

Este estudo foca com mais pormenor na edição do *Bons Sons* de 2010, pois foi esta a única à qual compareci. As restantes resultam de constantes reconstruções através de depoimentos orais, pesquisa via internet, redes sociais e do arquivo do SCOCS, assim como da imprensa. Nesta última edição estive presente, e permaneci os três dias no terreno, ainda alheia a qualquer ligação ou conversa com os agentes do festival. Tratou-se mais de uma observação, um conhecimento do desenrolar do evento, apontando constantemente os aspectos mais sobressalientes. Segui, portanto, o fluxo de uma visitante comum: acedi aos concertos, retirei-me para onde se retirou o *grosso* dos visitantes nas horas diárias em que não havia propriamente programação do festival e em que normalmente se procuravam as praias fluviais. Assim, iam-se tecendo conversas e retirando impressões sobre um pólo de consumo do festival. Desde as críticas aos elogios, segui os fluxos da multidão e dialoguei com esta. Quando terminou o festival, parti por uma questão de espaço, porque na altura seria estranha à população que aqui iria estar e que iria estar ocupada com a preparação da festa de arraial do fim-de-semana seguinte. Retirei-me para o parque de campismo municipal de Tomar, onde permaneci mais uma semana, até à festa de arraial da povoação. Durante esta semana, visitei Cem Soldos, que se encontrava com as ruas vazias, de forma muito contrastante daquela que se retinha do *Bons Sons*. Já era possível ver as casas e observar um ritmo *calmo*, a população no café a ver as notícias na televisão, os consumos do “café do Casimiro”, que esteve aberto durante o festival, estariam a metade do preço, com um valor muito inferior àquele a que estamos habituados quotidianamente na cidade. Os palcos já teriam desaparecido, as barracas das senhas mantinham-se, aguardando pela sua

reutilização na festa de arraial. No largo do Rossio seria edificado o palco da associação, onde já havia sido o palco do *Bons Sons*. Na noite da festa de Arraial, podia ver-se um largo cheio, mas com um público notoriamente diferente, que seria das redondezas de Cem Soldos. Na barraca das senhas podia-se ler um papel que agradecia à população de Cem Soldos, toda a ajuda e disponibilidade prestada para o *Bons Sons*. Na multidão que assista entusiasmada aos concertos, podia-se ver, nomeadamente em pessoas mais velhas, o curioso contraste de estes exibirem a t-shirt do *Bons Sons*.

Após esta fase, cerca de um mês depois da ocorrência do festival de 2010, regressei à aldeia durante um dia, onde me prepararia para a aproximação à população, apresentando-me enquanto alguém que estaria a trabalhar sobre a povoação. O plano seria passar o dia na povoação, falar com o presidente da Junta de Freguesia da Madalena, sendo que tinha escolhido o dia da semana que este me tinha dado como disponível e coincidente com a presença dele em Cem Soldos, já que o seu local de residência seria noutra povoação da freguesia. Entretanto, havia preparado um questionário para aplicar às pessoas que encontrasse, idealmente nos estabelecimentos sociais da aldeia, fosse nos largos ou nos cafés, assim como aos proprietários dos estabelecimentos, querendo saber através destes o que teria sido o *Bons Sons*. Assim sendo, o questionário que preparei abordava principalmente questões relacionadas com o decorrer do *Bons Sons*, com o tipo de actividade que haviam desempenhado, com as motivações que levava a que colaborassem de forma voluntária e sem lucros e relativamente à opinião sobre o *Bons Sons* e o que este representaria na aldeia. Nesta fase, entrevistei cerca de 14 pessoas. A aldeia encontrava-se relativamente parada, já que ali estive em horário em que os habitantes estariam ausentes para trabalhar em diversos locais dos arredores, nomeadamente em Tomar. Também as crianças e adolescentes estariam na escola e apenas algumas pessoas mais velhas se encontravam à janela ou no alpendre das suas casas. Dos activos, só ali se encontravam algumas pessoas que trabalhariam na povoação, como por exemplo no infantário ou na escola primária, e estariam no café. Neste momento, de aproximação às pessoas, notava-se alguma timidez, especialmente quando pedi para efectuar a gravação das entrevistas. Assim, como alternativa para descontrair o informante, deixei guardado o questionário que tinha feito e fui perguntando o que me recordava que seria o fundamental. Todos deixaram gravar as suas vozes, à excepção de uma pessoa. Após isto, e quando algumas pessoas se recusaram a falar comigo, fui à Junta, que me forneceu algum material de

apoio ao conhecimento sobre a Junta de Freguesia da Madalena. O Presidente da Junta não pôde comparecer, e entrevistei um funcionário, que me iria chamar a atenção pela primeira vez para o facto do papel do SCOCS na aldeia ter sido de grande peso, e de este desempenhar um papel extremamente importante na aldeia. Cerca de duas semanas mais tarde, fui convidada para comparecer ao almoço comemorativo do aniversário do SCOCS. Então, comecei a ter uns vislumbres do *peso* que o SCOCS teria na aldeia. Dentro da sede do SCOCS estaria um número significativo de pessoas da aldeia que se juntavam para comemorar. Nesta sequência de festa, este almoço representava um momento de união, em que muitos comparecem, inclusivé aqueles que se mudaram para a capital à procura de emprego ou do prosseguimento de estudos. Durante o almoço podiam ver-se, nos intervalos de cada prato, pequenas paródias apresentadas pelo grupo de teatro ULTIMAcTO, e também uma espécie de resumo das actividades que haviam decorrido durante o ano em Cem Soldos através do SCOCS, pois é normalmente este que encabeça tais actividades. Podia-se então perceber, através destes *Powerpoints*, que o *Bons Sons* é apenas mais uma actividade ocorrente na aldeia, ou seja, anualmente existem outras que se usam da mesma lógica de existência, mas em escalas muito inferiores. Foi então que me começaram a falar sobre como o SCOCS apadrinhava diversas actividades, desde que a geração que pertence agora à direcção desta entidade se pode lembrar. Assim, de forma muito entusiasta estes contavam-me durante o almoço, à mesa, como sempre tiveram hipóteses de praticar desporto, festejar, sair em colónias de férias, obter intercâmbios com outros países da Europa, praticar teatro, aprender a tocar alguns instrumentos musicais, durante o seu crescimento. Essa possibilidade conferiu-lhes todo um à-vontade para pensar em projectos seus e realizá-los, apoiados pelo SCOCS e por grande parte da aldeia, responsabilizando estas actividades e cruzamento de *gentes* pelo sucesso desta geração e a vontade de seguir para cursos superiores. Esta panóplia de actividades, com especial incidência na colónia de férias, conferia-lhes um certo orgulho da sua terra, pois existiam crianças de fora que se inscreviam para estas actividades, e que se diziam com inveja deste dinamismo de aldeia. A informante Daniela Craveiro chegaria a contar-me que, quando estudava em Tomar com outros adolescentes das redondezas desta cidade, ao contrário de muitos, não sentia vergonha de dizer que era de uma aldeia, da aldeia de Cem Soldos.

Em Janeiro de 2011, regressei à aldeia, onde viria a permanecer durante duas semanas, para estudar o local. A forma como fui recebida foi completamente idêntica às

descrições dos trabalhadores externos do *Bons Sons*. Isto é: fiquei alojada durante estas duas semanas na casa da avó do director artístico do festival, casa esta que também teria alojado alguns voluntários externos durante o festival. Este facto revelou-se adiante de muita importância, quando me apercebi que os habitantes da aldeia, muitas vezes falariam comigo porque eu seria a “menina que estava na casa da Maria Emília”, parecendo assim que se sentiam mais confiantes no que me pudessem dizer, ou que por este facto eu lhes seria menos desconhecida. Os almoços seriam no ATL, com as crianças, partilhando os cozinhados que as cozinheiras lhes fazem quotidianamente e as mesas.

Estes dias foram pautados por permanência na aldeia, frequentando os cafés, principalmente o café que se encontra no centro, o “café do Casimiro”. À tarde, quando a sede do SCOCS abrisse, às 16h, estava lá até à noite, a pesquisar pelos seus arquivos documentais e fotográficos, e mais tarde frequentando o bar do SCOCS. Aí se costumava encontrar as gerações mais velhas, regra geral homens. A secretária do SCOCS, Laurinda Craveiro, disse-me que apesar das tentativas de ao longo dos anos tentar povoar o bar do SCOCS com a “ala feminina” da aldeia, estas faliram, mantendo-se as mulheres no “café do Casimiro”, e os homens no bar do SCOCS. Aqui, na sede do SCOCS, pude acompanhar um pouco do ritmo quotidiano desta colectividade. Laurinda Craveiro abria a sede às 16 horas, começavam a aparecer pessoas, ou para pagar as suas quotas enquanto sócios do clube - no valor de 0,50 cêntimos por mês - ou para pagar os almoços que o clube fornece às crianças no ATL. Neste momento, apareciam também jovens para consultar alguma coisa nos computadores que o clube disponibiliza, e outros para fazer fotocópias ou digitalizar algo que fosse necessário, regra geral, para trabalhos da escola.

Mais tarde, entre as 18 e as 19 horas, chegava o António Craveiro, irmão da Laurinda e tesoureiro do SCOCS, que me forneceu muita informação tanto sobre o SCOCS como sobre a aldeia. Os dois, em conjunto, foram-me encaminhando para diversas pessoas que poderiam dar contributos importantes para a minha investigação, assim como apontaram os principais agentes de diversas actividades. Por esta altura também chegaria o Luís Tomás, que se instalaria na sede do SCOCS para trabalhar sobre o seu grupo de teatro ULTIMAcTO. Então, abria o bar do SCOCS, e chegava grande parte das pessoas que passavam a enchê-lo. Era este o quotidiano: depois do trabalho, ia-se trabalhar no SCOCS nos seus próprios projectos. Durante os dias e a

semana, a aldeia encontrava-se muito sossegada, nesta altura dotada de um frio muito seco. As condições climatéricas eram muito duras, e ainda se falava frequentemente sobre o “terrível tornado” que teria passado por aqueles lados nesse mesmo inverno. Aos fins-de-semana a aldeia povoava-se de gente mais nova, e, no primeiro domingo em que estive presente, seriam as eleições presidenciais, quando a aldeia reuniu muita gente que habitualmente se encontra em outros locais. Nesta ocasião, havia sido marcada uma sessão de “vídeo na casa do povo”, ocasionada por um jovem da aldeia, deslocado em Lisboa, estaria a estudar cinema. Assim, pensou em reavivar um costume que já havia existido há cerca de 30 anos: exhibir vídeos na casa do povo. Nesta nova modalidade, pretendia mensalmente exhibir vídeos. O que se estreava neste fim-de-semana, anunciado nos estabelecimentos da aldeia, seria um vídeo de sua autoria, com diversas filmagens pela aldeia, e inclusive dentro da capela de S. Sebastião, de nome “Regresso às Origens”. No panfleto que explicava tal “evento”, referia-se à colónia de férias que, por esta altura, já me havia sido referida inúmeras vezes, apesar de o vídeo acabar por se ter desviado deste tema em específico. A sala estava surpreendentemente cheia, até pessoas mais velhas, com algumas dificuldades em se deslocarem, se esforçavam para encontrar um lugar para se sentar no lugar da plateia.

De seguida, este núcleo de jovens, que faziam parte da direcção do SCOCS e da organização do *Bons Sons*, foram jantar em conjunto e sair por Tomar, pelo que os acompanhei. Ao jantar e partilhando mesa com eles, pude perceber que o *Bons Sons* era um assunto muito constante. Poderia ser devido à minha presença como investigadora de tal evento, apesar desta conversa ter sido terminada por “já chega, hoje vamos variar de assunto”. Parece-me que o *Bons Sons*, tem este sentido vincado, de criar vínculos entre os jovens que estariam distanciados nos dias de hoje, apenas com uma infância em comum, assim como outras actividades da associação contribuem para o mesmo efeito. Surpreendeu-me, também, o facto de estarem sempre a surgir propostas nas suas áreas de formação para aplicar na aldeia, como se tivessem alguma facilidade de pensar na concretização destas, por ter uma população que colabora e como se fossem uma continuidade da antiga “Comissão de Melhoramentos”⁴⁷. Apesar de viverem noutros locais, esforçam-se para planear formas que poderão promover a melhoria da vida na sua aldeia. Ao saírem para estudar em cidades, e ao ter nestas acesso a diversas

⁴⁷ Nos anos 70, logo após o 25 de Abril, dá-se a formação de uma Comissão de Melhoramentos em Cem Soldos com o intuito de promover obras que colmassem as falhas existentes a nível de saneamento básico na aldeia (o que era mais urgente na altura).

instituições culturais, torna-se difícil regressar aos seus locais de origem, pois não poderão usufruir destes meios. Assim, indicam que se tornaram mais exigentes, e que tentam dar condições ao seu local de origem para cumprir mais com estas exigências que a juventude tende a ter nos dias que correm. Goreti Mourão, licenciada em teatro, falava sobre uma possível residência teatral no auditório de Cem Soldos (Casa do Povo), trazendo participantes de Lisboa.

Nos restantes dias da semana, em que estes se encontravam ausentes, o diálogo foi mais com as gerações que seriam as dos seus pais ou avós. Produto de diversas conversas, e pensando em conjunto com algumas pessoas de Cem Soldos, traçámos uma espécie de divisão entre três gerações no festival *Bons Sons*, que se viria a relacionar directamente com a criação e actividade do SCOCS. Uma geração que será a mais velha da aldeia, a dos avós da que se encontra na direcção da associação, estará mais arredada do festival, assim como esteve da criação do SCOCS. Beneficiando da conjuntura revolucionária, a geração que será a dos pais foi a que começou a delinear um movimento mais activo de melhoramentos na aldeia, e que depois viria a edificar-se no SCOCS e a criar e educar os seus filhos, apoiando-se neste, enquanto ao mesmo tempo fazia parte dele. A geração que agora será dos filhos e que farão parte da direcção, terá sido criada e educada com todas as *facilidades* que o SCOCS, ou na realidade o conjunto dos seus pais, proporcionou. Assim podem-se espelhar estas três gerações do *Bons Sons*: A geração dos filhos é quem desenvolve os conceitos do *Bons Sons*, quem o planeia e pensa, a geração dos pais é quem apoia e oferece corpo de trabalho, e a geração dos avós é quem é puxada para ele através do programa “Avós e Netos”, como forma de integrar.

Neste sentido, preparei três questionários tipo: um para cada uma destas gerações. Como anteriormente, não seria utilizado na altura da entrevista, e seria apenas uma estrutura-guião, para me focalizar na questão central. O questionário das senhoras das “Tixas” teria perguntas a incidir sobre que representava este momento, qual o ponto de vista sobre o festival, se frequentavam o festival, e como lidavam com esta mistura *cultural*⁴⁸. À geração dos pais coloquei questões novamente sobre a visão do *Bons Sons* na aldeia, quais as motivações e o papel que desempenhavam, o porquê do trabalho voluntário, e qual o seu papel no SCOCS. À geração dos filhos, num questionário

⁴⁸ Pergunta que passei a colocar por já me ter sido referido anteriormente que as pessoas mais velhas da aldeia, nas primeiras edições, sentiram medo dos visitantes e de alguns vendedores das feiras de marroquinarias.

parecido com o dos pais, acrescentava algumas questões acerca de onde se encontravam a estudar ou trabalhar, em que área, quais as oportunidades que o *Bons Sons* representa. Em ambos os casos, de pais e filhos, ia sendo validada a ideia de que o trabalho no *Bons Sons* seria uma espécie de continuidade do trabalho que sempre desenvolveram no SCOCS. Quando a *conversa* aqui chegava, passava a introduzir a questão das Colónias de Férias, por parecer factor de tamanha união entre estas duas gerações, e que despoletaria tantas memórias contadas de forma voluntária.

II. Associativismo: Contexto Gerador

II.1 Uma aldeia *Companheira*

Ao percorrer as diversas edições ao longo dos anos, do jornal *Cidade de Tomar*, anteriormente ao ano de conciliação do SCOCS, onde existia uma secção destinada a divulgar notícias sobre as populações que compunham as diferentes freguesias do concelho de Tomar, tornou-se possível acompanhar os acontecimentos mais sobressalientes na aldeia de Cem Soldos e na freguesia da Madalena, conjugando-os com diversos contributos de membros da população. Particularmente interessante no facto de consultar o jornal *Cidade de Tomar*, que será o motivo que o acaba por privilegiar, é o facto de que muitos dos artigos que se encontram nesta mesma crónica, especialmente os dedicados a Cem Soldos, serão de autoria de Manuel Maria Mota. É natural de Cem Soldos, e autor do livro que serviu de *guia* para percorrer as características do lugar no capítulo *Contextualização da e na Aldeia*. Foi também coordenador deste jornal, conferindo assim uma visão de alguém participativo, na maior parte dos casos, em relação aos acontecimentos que relata. O fundador deste jornal, e durante muito tempo director do mesmo, terá sido Nuno Mourão, um dos proprietários mais abastados de Cem Soldos.

Desde a formalização do SCOCS que é possível consultar artigos relativos à aldeia e à freguesia da Madalena, em todos os jornais que esta instituição coleccionou, como é exemplo, anteriormente referido, o *Cidade de Tomar*, o *Templário*, *Ribatejo*, e alguns mais abrangentes territorialmente, como é o caso do *Público*, do *Correio da Manhã* ou *Jornal de Notícias*. Desde 1960, o início deste período de tempo a ser averiguado, até à actualidade (2010), pode-se observar um decorrer de múltiplos acontecimentos cujos protagonistas tendem a ser, principalmente, as comissões de melhoramentos existentes, assim como alguns esforços de elementos da aldeia que colaborariam com estas comissões. Outros agentes seriam a Casa do Povo juntamente com a FNAT, que havia financiado a construção de um edifício de raiz para este efeito, que prestava apoio ao teatro, aos espectáculos e à passagem de filmes, assim como a promoção de convívios no geral. É também de referir a actividade paroquial, e a união dos habitantes da aldeia para a sua manutenção.

Entre as diversas actividades projectadas que o *Cidade de Tomar* nos conta, podemos reter várias no âmbito de promover ou melhorar a qualidade de vida em Cem Soldos, a nível desportivo, social e cultural. Descrevem-se também iniciativas de educação ou instrução de uma população adulta que estaria analfabetizada ou com falta de escolaridade, resultando numa taxa elevada a nível nacional de 40% de analfabetismo (Barreto, 2007), sendo que também se descreve a falência do projecto por falta de adesão mínima exigida.

A associação Sport Club Operário de Cem Soldos viria inicialmente a expressar-se mais fortemente através da prática do desporto, durante ainda o período do Estado Novo. Apesar de muitas vezes se retratar parcerias com órgãos como a Casa do Povo da Madalena, nunca haveria uma dissolvência de um no outro e seriam sempre órgãos operacionais da aldeia distintos. Os principais interesses recairiam sobre a intenção de *desenvolver* a aldeia, assim como, consequentemente, *melhorá-la* e preservar o trabalho de um grupo de jovens interessados nesta *causa*. Esta associação padeceria de duas fases: a primeira seria iniciada em 1964, essencialmente incidente na prática de desporto, e associada ao depósito da biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian instalado na aldeia⁴⁹. Seguir-se-ia um período de desvitalização desta actividade, pois os jovens que fariam parte da sua composição estariam a ser destacados para a Guerra do Ultramar.

Uma segunda geração da associação, que arrancaria após o 25 de Abril de 1974, daria então continuidade à prática do desporto e viria a introduzir fortes preocupações no âmbito da *democratização da cultura*.

No presente estudo, pretendo tentar retratar a actividade desta mesma associação, de forma a tentar perceber onde tem origem toda a actividade que sobressai, nos dias de hoje, nesta aldeia. Assim, com o auxílio de diversos jornais, relatos de vários constituintes da aldeia, mas especialmente daqueles que participaram neste processo, e aqueles que hoje sentem as suas consequências, tentarei reconstruir uma narrativa sobre o contexto que alberga estas actividades e os passos desta colectividade de forma cronológica. Os relatos sobre actividades encontrados na aldeia, e as

⁴⁹ Em 1963, com o crescimento notável da população juvenil em Cem Soldos, e com a participação do filho de uma família de elite do local, que seria motorista de uma carrinha de Biblioteca itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian, foi efectuado um pedido à mesma Fundação: primeiro para que esta carrinha incluísse no seu itinerário a aldeia de Cem Soldos, e depois para que constituísse um depósito nesta mesma aldeia, que viria a ser instalado junto da sala que acolhia a Casa do Povo na altura. Esta sala seria cedida gratuitamente para o efeito.

referências a esta, são inúmeros. Por isso, foi efectuada uma filtragem sobre os acontecimentos relatados tentando abranger os que serão de carácter mais mediático e ao longo dos anos, os que serão dominados por iniciativas culturais, sociais, recreativas e desportivas, dando primazia e enfoque às actividades culturais, e neste caso recreativas, que a população tende a encarar também como incentivos à *cultura*. Assim, pretendo fazer através desta abordagem uma espécie de *revisitação* aos acontecimentos na aldeia, tendencialmente recaindo sobre a actividade cultural do SCOCS, não só porque esta será das mais retratadas, mas porque esta parece ser a que se liga mais directamente com a actualidade em estudo do festival *Bons Sons*. A par disto, será necessário também tentar perceber como é que esta actividade acontece no seio da comunidade em que se insere, pois este processo estará também ligado directamente ao festival em estudo, e à forma semelhante e familiar como este se desenrola no *Bons Sons*.

Nesta primeira geração, que incidiria fundamentalmente sobre a prática do futebol, o grupo utilizava o do Largo do Rossio para efectuar os seus treinos, assim como as ofertas da D. Lourdes de Albuquerque que⁵⁰ que sendo alguém abonado nesta mesma terra, viria a oferecer ao Sport Club Recreio de Cem Soldos⁵¹ o seu primeiro equipamento de futebol, assim como o seu terreno para os treinos desportivos, enquanto não haveria outras infra-estruturas desportivas. O grupo equipar-se-ia e reunir-se-ia, dividindo o espaço com o da referida biblioteca, que após um tempo de euforia, pela disponibilidade de material de literatura na aldeia, “por vezes não autorizada”⁵², revelaria uma determinada quebra, onde o espaço serviria quase exclusivamente para as referidas actividades do Clube. Segundo o Informante António Craveiro, o “clube nasce porque a Casa do Povo existia e estava ligada ao regime e nem todas as actividades podiam ser feitas, os dirigentes que lá estavam eram sempre pessoas muito mais idosas,

⁵⁰ D. Maria de Lourdes de Albuquerque seria descrita no livro de Mota como “descendendo de família ilustre, acabou por falecer sem nada possuir, sendo o seu prédio, que se situa a sul do Largo do Rossio, vendido em hasta pública. No tempo da sua vida activa, quando a Sr^a D. Lourdes vinha de Lisboa, era uma alegria para a pequenada e não só, porque a mesma oferecia, além de esmolas aos pobres, também um almoço aos cachopos do meu tempo. (...) Durante alguns anos e enquanto não foram construídas outras infra-estruturas desportivas, a D. Lourdes dispensou terreno na Quinta da Pisca destinado a um campo de futebol.” (Mota, 1997:102)

⁵¹ Nome pelo qual a colectividade seria conhecida na altura, sendo que não se chegaria a legalizar até 1981, pois já existiria o nome Sport Club Operário. Sendo “operário” alvo de conotações com o comunismo, a colectividade nunca viria a abdicar deste nome para o seu registo, e assim, apenas o registou quando teve a *liberdade* de o utilizar.

⁵² Segundo o informante António Craveiro, actual tesoureiro do SCOCS, 2011.

mais ligadas ao Regime e houve necessidade da malta criar isto, já nos anos 70, 80⁵³, na última versão da associação”, a mesma que permanece até aos dias de hoje ininterruptamente. O mesmo informante avança: “Isto passava-se numa sala emprestada por alguém com mais poder económico, onde muitos anos funcionou a Casa do Povo, e quando decidimos fazer as actividades estávamos sempre sujeitos à Casa do Povo, e então criámos a associação na sede da Junta de Freguesia para onde foi também o depósito da biblioteca.” Após a formalização da colectividade em 1981, houve a aquisição do novo edifício-sede, o mesmo até aos dias de hoje. “Recuperámos a biblioteca, pusemo-la de novo a funcionar em parceria com a Gulbenkian e fomos avançando com actividades” (idem).

Anteriormente à formalização do Sport Club, a Comissão de Melhoramentos, protagonizava algumas das actividades centrais da aldeia. A festa de arraial estaria a cargo da sua organização, e como se pode ver pelas descrições que percorrem vários anos, esta festa existia como importante convívio da terra, juntando também visitantes das povoações limítrofes a Cem Soldos. Resultava também num esforço conjunto em que o seu produto líquido iria reverter a favor de diversas causas, emergentes e urgentes em cada ano. Esta ocorreu e ocorre uma vez por ano, no último fim-de-semana de Agosto. No ano de ‘72, este produto líquido seria destinado às referidas obras de reconfiguração da balastrada da igreja de S. Sebastião.

Em 1973, deu-se a formação de um clube desportivo constituído por diversos jovens da terra, de forma a justificarem que a Casa do Povo da Madalena seria uma entidade activa para que pudesse concorrer ao financiamento pela parte da FNAT⁵⁴, para a construção de um edifício da Casa do Povo construído de raiz para o efeito. Em 18 de Janeiro deste mesmo ano a nova sede foi inaugurada. O papel da casa o Povo seria referido pelos habitantes de Cem Soldos como de pouca expressão. Seria mais uma espécie de preenchimento dos tempos livres e um local de encontro e convívio da aldeia, mas não algo em que estes fossem agentes activos. Assim, com iniciativas propostas pela FNAT, seria criado um grupo cultural da Casa do Povo, que oferecia sessões de teatro, música, cinema e biblioteca.

⁵³ A segunda geração do SCOCs é descrita e sobressaliente enquanto colectividade cultural.

⁵⁴ Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, fundada por António de Oliveira Salazar, durante o período do Estado Novo, como instituição de aproveitamento das Férias e tempos livres. Reconvertida após o 25 de Abril no INATEL.

No ano de 1973 seria também inaugurada a luz eléctrica na parte ocidental de Cem Soldos, logo no início do referido ano. Por esta altura, diversos problemas surgiam, a nível da freguesia da Madalena. Transcrevo os apontados numa edição do jornal *Cidade de Tomar*, a falta de estrada que liga Cem Soldos ao lugar da Madalena; um problema que se viria a arrastar durante muito tempo e a tornar-se sério, seria a falta de abastecimento de água ao lugar de Cem Soldos, assim como a Porto Mendo; a ausência de electricidade em vários locais, a dificuldade que os alunos residentes nesta freguesia e estudantes em Tomar sentiam com os transportes públicos que se encontravam à disposição e a falta de uma escola pré-primária que servisse a população infantil dos diversos locais da freguesia. A nível geral, no país, nos anos 60, faltava a água canalizada, a electricidade, os telefones e redes de esgotos. Segundo Barreto (2007), em cada cinco casas, quatro não tinham banhos, dois terços não tinham água, menos de metade tinha electricidade.

Nesta altura, o problema de grande implicação nas suas vidas que veio a mover a população, seria o problema do abastecimento de água em Cem Soldos. Existia no largo principal um poço que se encontrava seco e cujo abastecimento de água era feito através de um tanque municipal, apontado como insuficiente para a população que necessitaria de lhe aceder. Assim, a água esgotava-se antes da próxima visita regular destes depósitos de abastecimento enviados pela Câmara Municipal de Tomar.

Em 1975, após a revolução de 25 de Abril de 1974, duas mil e quinze pessoas encontravam-se recenseadas na freguesia da Madalena, e é aqui que se constitui uma nova Comissão de Moradores, com o intuito e vontade estipulados de melhorar diversos sectores da vida em Cem Soldos. Esta comissão foi convocada por este mesmo problema de distribuição de água na aldeia. Assim, foi eleita uma comissão com nove representantes, cujo artigo refere que arranca com muita força com projectos dedicados ao teatro, ao alcatroamento das ruas, a aplicar placas com o nome das ruas, à promoção de um jornal de Cem Soldos, e a um novo mercado na aldeia. Nos anos que se seguiram, esta comissão manteve-se muito activa, protagonista das diversas iniciativas desenvolvidas na aldeia, cujo produto líquido viria a reverter a favor do financiamento de melhoramentos e benefícios locais. Neste momento problemático relativamente à água, a comissão em conjunto com os habitantes da aldeia, solucionou o problema como pode. Um poço da aldeia, inserido no terreno de um dos habitantes, foi disponibilizado pelo mesmo. Após a observação deste por parte de alguns habitantes, percebeu-se que

afundando este mesmo poço seria possível aumentar o caudal da água de forma a puxá-la para outros locais da aldeia. Assim, a população reuniu-se para implementar sete fontanários em pontos estratégicos de forma que pudesse abranger o perímetro carenciado deste serviço. Com o apoio da Câmara Municipal de Tomar, em termos de materiais e transporte, este problema ficou provisoriamente solucionado, embora não de forma ideal. A partir do descrito momento, os moradores de Cem Soldos já teriam acesso à água. Esta carência a nível da água, parece ter despoletado a necessidade de união e desenvolvimento de um grupo, que a partir daqui, viria a solucionar muitos outros problemas na povoação de forma entusiasta, e que viria a constituir mais tarde o SCOCS, que se mantém até à actualidade.

Foi em 1976 que começou uma secção de voto a funcionar em Cem Soldos. A tendência geral ao longo dos anos foi a vitória alternada entre o Partido Socialista e o Partido Social Democrata, coincidente com a tendência observada em Tomar e no concelho. Na freguesia da Madalena, mesmo com esta alternância, verifica-se uma ligeira permanência do Partido Socialista. Mas, e apesar de os habitantes referirem que nunca se encontrou nos órgãos do poder algo que se relacionasse com o comunismo, esta aldeia foi apelidada de “Aldeia Vermelha”, desconhecendo-se de que pólo viria este nome, ou quem lha teria apelidado de tal forma. O que estes contam é que a câmara de Tomar os apontava como irreverentes, pelas suas exigências, pela sua actividade autónoma, pela sua tendência reivindicativa, pela sua ousadia. Também pelos desacatos gerados com o pároco da igreja de S. Sebastião por não quererem deixar de realizar anualmente o seu rito, que seria considerado profano por alguns, inclusive por este pároco.

A actividade do teatro, como já era habitual nesta aldeia, era apoiada e mantida com vigor. Estaria, por esta altura, em 1977, presente a ideia de apoiar o desporto na localidade. Assim, procedia-se à escolha de um terreno que viria a ser um ringue desportivo, e que seria promovido com as verbas da festa de arraial de 1975, e que viria a ser inaugurado no dia 2 de Julho de 1978, constituindo-se também uma Comissão do Ringue, com três elementos da Casa do Povo e três elementos da Comissão de Moradores, demarcando novamente a separação entre estas duas entidades.

Esta distinção entre as duas instituições como os dois pólos activos da aldeia, verifica-se também na referência a dois clubes: um da Casa do Povo e outro dos

habitantes da aldeia, que num artigo datado de 1977, já refere a denominação Sport Club Operário de Cem Soldos, SCOCS.

Em 1981, alarga-se o alcatroamento às ruas mais interiores de Cem Soldos. É em 1981 que se regista um conflito entre o pároco da igreja de S. Sebastião e a população de Cem Soldos. Este pároco não aceitaria, então, a configuração da festa do Aleluia, que consideraria pagã, pela parte final do rito, em que os jovens que participam nesta procissão partem os ramos e cruzeiros contra os degraus de pedra da entrada da igreja, chamando a isto “Matança dos Judeus”. Segundo estes agentes, trata-se de um acto de diversão, completamente desligado do que os move para esta atitude da sua designação. Vai-se encontrando, ao longo dos anos, diversas vezes a necessidade de justificar a vitalidade deste acto, com um constante reboio em torno deste. Nesta sequência, o pároco recusou dar a missa aos seus paroquianos e mandou fechar a igreja até à hora da missa, que acabaria por ser dada por um padre enviado para evitar que a procissão que este consideraria clandestina e pagã, entrasse na igreja e que se tocassem os sinos. Este mesmo padre recusou-se a prosseguir com a missa se os que haviam participado na procissão da Aleluia não se retirassem. Então, um jovem de vinte anos saiu, e afirmou revoltado que sempre havia ido à missa e que nunca havia prejudicado ninguém. Atrás dele, muita da população saiu escandalizada e a missa não continuou. Assim, por este tipo de união, por este tipo de apoio ante as decisões de que discordam, e pela contestação quanto a estas e a estas práticas, ficaria apelidada “Aldeia Vermelha”.

A Comissão de Moradores integra, neste ano, uma secção cultural mais dedicada ao teatro. Foi construído um palco no edifício da Casa do Povo para a prática do teatro, com financiamento através da Junta Central das Casas do Povo. Foi feito pelas mãos dos praticantes da actividade, que se moveram pelo interesse de o ter disponível para a sua prática. Este palco passaria a servir de local de reunião e ensaio para grupos dramáticos, verificando-se cada vez mais presentes as edificações que viriam a servir para propósitos *culturais*.

II.2 A Consolidação do SCOCS

Seria em 1981, mais precisamente num artigo de 18 de Setembro do *Cidade de Tomar*, que se poderia ler “(...) pois um grupo de jovens dinâmicos de Cem Soldos pretende construir na sua terra um centro cultural (...) cuja finalidade, além de

constituir um incentivo à cultura, ao convívio e ao desporto, tem como objectivo importante interessar-se por tudo o que diga respeito a este aglomerado populacional, no que se refere ao progresso e aos direitos do seu povo (...). E em, 29 de Outubro, este mesmo jornal anunciaria que na secretaria notarial de Tomar foi celebrada a escritura de constituição do Sport Club Operário de Cem Soldos, nome pelo qual havia sido conhecido “desde há anos, sem que, todavia, tivesse sido legalizado oficialmente” (idem). A comissão instaladora foi eleita na assembleia geral dos sócios, reunida para o planeamento de actividades e melhoramentos na sua sede, então, provisória situada no piso térreo da Junta de Freguesia. O produto líquido das actividades planeadas, teria como objectivo providenciar uma sede.

Em Dezembro de 1981 esta colectividade já contava com 100 sócios. Em 1982, o ano iniciava com as notícias de que “Cem Soldos vai de vento em popa”, através de toda a actividade que era possível observar, promovida pela população e pela colectividade. O seu logótipo estaria a ser desenhado. A passagem de ano da população havia sido em festa conjunta, por ocasião de um evento organizado por esta mesma associação. O espírito seria entusiasta, com ocasiões de reunião da população, em festejos, e com as perspectivas de promoção de actividades culturais e recreativas na terra. Assim, após este *arranque*, começa a anunciar-se actuações de grupos corais na igreja de S. Sebastião, bailes, aulas de música e excursões para os mais velhos. Tudo isto, nos dois primeiros anos da sua existência. A par dos conflitos existentes em torno do cortejo do “Aleluia”, no domingo de Páscoa, o SCOCS introduziu-lhe, em 1982, uma modificação que o viria a configurar até aos dias de hoje. Quem não concordasse com o destroçar final dos ramos e cruzeiros nos degraus à entrada da igreja, poderia mantê-los e deixá-los no final da comemoração no cemitério de Cem Soldos, em sepulturas escolhidas, de familiares ou de quem se quisesse homenagear, por exemplo. O ano de 1983 inaugurava com um plano de que a colectividade asseguraria a festa de arraial, contando com o seu produto para promover as diversas actividades a que se propunha, tais como algumas ligadas ao desporto com torneios de futebol de salão, atletismo, aulas de canto coral, a construção de uma nova sede e a comemoração do seu aniversário.

Em 6 de Setembro de 1984 no *Cidade de Tomar*, lia-se a notícia de que “O SCOCS restaurou o edifício da nova sede com entusiasmo”. “A sede encontra-se em plena actividade, abrindo diariamente à tarde e princípio de noite, o serviço de bar é garantido por membros dos corpos gerentes e outros sócios de boa vontade” (idem). Por

esta altura passava a enquadrar comemorações como o S.Martinho, onde tendencialmente se observa que inclui momentos *interactivos*, como concursos dos produtores de aguapé da terra. Fazia parte dos seus planos contactar os senhorios do armazém ao lado da sua sede, para que aqui pudesse instalar um espaço que se tornasse biblioteca, sala de leitura e museu, museu este que serviria para albergar o património da cidade romana de Caldelas⁵⁵. Problema seria neste momento o prejuízo com o qual se contava, pois o clube estaria a sobreviver às suas próprias custas e da população, ainda não tendo sido contemplado até à data com qualquer subsídio cedido pela Câmara Municipal de Tomar. Nesta panóplia de actividades pode-se ler, de forma curiosa, que um dos objectivos imediatos desta localidade seria “*relançar a vida cultural e comunitária, já vivida naquela localidade*”.

Em 1985, pronuncia-se pela primeira vez a intenção da formulação de uma colónia de férias para os mais novos, um dos movimentos colectivos mais prezados e importantes para a população. Seria, também, quando se iniciaria um ciclo que seria repetido ao longo dos anos, de colóquios sobre associativismo e sobre a actividade colectiva. A partir do ano de ‘88, são formados grupos de coro adulto e infantil e, mais uma vez, a colectividade incide no decorrer da “procissão dos Ramos”, “Aleluia”, ao introduzir a entrega de um prémio aos autores dos melhores ramos e cruces, em colaboração com a Junta de Freguesia da Madalena. Neste ano, os monitores da colónia de férias sob planeamento, deslocavam-se a S.Martinho do Porto e Nazaré para analisar as probabilidades de estadia nestes locais.

Assim, a primeira colónia seria em 1987, mas a descrição pormenorizada, disponível de tal evento será do ano de 1988. Relata o artigo do *Cidade de Tomar*, que jovens entre os 16 e os 20 anos, de Cem Soldos, “trabalharam muito” para cuidar das crianças a seu encargo nesta colónia que rumou, afinal, para a praia de S. Martinho do Porto. A nível de apoios económicos contava-se com diversas instituições⁵⁶. Os pais das crianças pagaram um valor de inscrição e as pessoas no geral fizeram ofertas extra⁵⁷. A Câmara Municipal de Tomar emprestou uma camioneta aberta para levar colchões

⁵⁵ Ver Subcapítulo «Contextualização na e da Aldeia» do capítulo «De que Matéria é feito»

⁵⁶ FAOJ, Governo Civil, Gulbenkian, Confraria do Santíssimo Sacramento de Cem Soldos, Junta de Freguesia da Madalena.

⁵⁷ Antes da partida para o local de destino, as crianças e monitores, percorriam Cem Soldos, batendo porta-a-porta em peditório de alimentação que se pudesse conservar (arroz, azeite, etc.), para levar consigo e constituir a sua alimentação durante a colónia de férias. Isto seria enquadrado num primeiro momento, anterior à partida para a “praia”, em que se desenvolviam diversas actividades em Cem Soldos, já incluído na Colónia de Férias.

cedidos pelo Regimento de Infantaria de Tomar, e uma carrinha para levar as crianças. Foi também emprestada uma carrinha dos bombeiros, do CIRE⁵⁸, da Tipografia Gouveia de Tomar, e a carrinha do SCOCS, tão recordada pelas crianças da altura, pela sua velhice, que os obrigaria a madrugar e empurrá-la para que os seus monitores pudessem ir comprar pão fresco, relembram divertidos. A fábrica da Matrena também contribuiu com apoios. De Cem Soldos levou-se uma cozinheira originária da aldeia, e que seria na altura a cozinheira da cantina da escola de Tomar, Jácome Ratton, e mais alguns ajudantes. O presidente da Junta de Freguesia de Salir do Porto cedeu as instalações da escola primária. Rumaram 50 crianças e 9 monitores. As crianças, com idades compreendidas entre os 6 e 13 anos foram divididas em oito grupos, cada um com um monitor. Seguiu também uma cozinheira, quatro ajudantes e dois responsáveis pela cozinha. Segundo o autor do mesmo artigo *“beneficia muitas crianças cujos pais não poderiam comportar as despesas para acompanharem os seus filhos até à praia”*. Seriam utilizadas então duas salas de aula da escola primária, como dormitórios, uma para cada género. Para além das actividades diárias de ida à praia, existia a oportunidade de praticar desporto, em campo próprio, e as crianças também assistiriam juntas à passagem de filmes. Segundo o mesmo artigo do *Cidade de Tomar*, este caso seria único nas colectividades do concelho de Tomar.

Em 1989 seria cedido pela Casa do Povo um terreno para a construção de um Jardim de Infância, e o grupo de escuteiros de Cem Soldos aproveitaria o antigo pavilhão pré-fabricado onde anteriormente funcionava o jardim-de-infância. Este fora transferido para um terreno cedido com apoio do pároco, ajuda da Câmara Municipal de Tomar, Junta de Freguesia da Madalena e confraria.

As colónias de férias continuaram, e até 1991, o número de crianças ia aumentando, contando com 58 crianças presentes. Seria a quarta saída para os campos de férias em S. Martinho do Porto, e os apoios iam-se acumulando. Cada vez mais instituições se aproximavam deste acontecimento⁵⁹. O artigo refere que se trata da *“colectividade que consideramos das mais polémicas do concelho, mas mais activa”*. Indica também que eram realizados intercâmbios com outras associações que visita. As

⁵⁸ Centro de Integração e Reabilitação de Tomar.

⁵⁹ Juntou-se o patrocínio do Instituto da Juventude de Santarém, CMT, JFM, Centro Regional da Segurança Social de Santarém, Misericórdia de Tomar, Escola Secundária Jácome Ratton, de Tomar, Comissão Liquidatária do ex colégio Nun' Álvares, mais aqueles referidos anteriormente.

Luminárias, realizadas no referido ano na festa de arraial, passariam a fazer parte do programa do SCOCS como programa *de manutenção da tradição*.

A direcção do SCOCS, ao longo dos anos, foi sempre encabeçada por jovens, a fim de poder alcançar os subsídios do Instituto da Juventude. Nesse ano é dado um subsídio por parte do Instituto da Juventude de Santarém ao SCOCS, o maior, distribuído pelas várias colectividades do distrito, pelo que estes sobressaíam pelo seu carácter activo, que acabaria por ser mediático e eficaz.

A partir de 1992, a festa do “Aleluia” passa a ser encabeçada na sua procissão, pelos jovens que farão vinte anos no presente ano, idade que substitui a regra anterior de que seriam aqueles que seguiriam para a tropa, e para a “Guerra do Ultramar”. Neste ano contava-se cerca de 250 fogos, e o largo do Rossio havia sido arborizado. Procedeu-se ao alcatroamento da localidade, e seriam finalmente terminadas as obras que viriam a conferir a distribuição de água a toda a povoação, a “todas as ruelas e casais limítrofes”, assim como a instalação da rede de esgotos domésticos.

Neste mesmo ano, a Casa do Povo da Madalena estaria extinta, passando a ser um edifício que seria mantido para outros fins, devido à desvitalização do sentido que esta faria na aldeia. Passaria então a ser utilizado como auditório e posto médico de Cem Soldos.

O SCOCS afirmaria, nesta altura, que não teriam subsídios especiais, mas que o trabalho que haviam desenvolvido até à altura teria um certo poder de afirmação e reivindicação. Estes subsídios seriam empregues e cedidos às associações consoante os projectos que demonstrassem realizados, e o bom aproveitamento que pudessem evidenciar através de tal. Afirmam que a receptividade por parte do público, participativo e usufruidor das suas actividades, é muito positiva. Por esta altura, já começariam a observar um crescimento e dinamismo evidente na aldeia, e assim, alguma euforia de desenvolvimento. O estatuto de “aldeia” seria posto em causa, apontando para que se poderia modificar esta condição mediante tal actividade e modificações constantes.

No seguimento de tais acontecimentos facilmente observáveis, noticiados em jornais, começa-se a observar através dos meios de comunicação uma atenção especial ao potencial desta associação. As diversas instituições, principalmente da zona,

começam a tecer os mais variados elogios por tal trabalho e eficácia com a população em que esta colectividade se insere.

Em 1994, a força, notoriedade e importância da colectividade seria tal, que esta viria presidir à direcção da FAJUDIS⁶⁰. Neste mesmo ano, ocorre uma primeira experiência, muito recordada pelos jovens dos anos 90 e seus respectivos pais, ocasionada pela pertença de Portugal à União Europeia. O SCOCS recorreria a um intercâmbio, juntamente com outras localidades portuguesas, sendo lançado o desafio pela então Comunidade Europeia de que os diferentes povos dos diferentes países se dessem a conhecer. Aqui, o SCOCS fazia acontecer pela primeira vez um intercâmbio entre jovens da localidade e jovens de Cork, Irlanda, sendo este intercâmbio combinado com uma colectividade de Cork de moldes parecidos aos do SCOCS. No verão de 94, Julho, chegaram vinte jovens irlandeses, que participariam nas actividades do SCOCS, fariam convívios na povoação, visitariam determinados pontos do país através do SCOCS, e ficariam alojados nas casas dos intervenientes portugueses de Cem Soldos, que no ano seguinte iriam visitar Cork, fazendo o reverso deste ano. Esta vivência, esta presença de juventude oriunda de um outro local, que ficaria alojada nas casas dos jovens de Cem Soldos, originando esta troca de experiencias, um pólo dinamizador de toda a comunidade.

Neste mesmo Verão, seria construído o Armazém do SCOCS, junto ao ringue, através de um Campo de Trabalho com o apoio do IPJ. Vinte jovens, de idades compreendidas entre os 15 e 19 anos, pertencentes à aldeia, iriam construir este pavilhão com a orientação de um pedreiro e de um dirigente da colectividade, pelo que seriam simbolicamente pagos pelo IPJ, pagamento este que tinham por costume doar à associação.

Em 1995, seria o ano da segunda parte do programa de intercâmbio, e assim, vinte elementos do SCOCS rumaram ao sul da república da Irlanda, Cork, durante doze dias. Para a maioria, esta seria a primeira viagem de avião. Foram, então, recebidos pelo clube de Cork, onde seriam preparadas as suas refeições pelos familiares dos mesmos que já haviam vindo a Cem Soldos, no anterior ano, e foram, de forma semelhante ao

⁶⁰ Federação das Associações Juvenis do Distrito de Santarém. “Fundada no início da década de 90. O projecto de criar uma federação de associações juvenis surgiu porque havia a necessidade de criar uma estrutura distrital para apoiar, dinamizar e representar essas associações juvenis já existentes no Distrito de modo a promover o desenvolvimento e afirmação do tecido associativo juvenil” (<http://www.fajudis.org>)

anteriormente sucedido, distribuídos pelas casas dos que haviam visitado Portugal. Este intercâmbio foi apoiado por algumas entidades que habitualmente apoiam ou apoiavam os projectos do SCOCS, e algumas outras que se juntaram, tais como a junta de freguesia de Olalhas e Câmaras Municipais de Tomar e Ferreira do Zêzere.

O “Coral Amador de Cem Soldos” comemoraria o seu sétimo aniversário neste ano, tendo sido durante estes anos várias vezes motivo de encontros na igreja de S. Sebastião, e cruzamento de outros grupos corais de outras localidades com Cem Soldos. Em 1997, o SCOCS patrocinaria o lançamento do livro de Manuel Maria Mota, sobre a localidade de Cem Soldos.

Neste mesmo ano realizar-se-ia a 11^a colónia de férias, que por esta altura teria atingido proporções muito superiores às enumeradas. 120 pessoas, entre os 6 e 16 anos, repartidos por dois períodos em S. Martinho do Porto. Entre estes, seguiam 21 monitores e seis pessoas destinadas a trabalhar na cozinha, com o pagamento de sete mil escudos (35 euros, aproximadamente) por cada inscrição, que, segundo a fonte, apenas teria a capacidade de cobrir um terço dos gastos. A Câmara de Tomar emprestou um autocarro e 1400 contos. Nesta edição haviam sido incluídas 15 crianças/adolescentes de fora de Cem Soldos, enviados pelas instituições que apoiavam a actividade, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação do Oriente, e IPJ: oito da Guarda, uma Aldeia SOS⁶¹, dois de Lisboa, um do Alentejo e os restantes do distrito de Santarém. Os monitores seriam de Cem Soldos e do SCOCS, de idade igual ou superior a 18 anos, usufruindo de uma recompensa financeira. As instalações seriam, agora, no antigo quartel dos Bombeiros Voluntários de S. Martinho do Porto, sendo que se tornava, por esta altura, cada vez mais difícil conseguir um espaço para realizar as colónias de férias, pois os locais existentes seriam utilizados pelas pessoas de Leiria. Seguido deste evento, o SCOCS planeou umas férias seniores, algo parecido com as colónias de férias mas destinado a pessoas com idade igual ou superior a 55 anos, tendo comparecido 17 pessoas.

Em 1998 as notícias sobre a povoação são abundantemente sobre um boicote que a população organizou ao referendo sobre a despenalização da interrupção voluntária da gravidez (IVG), pelo facto de se encontrarem eminentes algumas

⁶¹“Instituição Particular de Solidariedade Social (...). Tem como objectivo o acolhimento de crianças órfãs, abandonadas ou pertencentes a famílias de risco que não podem cuidar delas, (...) para que se sintam acarinhadas, apoiadas e protegidas (...) para obter uma formação sólida e desenvolver-se de forma saudável até à sua plena autonomia e integração na sociedade.” (http://www.aldeias-sos.org/quemsomos/?idcat=6020&id_parent_cat=6002)

modificações na extensão médica em funcionamento no edifício da extinta Casa do Povo da Madalena, em Cem Soldos, com as quais a população discordava, pois esta passaria apenas a servir para consultas para acamados. Assim, apenas 11 de 714 recenseados votaram. As restantes pessoas mantiveram-se à porta do local realizando e assistindo a peças de teatro, promovidas pelo grupo de teatro do SCOCS, satíricas em relação à situação pela qual protestavam.

Em 1999 a Junta de Freguesia da Madalena, adquire o edifício ao lado para alargar a sua sede. Em entrevista, Manuel Cartaxo, que na altura encabeçava a direcção do SCOCS, afirmava que o SCOCS não teria apenas promovido a cultura, como uma vertente exclusiva e acabando por se esgueirar para outros campos, como é o caso do social, “*que assume um papel muito preponderante na comunidade em que estamos inseridos*” (*Cidade de Tomar*). Afirmava que tenta também intervir no campo dos aspectos recreativos, embora isso muitas vezes possa ser confundido com cultura, afirma, ou de uma forma de cultura popular. O SCOCS poderá ser nomeado como uma colectividade polivalente “*no sentido daquilo que conhecemos de uma colectividade de aldeia*” (idem). Na prosperidade desta colectividade, Manuel Cartaxo afirmava nesta entrevista ao *Cidade de Tomar* que se poderiam contar cerca de 850 sócios activos no presente ano. Em mente estaria a ideia de construir uma cantina no Jardim de Infância, que pudesse em simultâneo arrecadar o material, e cujo refeitório viria a servir tanto os alunos do jardim de Infância como os do 1º ciclo da escola primária que necessitassem, cuja construção estaria a ser negociada com a Câmara Municipal de Tomar. Visava investir em infra-estruturas que dinamizassem a actividade dos jovens. Portanto, aqui, o discurso pela parte do SCOCS, parece ser muito mais claro e dirigido aos jovens, apesar das preocupações albergarem uma faixa etária mais abrangente. Começava a referir-se a construção de uma residência em Cem Soldos, que pudesse albergar cerca de vinte a vinte e cinco pessoas, principalmente para albergar quem viesse visitar a povoação, como por exemplo durante programas de intercâmbios com outras colectividades, mas também para constituir uma salvaguarda em termos de protecção civil, como espaço que pudesse ser a vir ocupado caso existisse necessidade. Como aldeia situada a 5 quilómetros de Tomar, o intuito seria radicar as pessoas no seu meio. Assim, teriam de ter ofertas de qualidade, caso contrário iriam acabar por ficar despovoadas em termos de vida social. (*Cidade de Tomar*).

Em Maio de 1999, lê-se um artigo no jornal “O Templário” que é encabeçado pelo título “Teatro: Cem Soldos Capital da Cultura”, o que começaria a ligar ao nome de Cem Soldos a uma forte prática na área do teatro. É neste ano, em que o grupo de teatro do SCOCS reunido desde 89, e na sua terceira mostra na aldeia, se encontra em posição ascendente, várias vezes enunciado pela imprensa, com projectos vários e de complexidade crescente. Esta mostra traria outros grupos de teatro a apresentar as suas encenações no auditório de Cem Soldos à população do local e a quem aqui se deslocasse para assistir. Este evento é regularmente descrito como de grande adesão, em que se poderia ver uma sala cheia a assistir à programação.

Em 2000 repete-se a mostra de teatro, de sucesso notavelmente crescente e começam-se a desenvolver actividades na aldeia em torno desta, como por exemplo, workshops relacionados com estas temáticas, desenhados para otimizar a formação dos praticantes de teatro da localidade e também para os curiosos pela actividade. O formador que participaria este ano, já teceria comentários como “*é espantoso que se faça tudo isto numa aldeia*”. “*Isto mostra que é possível fazer, não só nesta aldeia como nas outras*” (idem).

Depois de se encontrar de sede renovada, pretendia alargá-la de forma a conseguir ter um centro de acolhimento, para acomodar os jovens e convidados que participam nas suas actividades e, por esta altura, aguardaria a aprovação para tomar posse da antiga Casa do Povo da Madalena. A associação foi-se dividindo entre atletismo, futebol de salão, ginástica de manutenção, grupo coral, banda juvenil, grupo de teatro, grupo de coro, jardim-de-infância e escola de música, organizando a Mostra de Teatro, Encontro Coral e Prémio de Atletismo, “*as três iniciativas de maior dimensão que revelam o dinamismo dos associados*”. Pretende ser uma aldeia que oferece desporto e cultura aos jovens a fim de os fixar, para que estes não abandonem a sua terra por condições insuficientes. Segundo Cartaxo, escola e trabalho também não iriam faltando e “*as pessoas gostam muito de Cem Soldos*”. Afirma que muitos seriam aqueles que trabalhavam fora e que regressariam à noite, que preferem fazer os seus quilómetros diários e regressar a Cem Soldos ao fim do dia. Refere que todos ajudam quando necessário, afirmando que o factor mais desapontante seria a câmara, que fornece apenas o apoio regular, sendo que as grandes iniciativas do SCOCS não haviam recebido apoios específicos.

No jornal *O Ribatejo* escreve-se que apesar do nome da freguesia ser Madalena, Cem Soldos é o seu lugar de maior dinamismo político e social, que fariam daquele local o mais central.

Em 2000 passa a fazer parte do plano de actividades do SCOCS a prática do judo e em 2001, as actividades relacionadas com o teatro continuavam a dominar o panorama mediático relativo ao dinamismo cultural de Cem Soldos. Neste mesmo ano comemora-se a 15ª colónia de férias realizada pela associação, continuando a contar com a visita das crianças e adolescentes da população à praia, e também, com o acompanhamento de crianças oriundas de outros locais do país, que segundo o jornal Cidade de Tomar “*muitas delas pelos seus próprios meios, devido aos poucos recursos familiares, não teriam contacto com a água do mar*”. Neste caso, do ano referido, contou-se com a presença de 120 crianças e adultos, distribuídos por três turnos: um primeiro para as crianças, um segundo para pessoas da população de idade superior a 55 anos e um terceiro novamente para os mais novos. Neste mesmo ano pagar-se-ia uma determinada quantia ao antigo quartel dos Bombeiros de S. Martinho do Porto, para que este edifício pudesse abrigar estes visitantes. Assim, foi-se dificultando o acontecimento desta colónia, pois, apesar do contributo dos pais das crianças, este ano já não contou com o apoio público do Instituto Português da Juventude. Estas colónias seriam pautadas por um importante momento para os pais destas crianças, em que estes visitariam os seus filhos durante um fim-de-semana situado a meio da estadia, enchendo o local da colónia de férias de Cem Soldenses de todas as idades, acabando por gerar convívio entre todos. A ideia seria que os seus filhos lhes demonstrassem uma actividade que teriam aprendido durante a estadia na praia, repetindo-se o evento no regresso a Cem Soldos: cada um dos pais cozinhava ou comprava algo para compor um convívio entre quem quisesse comparecer da aldeia. Seria um encontro em que havia troca de refeições enquanto se convivia e assistia ao que os seus filhos teriam trazido de novo, em si, da Colónia de Férias.

Sobre o grupo de teatro ULTIMAcTO e a sua anual mostra de Cem Soldos, enaltece-se a sua presença e a persistência em criar e mostrar constantemente o seu trabalho, com dedicação à tarefa de divulgação da actividade na aldeia. O modo de funcionar é autónomo e integrado na comunidade de Cem Soldos. Autónomo no sentido em que a população ou a equipa do ULTIMAcTO se gere a si própria e consegue distribuir-se por todas as tarefas necessárias ao acontecimento de uma peça, da

encenação, aos actores, aos figurinos, cenário, sonoplastia e luzes. Todas estas actividades são garantidas pela equipa, que aproveita este facto para se tornar mais consistente, não apenas como tal, mas através das qualidades individuais de cada um que a compõe. Como a sede do SCOCS alberga diversas actividades, que acabam por se estender a outras edificações devido à falta de espaço para toda esta variedade, o ULTIMAcTO ensaia no auditório que seria a antiga Casa do Povo da Madalena, onde também neste ano funcionou a ginástica e o judo, assim como outras actividades da população. No presente ano o líder do Grupo de Teatro, que dirigia a mostra anual Enfoc'Arte, seria António José Clemente, professor em Ourém, que viria a editar um livro com as suas próprias peças contadas a crianças editado pelo SCOCS "As Aventuras de Joanico Viajeiro"(2004). O Grupo conta com o apoio da Câmara Municipal de Tomar, do INATEL, e com apoios pontuais da Gulbenkian e do Instituto da Juventude. Segundo António Clemente, as entradas para as suas peças, regra geral, não são pagas, e mesmo nas deslocações diversas que o grupo faz por várias localidades, pagos pelas autarquias ou em permutas com outros grupos, não costuma haver bilhetes pagos para assistir às peças. Por vezes são trazidas pessoas de fora, com formações ou actividades específicas relevantes nesta área, para partilhá-las e dar formação, tanto aos praticantes de teatro amador de Cem Soldos, como a qualquer curioso da aldeia ou arredores que queira aprender um pouco mais. Será também a intenção destas incursões, despertar mais umas quantas pessoas para participar nesta actividade. Nas contas gerais da associação, o grupo de teatro da colectividade acaba por dar lucro em Cem Soldos, principalmente com as peças destinadas a um público mais jovem, espectáculos que se fazem sempre com abundância na altura do Natal. Em Maio do referido ano, durante a Mostra, foram exibidos 14 espectáculos em Cem Soldos. Segundo as palavras de António José Clemente, as salas estiveram sempre cheias, as pessoas foram-se habituando a ir ao teatro e agora até se tornaram exigentes com aquilo que vêem. Os actores que, por esta altura se juntariam ao teatro, seriam regra geral de Cem Soldos, apesar de a organização não fazer qualquer restrição à participação de pessoas de outras localidades. Alguns dos jovens que participavam, acabariam na altura por entrar para a universidade e abandonar o grupo. Alguns regressam mais tarde à actividade, mas o núcleo duro seria constituído por quatro pessoas, duas das quais se encontram no grupo desde a sua fundação em 1989.

É curiosa esta abordagem feita ao “fenómeno” de Cem Soldos, com uma frequente surpresa quando o diálogo é externo à aldeia: sob a denominação de “aldeia” detecta-se que “também há cultura nas aldeias”, e que não se trata de um fenómeno apenas das cidades. Para esta apreensão da noção de “cultura”, Cem Soldos seria uma aldeia invulgarmente cheia. Ao visitar locais das redondezas, seria mesmo assim que estes seriam recordados, quando se perguntava sobre o local: *“Cem Soldos sempre foi uma povoação muito activa, e os jovens sempre se mexeram muito”*. Durante todo o mês de Maio, esta mostra de teatro abarcou sextas-feiras, sábados e domingos, para facilitar a conjugação com o trabalho, e acompanhando isto, haveria uma feira do livro teatral. Na sede do SCOCS realizava-se um encontro de vários dias para debater as possibilidades do *“teatro como forma de ultrapassar os preconceitos e a xenofobia”*, abarcando visitantes vindos de países como a Polónia, a Suécia, a Áustria ou a Estónia, e também alguns especialistas portugueses nesta temática. Seriam, posteriormente, postas em prática algumas ideias com uma mostra de teatro em que estas ideias estariam representadas como basilares. Eram constantes os intercâmbios com outros grupos de teatro, e por esta altura também em termos desportivos realizavam-se intercâmbios de desportistas, a nível internacional.

Entre 2002 e 2003, os focos de Cem Soldos são as suas diversas vitórias desportivas, ao longo do país, assim como a sua popular Mostra de Teatro, que de ano para ano iria aperfeiçoando as suas propostas de cartaz e ampliando a presença de grupos de teatro. Havia também curiosidade crescente relativamente à festa da Aleluia.

Em 2004 é lançado em Cem Soldos e através do SCOCS, o livro “As Aventuras de Joanico Viajeiro” (2004), que teria começado por ser uma peça, numa edição conjunta entre a Terra do Linho e do Sport Clube Operário de Cem Soldos, cujo autor seria António Clemente, director do ULTIMAcTO⁶². Neste mesmo ano, o grupo ULTIMAcTO seria premiado com a melhor encenação, na Póvoa de Lanhoso.

Em 2005, em foco estaria também a IX mostra de teatro de Cem Soldos, num ano extremamente marcado pelo planeamento de inúmeras actividades para Cem Soldos através do SCOCS. Esta programação teria o nome de “Acontece Cem Soldos”. No discurso sobre este evento, abundam as referências à “democratização Cultural” e ao “espaço rural”, pelo que parece denotar-se uma espécie de planeamento do discurso que

⁶² Contando com um blogue dedicado ao livro disponível na internet <http://joanicoviageiro.no.sapo.pt/>

iria guiar o posicionamento de Cem Soldos quanto às actividades desta programação, que aparentemente se centra em oferta cultural e artística no “espaço rural”.

II.3 *Acontece Cem Soldos*

No ano seguinte, 2006, o SCOCS comemoraria o seu 25º aniversário. Foi um ano de abundância programática de índole cultural como uma forma de assinalar tal efeméride, depois de um período em que apenas as actividades desportivas e o teatro estariam mais vivos na associação e entre a *comunidade*. Então, uma das mais famosas actividades, a colónia de férias, teria sido extinta devido à falta de condições. Para que esta actividade continuasse em funcionamento, o montante pago pelos pais de cada participante teria de aumentar consideravelmente, e a maioria não iria poder participar.

O evento “Acontece Cem Soldos” teria como objectivo manter acções regulares e diversas, no âmbito da *cultura*, para envolver a população e públicos diversos, pretendendo ser também motor de actividades sociais. Para isto anunciava-se a intenção de disponibilizar à população “workshops”, espectáculos de dança contemporânea, colóquios subordinados à temática artística, concertos de música clássica, exposições, teatro, debates, actividades desportivas, de carácter social, entre outras. Para iniciar esta programação, anunciava uma competição de *paintball* na aldeia, algo que não faria parte, então, dos desportos existentes. No artigo do *Cidade de Tomar* refere-se que esta actividade seria “*inserida numa lógica de democratização cultural no espaço rural*”, pretendendo tratar da suposta privação que tende a caracterizar este espaço. Patente neste evento comemorativo do aniversário do SCOCS, estaria a ideia de lançar um concurso de ideias a diversas universidades a nível nacional, para a requalificação do largo principal de Cem Soldos, o Largo do Rossio. No âmbito desta “luta pela democratização da cultura” surge um Núcleo de Expressão Dramática de Cem Soldos (NECS). Neste sentido foram realizados workshops, um dos quais cedido por um coreógrafo externo à aldeia que contou com a presença de 25 participantes, que se desenvolveu na antiga Casa do Povo. O mentor do NECS seria Luís Ferreira, que mais tarde viria a apresentar a ideia do *Bons Sons* à colectividade.

Em 28 de Maio de 2006, o SCOCS apresentou a sua intenção de realizar o festival *Bons Sons* integrado na programação do “Acontece Cem Soldos”, assim como o concurso “Portas Fora” e o Concurso Nacional de Arquitectura, para requalificação do

largo do Rossio em Cem Soldos. O *Bons Sons*, referido como “festival de música não convencional”, faria com que a associação lançasse um pedido de ajuda à população, no que diria respeito a cargos de vigilância, confecção de refeições ligeiras, apoio logístico e, como é dito no artigo do *Cidade de Tomar*, compreensão. Neste primeiro ano, de 2006, o festival decorreria nos dias 18, 19 e 20 de Agosto (sexta-feira, sábado e domingo). A mesma fonte avança também que este seria distribuído por diversas partes da localidade: zona desportiva (neste espaço seria criado um mini-parque de campismo), largo e auditório, e seriam criadas bolsas de estacionamento na periferia da localidade, tendo em conta que o trânsito dentro da aldeia seria cortado.

O concurso “Portas Fora” consistiria na requalificação das fachadas e jardins de Cem Soldos. A ideia seria juntar o maior número de pessoas para que o SCOCS pudesse adquirir, a um preço razoável, os materiais necessários a tal remodelação, que seria paga pelos moradores. Tudo isto seria com o intuito de melhorar a aparência da aldeia, para receber os visitantes que por ali passariam para assistir ao *Bons Sons*. O concurso para requalificação do largo do Rossio, propunha que os habitantes de Cem Soldos participassem na requalificação deste espaço que é propriedade destes todos, onde desde há muito se tem realizado a festa de Verão, de arraial, alguns espectáculos ao livre, a fogueira de Natal, e parte do percurso da procissão da Aleluia. Neste mesmo concurso, as sugestões partiriam da população e respectivas directivas da Câmara Municipal e seriam trabalhadas por equipas projectistas, de modo a *modernizar* e adequar o largo de Cem Soldos às necessidades da população, e que agora também se prenderiam com funcionalidades associadas à recepção de visitantes e de exibição da aldeia para o exterior. Apresentadas as propostas, seriam escolhidas cinco por um júri que depois as iria expor na sede do SCOCS, de forma que a população pudesse ter conhecimento destas mesmas propostas e votar segundo as suas preferências. O projecto viria a ser financiado pela Câmara Municipal de Tomar.

Nesta altura, encontrava-se em tribunal o destino da obsoleta casa do povo da Madalena que estaria prestes a ser entregue à Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, e cujo destino foi reclamado pelo SCOCS. O clube havia investido neste edifício e utilizado o mesmo para o teatro e outras actividades, tendo em tempos contribuído para a construção de um alpendre nesta mesma casa. Protestava agora quanto a este destino da Casa do Povo, que a acabaria por distanciar da população que serve. Mais, desde 1993 seria o SCOCS que todos os meses pagava a água, a luz, e

a limpeza das instalações. Não causavam nenhum impedimento ao funcionamento de uma extensão de saúde ali, mas temiam pior mais tarde ter de comprar o que eles próprios ajudaram a construir.

O grupo de escuteiros de Cem Soldos comemoraria então o seu vigésimo aniversário. Fora criado em 1986 pelo padre João Borga, que sugeriu na altura esta actividade, tendo em conta que Cem Soldos seria um local de muitas crianças e jovens, contando actualmente com 40 elementos. Nesta altura já constaria nos seus grandes objectivos a construção de uma sede própria, tarefa muito dificultada por ter de concorrer à atribuição de um subsídio por parte da câmara, que já estaria esgotado com as colectividades. Estes, até tempo recente, haviam funcionado num espaço pré-fabricado, que seria o antigo jardim-de-infância, cedido gratuitamente pelos proprietários. Todavia, mas que a qualquer momento poderiam surgir projectos para o local e o grupo de escutas teria de o abandonar, ficando sem sede.

Neste artigo, José Clemente, então director do teatro, do grupo de escutas e participante em diversas actividades do SCOCS, reivindica que os escuteiros têm tido um papel também importante. Embora com pouca projecção para o exterior, no interior o grupo seria eficaz, em diversos domínios. O programa do “Acontece Cem Soldos” estaria cada vez mais delineado: numa palestra feita por dois dos organizadores do evento na escola secundária de Santa Maria do Olival, em Tomar, já se anunciava um debate sobre a cidadania, uma acção de formação do IPJ, workshops de fotografia e danças africanas, e várias exposições. Uma já marcada era de artes plásticas. O festival *Bons Sons*, sempre com a finalidade de criar espaços culturais que fizessem uma ponte entre os espaços urbanos e os espaços rurais, propunha-se ser mais do que um promotor da actividade cultural, incentivando igualmente o desenvolvimento desta *região rural*, de forma a combater o êxodo e apelar à participação da população para criar hábitos e torná-los quotidianos.

Assim, anunciar-se-ia também a realização de um espectáculo de dança contemporânea, cujo coreógrafo seria o mesmo que ali havia dado um workshop sobre a mesma área e que viria a esgotar o auditório. Existiria também o debate intitulado “O Exercício possível da Cidadania”, algo planeado para se pensar a acção individual e o distanciamento entre a sociedade civil e a política. Estaria também para acontecer uma exposição nos antigos armazéns de apoio à actividade agrícola, comercial e industrial (final do século XIX e início do século XX) do industrial Manuel Mendes Godinho.

Seriam expostos os trabalhos dos alunos finalistas do curso de design industrial da Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, co-organizado pelo SCOCS, a Câmara de Tomar e os herdeiros do industrial tomarense. Existiria também um workshop de dança oriental, a exposição “Terra” de pintura, artesanato e técnicas plásticas combinadas, assim como um novo workshop intitulado “Cruzes”, subordinado às celebrações da Páscoa: *“a formação integra uma contextualização histórica da tradição, para depois passar à construção dos elementos figurativos que integram o cortejo: as cruces”*. Foi recuperado para o efeito o edifício do antigo armazém Mendes Godinho onde inaugurou a exposição de design com cerca de 100 pessoas presentes. Mais tarde, daria lugar a uma exposição de serigrafia. No âmbito da primeira edição do festival *Bons Sons* surgiria também o programa “Avós e Netos”, que procuraria aproximar duas gerações opostas e promover a troca de conhecimentos entre estas duas gerações, cabendo a estas a elaboração do material de *merchandising*, a lagartixa Tixa, que seria a imagem do evento. Procuraria também, quinzenalmente, reunir estas duas gerações de forma a partilhar entre si experiências que são típicas de cada uma, sendo que a geração dos avós estará ligada à *tradição* e ao saber da prática manual e a dos netos à tecnologia actual.

Seria realizado também um festival de bandas, destinado principalmente à juventude. Por esta altura, o SCOCS e a aldeia de Cem Soldos começavam a atingir um certo pico mediático, sendo referidos com destaque em determinados jornais, mais distantes geograficamente desta área. Nesta altura, existiam 27 pessoas que fariam parte da associação e apenas 4 teriam mais de trinta anos. Numa notícia entusiasta do *Jornal de Notícias*, poderia ver-se esta encabeçada pelo título *“Jovens dinamizam a aldeia e impulsionam cultura”*.

Em 2007 é inaugurada uma caixa de multibanco, a primeira e única em Cem Soldos, situada na sede do SCOCS. No decorrer do almoço de aniversário do SCOCS em 2008, seria anunciado que a antiga Casa do Povo da Madalena teria finalmente sido atribuída ao SCOCS, estando em curso o processo de registo no cartório predial. Seria também anunciado o plano da segunda edição do festival *Bons Sons*, a decorrer em Agosto de 2008, *“um evento muito mais ambicioso, e por sinal com um custo muito superior em relação à edição de 2006”*. Para tornar possível lidar com os custos previstos, o SCOCS estaria a solicitar parcerias com a Câmara Municipal de Tomar, a Junta de Freguesia da Madalena e o Governo Civil de Santarém, e contariam também

com o apoio da Sociedade Civil, com a população da localidade organizadora e com os sócios do clube. Neste mesmo ano, Manuel Cartaxo, membro do SCOCS, revelaria números que seriam significantes da presença dos jovens na localidade de Cem Soldos, dando conta que dos 830 sócios, 65% possuiriam menos de 30 anos. Assim, integram o grupo das “Associações Juvenis”.

Neste ano começa-se a notar mais artigos nos jornais a anunciar iniciativas do grupo de escutas de Cem Soldos. Neste tempo ocorreria um convívio na sede do SCOCS de forma a reconstruir uma experiência sobre os anos ‘20, onde se levaria uma banda adequada, se decoraria o salão do SCOCS e haveria um DJ que passaria músicas de acordo com a mesma temática. Neste mesmo ano realizar-se ia a XI Mostra de Teatro de Cem Soldos, com o habitual sucesso. No final de 2007 seria oficialmente tornada pública a vontade de realizar uma segunda edição do *Bons Sons*, já prevista para os dias 22, 23 e 24 de Agosto de 2008, em parceria com a Câmara Municipal de Tomar. O orçamento, então, seria superior ao da edição anterior. Foi pedido à câmara que suportasse 50% do custo das bandas, ou suportasse a banda mais cara de cada um dos dias do festival, ficando as restantes a cargo do SCOCS e da Junta de Freguesia da Madalena. O representante do Governo Civil de Santarém consideraria este evento a “internacionalização de Cem Soldos”, e estaria disposto a apoiar o evento no transporte dos artistas. Anunciava-se que o *Bons Sons* 2008 não quereria apenas ser um factor de projecção da aldeia e do concelho, mas um factor de comunhão entre a população de Cem Soldos. Por isso, seria intenção do SCOCS organizar um campo de trabalho internacional, com jovens que ajudassem em tarefas várias, como por exemplo na montagem dos palcos.

Em 2008, o grupo de teatro ULTIMAcTO seria seleccionado pela segunda vez para representar o distrito de Santarém na Aula Magna, no concurso Teatrália, promovido pela Fundação INATEL, no qual viria a conquistar o primeiro lugar. Neste mesmo ano haveria um festival de bandas, o “Por essas Bandas”, que seria pautado por uma escala mais pequena que a do *Bons Sons*, consistindo em concertos no Largo do Rossio, de entrada também livre, com a actuação de “bandas de garagem” produtoras de música considerada de qualidade pela organização, aproveitando para a divulgação destas bandas.

Como diria um artigo do *Cidade de Tomar*, o *Bons Sons* “convida-o a viver de novo a aldeia”. Consciente dos encargos financeiros e humanos que este festival

acarreta, a decisão seria que este fosse realizado em formato bienal, para que houvesse uma pausa que permitisse à aldeia descansar do “ano *Bons Sons*”, caracterizado por alvoroço, muito trabalho e cansaço. Por outro lado, permitia que existisse tempo para digerir o acontecimento, e planear um melhor para a edição seguinte, já que este conta com o trabalho de voluntariado, e é uma actividade dividida com o quotidiano da população, que terá outros meios de garante da sua vida.

No ano de 2009, a programação anual do SCOCS, era de novo marcada pelas actividades culturais e desportivas. O ponto alto cultural desta programação, num ano que seria “não *Bons Sons*”, foi especial incidência na XIII mostra de teatro.

Para o ano de 2010, as expectativas e vontades indicariam um crescimento do festival. No 28º aniversário do SCOCS foi feita uma apresentação do que se esperaria realizar para a edição de 2010, que seria de 20 a 22 de Agosto. Falar-se-ia também na assumpção deste festival como “Festival Nacional da Região Centro”, e nesta altura já estaria a decorrer uma campanha de angariação de fundos a fim de cobrir 250 mil euros de orçamento previsto. Para esta edição, o país convidado seria Cabo Verde e a cabeça de cartaz, que iria encerrar o evento, seria Fausto. Em 2010 passaria a haver mais um palco no festival, totalizando dois e as entradas seriam pagas por um preço de 10 euros para permanecer no festival durante os três dias, ou 6 euros cada dia, sendo que o passe de três dias daria direito à permanência no parque de campismo. No dia 15 de Maio de 2009 haveria uma espécie de pré-lançamento do festival. O músico Rão Kyao, que ao contrário do anunciado, acabou por não comparecer na edição de 2008, iria agora compensar a organização com um concerto no Cine-Teatro de Tomar, quando seria feita a apresentação oficial da programação do *Bons Sons* '10. De momento, contava-se com uma equipa de 40 pessoas para pôr de pé a organização do evento. Por esta altura já se referia que este evento haveria posto Cem Soldos no roteiro dos festivais de Verão. Segundo a direcção, o *Bons Sons* teria o orgulho de se considerar como o único festival de verão de música portuguesa. Para além das referidas alterações, o parque de campismo também iria passar a ser num local de maiores dimensões, e mais arborizado, porém mais distanciado do centro e do perímetro do festival. Faria parte desta programação promover cursos de formação durante a fase que precede o evento, onde se iriam propor temáticas relacionadas com as que seriam agora exigidas a alguns para a realização do *Bons Sons*. Estaria também em mente realizar um estudo de públicos do

festival, em colaboração com o Instituto de Sociologia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Anuncia-se em 2009, que finalmente o agrupamento de escuteiros iria ter direito à sua sede, que se encontraria em construção em terrenos cedidos nas traseiras da casa paroquial. A Câmara de Tomar teria apoiado com alguns materiais (nomeadamente tijolo e telha). No 28º aniversário da colectividade, esta anuncia que adquiriu uma casa ao lado da sua sede em estado devoluto, onde pretende instalar o já referido dormitório para albergar participantes em acções desenroladas em Cem Soldos, tal como na mostra de teatro e no *Bons Sons*. A nível social, o SCOCS continuaria com o funcionamento do espaço ATL, refeitório para as crianças e o espaço internet. Por esta altura também já se saberia que seriam os alunos e professores da universidade Lusíada que iriam formalizar propostas de intervenção no Largo do Rossio, cujo concurso já havia sido previsto em 2006, mas por falta de verbas não teria avançado.

No ano de 2010 surgiria na actual galeria da aldeia uma exposição fotográfica e documental em homenagem a Nuno Mourão, que viria a tornar publico o espólio pessoal, até agora guardado, do Eng. Nuno Mourão, contando o seu percurso de vida. Neste mesmo ano foram recebidos diversos grupos de teatro que exibiram as suas peças na aldeia, com a organização do SCOCS e do ULTIMAcTO. Na altura, seria regularmente invocado o projecto de construção da casa para albergar os visitantes ou os que necessitem de alojamento, assim como o projecto de requalificação do Largo do Rossio. A Universidade Lusíada exibiu cinco propostas do seu curso de arquitectura, propostas essas que foram apresentadas aos habitantes de Cem Soldos para que assim dessem o seu parecer sobre a melhor solução a integrar no seu espaço quotidiano. A mesma universidade iria fazer chegar à colectividade alguns painéis esquemáticos das duas propostas para que a população pudesse inclusivamente sugerir alterações, com o intuito de que estes mesmos alunos pudessem, entre Setembro e Dezembro, apresentar propostas finais. *“Os futuros arquitectos do país e seus professores frisaram nas suas intervenções que o seu trabalho se tem baseado em aspectos marcantes da localidade, entre os quais, Festa do Aleluia, a Fogueira de Natal, a Festa de Verão e o Festival Bons Sons, em suma, estes novos técnicos tentam responder com a ajuda de quem ali reside a diversas questões: O que pretendem de Cem Soldos e do seu largo para o futuro? Pretendem que o largo seja uma sala de visita da localidade? E ao mesmo tempo uma sala de estar na terra?”* (Cidade de Tomar, 7/05/2010)

São muitas as referências ao *Bons Sons* que enaltecem o facto de este ser feito “por todos e para todos”, assim como o empenho conjunto da população de Cem Soldos que tem vindo a tornar possível os diversos projectos a que se propõe, e se aponta que o *Bons Sons* surge nesta sequência. As pessoas envolvidas no festival *oferecem* o seu trabalho e um pouco de si para o pôr de pé, aproveitando as faculdades específicas de cada um e gerando uma troca de aprendizagem entre os envolvidos. A maior parte destes voluntários é de Cem Soldos mas, de edição para edição, vão chegando cada vez mais ajudas externas, de mais abrangência geográfica.

Entre Fevereiro e Maio de 2010, aconteceram cursos para dotar a população de competências que lhes seriam úteis a nível individual e colectivo para este desafio cada vez mais imponente que viria a ser o *Bons Sons*. “*No fundo, o contributo de todos, torna o Bons Sons uma realidade*”.

No almoço do 29º aniversário do SCOCS, foi feito um balanço das actividades de todo o ano, muito apoiadas no *Bons Sons*. António José Clemente referiria a intenção de criar um grupo de teatro para crianças, “de e para” crianças, novamente invocando o sentido de democratização, *contra-paternalista*. É feito para *iguais* ou para os mesmos que fizeram. Muito central neste encontro seria a notícia de que, pela primeira vez, o *Bons Sons* deu lucro. A despesa atingiu 193.661 euros e a receita um pouco mais: 194.442, o que resultou num lucro de 781 euros. 82,2% das verbas seriam obtidas através de receitas próprias. Seria anunciado o projecto para 2011, “Casa Aqui ao Lado”, um edifício que pretendem construir num terreno ao lado da sede, que terá sido adquirido. Segundo Luís Ferreira o projecto tem em conta a inserção na malha urbana de Cem Soldos, ou seja, a *identidade* e carácter de aldeia, e é pretendido que seja também um marco de contemporaneidade.

III. *Venha Viver a Aldeia*

Devido à permanência no festival em estudo, e à observação e atenção dedicadas aos vários discursos mediáticos produzidos sobre o *Bons Sons*, objecto de estudo, torna-se interessante o facto de se observar uma insistência e persistência no elogio da música representada no festival, e no tipo de vivência que este proporciona, dirigindo a sua atenção específica para o habitante da aldeia enquanto interface de um modo de vida e de valores que estariam sob foco e desejo de experimentação. As redes sociais permitem observar comentários aos diferentes momentos e características do festival, de forma voluntária, ocasionada por uma decisão individual de opinar sobre o mesmo. Os discursos mediáticos, consultados na televisão ou em jornais, revelam, regra geral, uma atenção específica para os meios e instâncias de produção do festival. Mostram todo o interesse num factor de *exoticidade* detectado, neste festival, por se passar na malha aldeã, por ser produto do tempo, do esforço, e do trabalho doado dos constituintes da mesma aldeia. Assim, representa uma espécie de ideia de *comunidade* e pureza, patente nos seus valores de partilha, e uma pré-disposição para a cultura expressiva, factor este que também seria um valor de *exoticidade*, pois na maioria das vezes esta é agregada à ideia de cidade. As aldeias costumam ser assumidas como periferias que se defrontam com a desvitalização, com um papel que outrora seria fundamental e que é representante de um pólo de produção do sector primário. Porém, hoje transportam consigo uma imagem de locais obsoletos, apenas povoados em ocasiões específicas de comemorações locais, ou visitas de fim-de-semana que os jovens deslocados prestam aos seus familiares, e que mantêm as suas casas com a ideia presente de uma povoação envelhecida. Assim, a *exoticidade* reside também nesta ideia de “democratização cultural”, e os discursos curiosos perguntam-se muitas vezes pela origem de tal presença forte da cultura, numa aldeia do interior. Um discurso de admiração, como que dirigido a uma espécie de heróis, que mediante circunstâncias difíceis, tiveram a capacidade de investir em si e pelas suas próprias mãos, representando a ideia de um eficaz dinamismo social e independência ou vontade própria.

Segundo um estudo de públicos realizado no âmbito das actividades do SCOCS, as duas grandes razões que se apresentariam como condição essencial para os visitantes participarem no evento seriam o género de música que lhes é permitido ouvir e a convivialidade e experiência gerada e possibilitada por este festival.

A reflexão que se segue dirige-se especialmente à segunda característica. Tentaremos perceber ou esboçar hipóteses para a tradução do movimento que decorre nesta ocasião, através de conceitos como “património” e “autenticidade”. Assim, pretende-se abordar este festival, enquanto experiência que parece representar uma ponte para que o visitante, proveniente de *culturas urbanas*⁶³, se aproxime de uma experiência que se relaciona com a ideia romântica de aldeia, ou de *campo*. Por outro lado, infunde a percepção das vivências *especiais* que os seus habitantes poderão representar enquanto garante e interface com esta experiência, numa espécie de patrimonialização da ideia de *cultura popular*, e do seu representante: o *popular*. Contrapõe-se a esta ideia um consumo que se considera impessoal, conotado com a *cultura de massas*, associada aos movimentos da industrialização passados nas cidades.

Num inquérito aplicado ao público permanente no festival *Bons Sons* 2010, no âmbito do referido estudo de públicos, Craveiro e Silva (2011) afirma que 67.57 % dos entrevistados apontaram como motivação fundamental para a sua presença em tal evento “pelo tipo de música e actividades do festival”, reconhecendo a sua qualidade de oferta que abarca um público específico, e “distinto”. O primeiro perfil traçado por Craveiro e Silva, aquele que domina os quadros estatísticos dos entrevistados, seria constituído maioritariamente por indivíduos solteiros, com idades compreendidas entre os 26 e 35 anos, com ensino superior e residentes em diferentes regiões. Este mesmo estudo revelaria um segundo grupo dominante, como distinto do primeiro na medida em que é maioritariamente constituído por indivíduos casados e/ou divorciados, de faixas etárias mais elevadas (entre 36 a 45 anos) e de níveis de escolaridade mais baixos (ensino secundário predominantemente). A grande maioria seria da região da Estremadura e Ribatejo, sendo denominado pelos autores do estudo como um público de âmbito regional. O primeiro grupo costuma visitar festivais de música, e os autores nomeiam este grupo de “público jovem conhecedor”. O segundo grupo não costuma frequentar festivais de música, mas não é a primeira vez que participaria no festival *Bons Sons*. “*O perfil descreve um público local emergente*” (Craveiro e Silva, 2011). Os autores acabariam por concluir que o denominado *público jovem conhecedor* seria mais associado a práticas culturais como a visita a galerias, concertos e festivais de música, enquanto que o *público local emergente* assume-se como um público mais habitualmente espectador de televisão.

⁶³ Tendo em conta que, regra geral, mesmo que pertencentes a uma aldeia, os seus fluxos de procura de oferta na área da educação ou emprego os torna altamente influenciados por estas vivências na *cidade*.

“De acordo com a tipologia de Costa (2002), o festival BONS SONS pode ser classificado como um produto da cultura popular baseado em formas de sociabilidade. É um festival de música que nasce dos recursos humanos de uma aldeia da Região Centro do país. Ainda que, com esta análise, não seja possível avaliar a extensão do seu papel para o desenvolvimento local, o festival, este pode ser identificado como uma manifestação das transformações que se assistem nos espaços rurais, e como uma nova testemunha das novas formas de relacionamento entre estes territórios com os públicos e territórios urbanos.” (Craveiro e Silva, 2011)

III.1 Modernidade e Patrimonialização – Controlar *um tempo*

A *modernidade* é-nos apresentada num formato complexo, de difícil definição, como algo escorregadio e em permanente mudança, em oposição a um tempo pré-moderno, passado recente, que nos é apresentado como familiar, conhecido e por isso seguro. A *modernidade escorregadia* é pautada por movimentos como a globalização, que causa incertezas e desconforto pela sua “fusão” de culturas, pela insegurança que causa e competição que gera, em que cada local compete pela sua sobrevivência e visibilidade no mundo, que se mantém em contacto constante.

Bauman (2000) define a modernidade como um *líquido*, em oposição ao tempo pré-moderno sólido. A modernidade é um *objecto* líquido, fruto de incertezas e instabilidades, de dúvidas e de indefinições. Este descreve a modernidade, que, tal como os líquidos, é incapaz de se manter numa forma específica.

“Os tempos modernos encontram os sólidos pré-modernos num estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais poderosos por trás da urgência de os derreter seria o desejo de descobrir ou inventar sólidos de – para variar – uma solidez duradoura, uma solidez em que se pudesse confiar e depender de e que pudesse fazer do mundo previsível e portanto manuseável.” (trad. Minha, Bauman, 2000:3)

Neste sentido, e assumindo que a modernidade é pautada por esta dificuldade de manuseamento, surgem as reflexões em torno da ideia de passado e de património.

O passado constitui uma fuga, onde está o “sólido”, o basilar, as raízes, o seguro, que transporta consigo a ideia de familiaridade, aquele que segundo a noção de Bauman

(2000) se pode segurar nas mãos, e que não nos escapa por entre os dedos, líquido, como a modernidade.

Neste sentido, surgem as várias abordagens ao modo de conhecer, reviver, e reinterpretar este ou estes passados, trazendo consigo a ideia de património ou patrimonialização. Segundo Durand e Cunha:

“Numerosos estudos salientam que os usos contemporâneos desta noção, tais como aplicados aos bens culturais, têm a sua origem remota no campo do direito: o património designa, antes de mais, os bens materiais que são transmitidos pelo pater famílias à sua descendência.” (2010:373)

Quando começa a sair do campo jurídico, a noção de património, segundo os mesmos autores, designou primeiro os vestígios monumentais, a arquitectura prestigiosa, passando aos poucos a designar outras actividades, até, hoje em dia, se centrarem as atenções no “património imaterial”, uma categoria extremamente alargada (Durand e Cunha, 2010). Chegando à patrimonialização do mundo natural *“a actividade humana modifica talvez inteira e definitivamente as condições de existência das gerações futuras”* (idem:374)

De uma associação à transmissão, o património passa a representar algo que possa não ser transmitido, com o alarme constante do perigo de perda, ou de apagar da memória.

O consumo do passado, como forma de o manter vivo no presente, torna-se central ao movimento contemporâneo como companheiro destas incertezas (Lowenthal, 1985) revelando toda a inquietação que se sente relativamente ao presente e futuro. O passado existiu, traça memórias, e reflecte cenas e actos; já o futuro pode não acontecer, em consequência dos actos humanos na natureza (Durand e Cunha, 2010). A própria natureza, factor incontrolável e desesperante, pode destruir a humanidade.

Segundo Raymond Williams (1973), a nossa sociedade e o nosso *presente* encontram-se em crise, o que tendencialmente leva a que os indivíduos olhem o tempo passado para o compreender, muitas vezes com um olhar saudosista e nostálgico que lamenta as opções que acabaram por se revelar neste *presente*. Olham o passado e aparentemente aplicam-lhe uma espécie de filtro. Os desatinos do passado recente, que são facilmente interligados com a sociedade actual, são perdoados e esquecidos, num fenómeno comparado por Joaquim Pais de Brito (2006) com o “velar de um morto”: em

que as nossas mágoas serão esquecidas, e este se torna limpo e *belo* à nossa vista. Os mortos, “*tornam-se melhores pessoas, esquecemos todos os atritos, porque queremos devolver-nos a serenidade e o equilíbrio e, assim, fazer com que tudo o que possa ter sido um presente de tensão e dor seja transmutado num passado de harmonia e paz.*” (Pais de Brito, 2006:50)

“O passado recente exige ser incessantemente e compulsivamente visitado e revisitado. Figurando o passado local perpetua-se uma identidade. Para tanto, são necessários agentes que produzam para fora a imagem do local, conferindo-lhe centripetividade nas rotas do turismo.” (Godinho, 2010)

O passado representa uma via quase sempre mais fidedigna do que a actual com todos os defeitos que a caracterizam e que pautam a nossa referência a este. Como afirma Hartog (2003), é lembrado entre presenças e ausências como resposta e recurso para tempos de crise eminente no *presente*, através do constante apelo à memória. Segundo o mesmo autor, a aceleração dos tempos modernos provoca a prática patrimonial como símbolo de ruptura entre o presente e um passado.

A nostalgia suportada pelo património é, então, um ingrediente próspero e rentável de uma troca mercantil turística. A manipulação do passado torna-o uma configuração à parte, mas produto do presente, evidente porque lhe pomos a nossa própria “estampa” (Lowenthal, 1985). O passado torna-se para nós uma subsequente construção deste.

Assim, constrói-se um discurso patrimonial baseado na necessidade de preservação. O património emerge como um elemento simbólico de *objectificação cultural*, que representa uma determinada versão identitária que articula passado, presente e futuro. Os referentes culturais do passado ganham um novo significado enquanto recursos fundacionais na construção de uma nova identidade colectiva, baseada na pertença a um espaço simbólico representado pela exposição pública da cultura local.

Neste sentido, refere Lowenthal (1985), que o homem tende a ser obsessivo com a manipulação do tempo, através deste pesar que guiou a sua *história* até aqui. Com a obsessão presente, mas uma enorme impotência relativamente a tal factor – tempo- o passado torna-se *um país estrangeiro*, exótico (Lowenthal, 1985), um *país* que podemos visitar, escolher as vivências que queremos experienciar, as melhores, tentar aprender

com ele de modo a que melhor se controle o *devoir* (Godinho, 2010) que nesta perspectiva aparece como incerto, contrariamente ao passado, que é familiar e seguro (por se saber com o que se contar).

*“O *devoir* é simultaneamente encarado como perigoso e, paradoxalmente, ameaçado: o apelo à noção de património não traduz só uma tomada de consciência e uma resposta à ruptura, mas tornou-se uma maneira de designar um perigo potencial e de lhe fazer face, pondo precisamente em acção uma lógica de tipo patrimonial, que se proclama cada vez mais preocupada pela transmissão e que dá cada vez mais lugar ao “património imaterial””* (Hartog, cit Godinho 2010: 81)

Segundo Williams (1973), os discursos patrimoniais e de conservação, que tendem a salvaguardar algo resgatado da ideia de passado, que preservam imagens relacionadas com este, como uma *caixa de memória*, tendem a remeter para uma *idade do ouro*, onde tudo seria próspero. Imediatamente ligado à ideia de passado, de raízes, de história, e de sustento para o que seremos nos dias de hoje, encontra-se sempre a humanidade, com o seu poder manipulador e operativo, nomeadamente em relação à natureza, que representará algo primitivo, puro, inocente, sem propósitos planeados no seu acontecer. Assim, uma imagem de *cultura popular*, aquela que é sempre referida como sendo a de *outro*, como afirma Paula Godinho (2010), representa tendencialmente um estado mais puro dos seres humanos, com hábitos mais dignos e mais entrançados com a natureza, ligando estes modos de viver a um meio rural, uma espécie de antítese à ideia de cidade - caótica, cinzenta, desordenada e criminosa, aquela que representa o progresso, e em última instância, o presente e o futuro. Será este momento, dominado por uma imagética rural, que reporta à ideia de tempo anterior, mais próximo da ideia de autenticidade.

Jean-Yves Durand e Manuela Ivone Cunha (2010) confrontam a definição de sistema imunitário com a definição de património, no que, a meu ver, traduz de forma clara, metaforicamente, o que se tem apontado sobre as motivações impulsionadoras da preservação da *herança* patrimonial. Assim Durand e Cunha (2010) avançam que a vacinação é uma técnica directamente relacionada com o tempo, que nos permite agir hoje, *no presente*, com o fim de garantir um determinado estado de manutenção do corpo no futuro, *“eventualmente em função também de certos acontecimentos no passado, ou da sua ausência”* (Durand e Cunha, 2010:375). Afirmam também que “a

função de vigilância desempenhada pelo sistema imunitário só se vê precisamente quando está deficiente” (idem:377).

Kirshenblatt-Gimblett (1995) refere o acto da patrimonialização como produtor de uma “metacultura”, algo que se encaixa numa ocasião de visitaç o e não num quotidiano observado. Algo que   ocasional no momento em que será exibido, e que idealmente faria parte da vida de quem o *performa*, mas que nestas instâncias, passa a ser uma performance gerada pela visita o, apenas se encaixando na ocasião proporcionada para este.

As referidas operações “metaculturais”, que conferem uma noção de património, amplificam os valores e métodos museológicos para as pessoas no presente, amplificam conhecimento, práticas, artefactos, mundos sociais e espaços de vida. Kirshenblatt-Gimblett (1998) aponta o património como uma “empresa” que selecciona objectos e práticas considerados valiosos de forma auto-consciente. As pessoas são então parte integrante, como *objectos* e como sujeitos de preserva o cultural, sendo também agentes na “empresa” do património.

As intervenções no património por parte de entidades externas que pretendem a conserva o do património *material e imaterial*⁶⁴, com o intuito de tornar a mudança mais lenta, constituem um paradoxo: as formas de preserva o do património para uma aproxima o ao passado, tornando a mudança global mais lenta, são um marco da modernidade, que se tenta *contornar* com estas medidas: conciliar a valoriza o de práticas e costumes com um programa de transforma o social e pessoal, dando lugar a formas de produção que conjugam o *contemporâneo* e o *tradicional*. (Kirshenblatt-Gimblett, 1998).

No caso do objecto de estudo, o que representará também um factor de *fascínio* sobre este movimento por parte do espectador, será a autonomia que este demonstra: não é tido como um acto *paternalista*, de alguém que observa do exterior a iniciativa do festival, mas de indivíduos crescidos neste contexto e parte integrante dele, apesar das influências externas em parte do percurso de vida, passado ou na actualidade, decorrente

⁶⁴ Kirshenblatt-Gimblett faz a distinção de património material e imaterial de forma bastante clara e útil, a meu ver. A autora indica que o património material se dirige a “coisas” e o património imaterial dirige-se a eventos, pelo que afirma que também as coisas são eventos. O património imaterial é incorporado e inseparável das pessoas e dos seus mundos materiais e sociais e o património material   m teria inerte sem o primeiro.

noutros locais, nomeadamente urbanos. Estes encontraram uma forma de se enquadrar num espaço económico.

Como forma de operar economicamente, o património apresenta uma instância na manutenção das antigas formas de viver, que podem não ser economicamente viáveis e até incompatíveis com o desenvolvimento económico e com as ideologias nacionais. Contudo, a valorização desses modos de vida como património é economicamente viável, e pode ser alinhada com ideologias nacionais de singularidade cultural e modernidade (Kirshenblatt-Gimblett, 1995).

Joaquim Pais de Brito (2006) refere que o objecto patrimonial catalisa a atenção e a memória de um universo social, construindo narrativas em torno de personagens, lugares, culturas, formas de vida, e contribuindo para imaginar uma experiência mediada por um complexo de exibição patente no objecto patrimonial, através de uma constante dialéctica entre o passado e as suas representações no presente. A noção de continuidade, particularmente perseguida em momentos de turbulência, de mudança e de triunfo do efémero, fornece uma armadura contra o esquecimento colectivo, que favorece as manipulações sobre o tempo passado. (Godinho, 1998), especialmente quando a modernidade é inquietantemente apresentada, como afirma Bauman (2000), num estado líquido.

III.2 O Campo e a Cidade

O Festival BONS SONS'10 é daqueles momentos que se prefere viver longe do bulício da cidade. Opta-se pelo verde do campo e aconchega-se na simpatia de quem vive na aldeia. Habituada ao sossego dos dias, Cem Soldos reúne-se na agitação dos preparos para o seu grande momento bienal, em que as ruas se enchem de gente e o silêncio é substituído pelos acordes de música. (...) A maneira inédita de receber os muitos visitantes, oferecendo-lhes a hospitalidade de pequena comunidade, tornou o festival num sucesso que se repetiu em 2008 e que regressa este ano. (...) A tradição da nossa música também vai marcar presença, assim como a sua contemporaneidade. (Texto introdutório de uma brochura do Festival Bons Sons '10)

Do ponto de vista abordado anteriormente, como símbolo de passado e factor de “recuo” no tempo, parece contar-se aqui com a representação de uma ruralidade que

idealmente representará o nosso passado recente, ou um estágio social anterior ao presente, ainda não afectado pela *corrupção* que o povoa. Simbolicamente, trata-se de um estágio mais puro, mais inocente, ligado à ideia de origem, de raízes, em harmonia com a natureza e com estilos de vida que lhe estão associados, com hábitos que tendem a ser considerados mais dignos. Assim, o campo acaba por funcionar como um refúgio, de lazer, onde se pode aspirar momentaneamente a estas vivências.

No caso do *Bons Sons* parece passar-se isto mesmo: trata-se de uma aldeia que se move, em conjunto, para receber visitantes, que se unifica para produzir um evento, sem valor monetário de retorno, o que implica que o *Bons Sons* transporte a ideia de que é feito do “carinho”, ou de um qualquer sentimento inocente, honesto, incorrupto, por se opor à ideia de valor económico. É permitido ao visitante que partilhe esta aldeia, e uma ideia reproduzida do seu quotidiano, seguindo-se uma interacção com o habitante da aldeia – *o popular* – que introduz a expectativa de uma experiência em si, nas suas vidas.

Como afirmaria Godinho (2010) estas considerações são tidas pelas elites sobre um meio que lhes será alheio. Num “olhar sobre o alheio”, que varia entre épocas, observa-se no *Bons Sons* uma curiosidade sobre estilos de vida que são desconhecidos de uma *elite* urbana. Verifica-se um distanciamento que tende a ser idealmente superado. É esta distância entre o *eu* e o *outro* que se quer encurtar, ainda que o *outro* seja uma espécie de recriação para o “eu”. Não existindo distância, não existe o desafio de a superar. Isto torna-a paradoxalmente necessária para a sua extinção, enquanto também reveladora deste “exotismo” que interessa consumir no *Bons Sons*.

Fundamental para considerar uma distância entre o pólo de campo e de cidade será o trabalho de Raymond Williams (1973) que distingue no seu estudo, relativamente ao pólo de Campo (o *outro*) e de Cidade (o que *considera*) uma visão pastoral e contra-pastoral. A “pastoral” aplica-se à ideia romântica do campo, através de representações literárias, musicais e artísticas, sendo relacionada com os movimentos poéticos do século XVIII. O campo representaria então a pureza, a simplicidade, a autenticidade, enquanto a mesma visão *pastoral* aplicada à concepção de cidade reflecte um local onde acontecem os movimentos culturais⁶⁵, por excelência, associados à ideia progresso. A

⁶⁵ Williams detecta três diferentes usos da expressão “cultura” na contemporaneidade: *civilização*, como um processo gradual de auto-aperfeiçoamento, com um utópico fim, objectivo, para que se dirija, associando-a a boas maneiras, refinamento, entre outras características; “popular”, como ataque ao universalismo iluminista, referindo o plural “culturas”, para abranger de forma diferenciada nações e

perspectiva contra-pastoral de campo encara-o como um local de ignorância, brutidão, atraso, enquanto a cidade é um lugar sujo, caótico, de ganância e corrupção. Williams (1973) refere que há que se ter em mente a associação regular nos séculos XVI e XVII que conectam a cidade com as ideias de dinheiro e lei; no século XVIII com luxo e riqueza; a persistente associação, especialmente no final do século XVIII e XIX, com a máfia e as massas; no século XIX e XX com a mobilidade e isolamento, percorrendo os diferentes significados que esta adquire em diferentes contextos históricos. O autor afirma que cada uma destas ideias é persistente, mas que o isolamento apenas emerge com mais força na fase metropolitana de desenvolvimento. Assim, existem diferenças radicais nas ideias de cidade e de campo, com a ideia de residência comparada com a de retiro rural, que implica mobilidade. Segundo Williams cada uma destas ideias parece depender das variações de classes sociais. (Williams, 1973)

Nas noções de mundo moderno, inscrevem-se as de modos de produção e relação capitalista, de mercadorização e de espectáculo. Gotham (2002) refere algumas características deste movimento: a primazia do “consumo” sobre a “produção”; o eclipse do valor de troca pelo valor simbólico; a ideia de uma cultura auto-referente. Isto ocasionará um turismo de visitação como estratégia de revitalização local, que gera uma identidade performativa, e uma mercadorização da realidade, devidas à hibridização cultural que procura uma especialidade em si para exhibir ao visitante.

Para MacCannel (1992) esta hibridização das culturas é uma pré-condição para a invenção e criatividade, que se tornarão cada vez mais exigidas por todos, enquanto sobreviventes à época da globalização da cultura, actualmente dominada pelo capitalismo avançado.

Na contemporaneidade, a divisão que abarca os pares “campo” e “cidade”, suporta em si uma separação entre agricultura e indústria. A indústria tende a ser associada à produção massificada, que serve uma multidão que coabita em áreas reduzidas – bairros – o que teria dado origem às torres e prédios, que providenciam “dormitório” às multidões que se concentram nestas áreas, regra geral por trabalharem

períodos, ou culturas económicas e sociais no âmbito de uma mesma nação; remissão para o mundo das artes, considerando-se que quer ser civilizado ou cultivado, e que pressupõe refinamento, doseamento da paixão, boas maneiras, espírito aberto, autodisciplina e uma sensibilidade inata aos interesses alheios, com ponderação e comedimento. (Williams cit. Godinho, 2010: 67), no caso indicado, referimo-nos à terceira visão explanada pelo autor.

nas indústrias, que necessitam de múltipla mão-de-obra. Com a massificação da produção e com a globalização, tornou-se visível um complexo de rejeição por parte de algumas elites sobre estes mesmos produtos massificados, o que se estende também aos meios de produção cultural, acabando por achar uma antítese no campo, pautado por ritmos mais lentos, formas de produção mais primitivas e em pequenas escalas, onde se consegue simular uma espécie de fuga ao *modo cidade*.

Para Anthony Giddens (1999:31) uma das consequências do desenvolvimento industrial global pode ter sido a alteração do clima, que também terá provocado bastantes mais estragos no *nosso habitat terrestre*. Os males e *doenças* da modernidade tendem a ser associados a esta mesma *massificação*; a perda de qualidade e singularidade por se tratar de uma resposta generalizada, *global*, que não respeita as particularidades, que não serve a sua manutenção.

O *popular*, no sentido da distinção feita como um *outro*, é associado a uma origem, que será comum e estará fortemente e cada vez mais exposto a esta *massificação*, como efeito globalizante. Na iminência da perda das suas particularidades, que levaria a uma extinção de um momento no *tempo* que é então fugaz, patrimonializa-se este *sentido de vida*.

Como contrapartida a esta noção de autenticidade e pureza, encontra-se a ideia da produção de massas, industrial, maquinal. Williams (1973) refere três tendências para confirmar o sentido de uma cultura de massas: 1) a aglomeração de população nas cidades industriais, uma massa física de pessoas cujo crescimento se acentuou e que continuou com o incremento da urbanização, conduzindo a um *encontro das massas*; 2) a concentração de trabalhadores nas fábricas devido à necessidade de produção colectiva em larga escala, originou uma *produção de massas*, 3) o desenvolvimento consequente de uma classe trabalhadora organizada em termos sociais e políticos, fez emergir uma *acção de massas* (Williams cit. Godinho, 2010: 80).

Desde a revolução industrial, e desde o início da produção agrária capitalista, imagens poderosas do campo e da cidade têm sido veículos para responder a um novo desenvolvimento social (Williams, 1977). As imagens de campo são imagens do passado, enquanto as imagens da cidade são comumente relacionadas com o futuro. Se as isolarmos, resta um presente indefinido. O campo será identificado com as formas antigas, humanas e naturais e a cidade com a modernização, progresso e

desenvolvimento. A cidade representa a ideia de *materialismo* e o campo a ideia de *humanismo*. Na contemporaneidade, tende-se a encontrar uma espécie de balanço entre ambos, uma espécie de escolha irresolúvel entre um materialismo e humanismo necessários.

Quando nos tornamos inseguros num mundo de estranhos aparentes, na cidade - ligada à ideia de impessoalidade, de multidão desconhecida - podemos retirar, em segurança, numa subjectividade profunda, ou podemos tentar-nos relacionar como indivíduos, para descobrir de alguma forma um sentido de comunidade, de vizinhança ou família. Os camponeses viviam em comunidades harmoniosas, submergidas na cultura mais genuína, e constituíam uma espécie de antítese ao proletariado urbano (Godinho, 2010, 78). Nesta perspectiva, o *povo*, a *cultura* popular, virá a adquirir conotações simbólicas que a associam à pureza, à origem, ao primitivo, à infantilidade, à ingenuidade, ao natural, convertendo-se em matéria-prima por excelência para a fabricação das culturas nacionais (Godinho, 2010: 78).

Perante uma ameaça globalizante, que põe em contacto directo, de forma mediática e fluida, vários locais do mundo (Appadurai, 1996), há uma busca pela autenticidade e pelas representações de si em cada local, gerando consequentemente um *complexo de exibição* (Dicks, 2003). Os locais tornam-se visitáveis, e preparam-se de certa forma para receber os seus visitantes, exibindo a sua “autenticidade”, que é na actualidade, um dos modos mais recorrentes de produzir localidade e referência mediática. A autenticidade é algo que será fonte de procura pelo turista cultural.

Segundo Paula Godinho, “*devido ao fluxo de informação proveniente do exterior, as aldeias enquadram nas novas formas reprodutivas a tentativa de universalização do que é edificado como especificamente local, promovido por notáveis do quadro local e citadino*” (Godinho, 2010, 31). Assim, e virado para um vasto público vindo de diferentes locais e origens, a exibição da cultura assume uma linguagem multivocal (Anico, 2006).

O *popular* parece conter em si uma imagem de passado e dos estilos de vida que nele se inserem. A experiencia destes estilos de vida, e a defesa da imagem que estes simbolicamente transportam, participam numa linguagem que enfrenta a ameaça da humanidade na contemporaneidade. Diante da possibilidade de esta perder o senso da

sua própria continuidade, o presente pode ser visto como potencial património na perspectiva da sua perda (Jeudy, 2001).

Neste contexto, o turismo e o património passam a andar “lado a lado” enquanto forma de promover os locais: o património converte localizações em destinos e o turismo torna-os economicamente viáveis como representações destes mesmos Lowenthal (1985).

Não sendo uma aldeia “tradicionalmente” turística, ou com especial notabilidade pelas suas formas de vida “comunitárias” ou arquitectura aldeã característica, como acontece nas aldeias no Norte ou Sul de Portugal, Cem Soldos parece ter olhado para si própria e escolhido as suas principais características que a poderiam potenciar, aumentando-as e tornando-as representações mediáticas do terreno a que se associam, produzindo para fora (e para dentro) uma ideia imaterial acoplada à sua “fisicalidade”.

Com esta linguagem universal, a aldeia consegue atrair diversos públicos, conquistando cada vez maior eficácia e afinação na imagem produzida para estes, introduzindo uma noção de “público-alvo”. No caso em estudo, estas rédeas parecem ser tomadas pelas gerações mais novas que estudaram ou moram fora da aldeia. Estas parecem ser mais conscientes de estratégias para promover a visibilidade e visitabilidade da aldeia, enquanto as restantes gerações aparentam confiar num discurso que frequentemente afirma que “o *Bons Sons* é bom para a aldeia”. Quando os ganhos são frequentemente relacionados com o proveito monetário que se conseguirá obter para a aldeia, e este não existe, parece ser mais inteligível nas gerações mais novas que é uma mediatização da aldeia que, a longo prazo, irá dar o seu lucro de formas que poderão ainda ser imprevisíveis.

Terá sido um olhar conjunto das gerações mais novas que pensou em mostrar esta “imaterialidade” performada no festival, que parece ser um dos seus principais pontos: o sentido de comunidade, afecto, partilha e pureza. Trata-se, ainda para mais, de um evento que se encontra intrínseco nas pessoas da aldeia, e que apenas pode ser vivido através destas.

Consigo apenas se pode levar uma peça de merchandising que confere que o visitante partilhou do evento, da vivência, e que o faz recordar esse momento.

Num tempo em que tal vivência já passou, olha-se o objecto e recorda-se as emoções que lhe estão associadas, agora num quotidiano oposto àquele para onde se escapa nos dias do festival.

Nas cidades, onde a pessoalidade parece mais escassa devido às escalas aumentadas, pode-se puxar para a sua rotina um pouco da sensação desta “vivência harmoniosa” olhando e divagando com o objecto que a representa.

III.3 Emblematização do Local

“O *Bons Sons* pôs Cem Soldos no mapa” (*Público*, 26 de Agosto de 2010). Ao nome Cem Soldos, surge sempre agregado o nome “*Bons Sons*”. “Bons Soldos”, “Cem Sons” são trocas frequentes, porque um nome encontra-se fortemente espelhado no outro. Cem Soldos passou a ser a “aldeia global” (*Templário*, 26 de Agosto de 2010), a “aldeia cosmopolita” (*Mirante*, 12 de Agosto de 2010), o *Bons Sons* é “a obra comunitária de uma aldeia chamada Cem Soldos” (*Público*, 21 de Agosto de 2010). Através do discurso mediático, a ideia de aldeia é frequentemente invocada, e será parte fundamental e integrante para a exotividade que se torna atraente a um *outro*, espectador, alheio à aldeia. Parece ser desta forma que a ideia se veicula entre os espectadores, emblematizando e mitificando o local em questão, como a aldeia que sobressai pelos seus especiais atributos. Nomeadamente pelo carácter activo, pelo trabalho *recíproco*, sem recompensa financeira, e pelo espaço que demonstra disponibilizar para a contemporaneidade no seu interior.

Joaquim Pais de Brito (2006) refere que as sociedades produzem ficções de si próprias. Num contexto de globalização, o local, a aldeia, necessita de se reafirmar, reinventar e sobreviver perante novos públicos, procurando atrair a um público “estrangeiro”, e potenciando-o, de forma a traduzir o local numa imagem imediata, que compete com a de outros locais, e as mapeia em conjunto numa referência mediática. Para Henry-Piérre Jeudy (2001) o património cultural local torna-se reconhecível e conduz a que uma sociedade o apreenda como espelho, e opere um desdobramento em espectáculo, que permite fazer dos seus objectos e territórios um *medium* permanente de especulação sobre o futuro. Através do *Bons Sons*, Cem Soldos carrega em si a ideia de progresso, de contemporaneidade, espelhada na projecção de que nesta aldeia existe espaço de futuro, e que será uma espécie de futuro ideal, que casa a ideia de campo, as

noções modernas de sustentabilidade, de comunhão, de ritmos mais *humanos*, com uma ideia de contemporaneidade que se reconhece no quotidiano urbano: o espectáculo de música, as exposições, a *cultura distinta*, que não será a *cultura de massas*, aliás reforçada pelo seccionamento que é talhado na música portuguesa representada, no cenário idílico do campo. A ideia da experimentação desta vivência, de aldeia, de forma reconhecível, contemporânea, acaba por conferir esta característica diferenciadora. “O tradicional é uma abertura a novos universos” (*Público*, 21 de Agosto de 2010).

Inevitável será ter em conta o adjetivo “amador” associado ao festival, mas com uma especialidade: não é depreciativo. É frequente que o festival seja apelidado de “amador” ou “familiar”, mas neste caso, ao contrário de outros, é algo louvável, por demonstrar proximidade à ideia de autenticidade, ou ingenuidade, como sinónimo de falta de calculismo. Juntando-se à noção de que o festival não é algo concebido para lucrar, mas para ser “por todos e para todos”. O mesmo número do Jornal *Público* (21 de Agosto de 2010), ainda reforça a ideia de que “as decisões são tomadas «de forma comunitária», tendo em atenção a opinião de todos, novos e velhos, especialistas ou não”. Ergue-se também a curiosidade relativamente às origens da aldeia, o que levaria a este presente que provavelmente deveria ter sido replicado por mais locais.

Para Llorenç Prats (2006), verifica-se uma frequente valorização patrimonial do que é exclusivo do local, uma delimitação territorial determinada por um alcance administrativo, a competição entre localidades, a figura do museu e do desejo associada a um certo mimetismo (relativamente às figuras de acção patrimonial), uma associação directa entre património e desenvolvimento turístico e projectos e activações patrimoniais como substitutos de outras actuações de improvável consenso. Identifica-se dois campos de trabalho principal: o contexto e a memória. A memória é o mais relevante para a afirmação do património a nível local: permite reunir a construção social do património, do passado, com a construção científica, a herança cultural, o conhecimento e uma autogestão das activações patrimoniais por parte da mesma população. (Prats, 2006: 192)

Grande parte do *display* cultural contemporâneo abraçou uma certa calma e paz vernacular. O íntimo da sociedade em exibição ganhou uma nova apetência, relacionada com as questões de autenticidade e identidade (Dicks, 2003). Os locais tornam-se exposições deles próprios, afirmando uma determinada identidade própria que atrai por si mesma visitantes aos locais em questão. Esta identidade tem como exigência uma

determinada legibilidade que lhe terá de ser inerente. Ou seja, acesso fácil para estes visitantes / turistas. O *display* é concebido de forma que, para além de exibir um carácter identitário associado a um lugar específico, tem de poder falar com os não pertencentes a este lugar, fazendo da visitabilidade algo dependente da eficácia da comunicação no *display* patente. De acordo com Godinho (2010: 313), bens e práticas que se encontrariam fora desta esfera mercantil que lida à visitabilidade, são transformados em bens de consumo, sendo de alguma forma “maquiados” para demonstrarem uma proximidade cada vez mais elevada à sua imagem de “autenticidade”, mercadorizando a *diferença*. Tal mercadorização do “autêntico” pressupõe uma referência a uma versão original que, nesse âmbito, não seria mercadoria reconhecendo a superioridade do não-mercantil e do *valor de uso* sobre o *valor de troca* (Godinho, 2010:13). Assim, tanto o *autêntico* como o *autóctone* estão intimamente ligados à ideia de localidade, de lugar, de terreno específico, que todavia é caracterizada, na actualidade, por modos de produção obsoletos e com afincadas modificações entre os estilos de vida actuais e os que representam aquilo que já haviam sido, antes de um presente global, que as aproximam dos estilos de vida de muitas outras.

As modalidades da festa favorecem uma representação, uma síntese deste local e das gentes que o unificam, e produz uma imagem que se veicula facilmente para o exterior da aldeia, mediatizando-a. “Essa unidade é concebida como uma vida característica e homogénea, que remonta a um passado comunitário, com efeitos identitários e emblematizantes (Godinho, 2010: 316) Esta inflação das qualidades locais, específicas e seleccionadas, que no caso residem num *modo de estar* e numa memória e história associados à sua imagem, serão dilatadas para fora do espaço da aldeia através de vários veículos mediáticos, e imortalizada com o *Bons Sons*.

A cultura será, então, produzida tendo em conta o seu carácter para visitaçào: produzida para um público “estrangeiro”, externo, e apropriando os seus espaços e locais para estes propósitos.

A modernidade é caracterizada pela acessibilidade aumentada e pela escolha activa e interferência directa no “acontecimento” em exibição. Segundo McCannel (1992), existe uma espécie de camadas entre o visitante e o local visitado, que este enumera como seis. Estas camadas são mais ou menos penetradas consoante a decisão do *povo* em exibição. Os costumes, a tradição, o *backstage* da cultura, neste caso a

representação de um símbolo de autenticidade, serão a finalidade destas visitas, assim como encontrar-se por dentro desta e integrado. Mas esta integração à partida é concedida pelo *performer*, ou seja, este local já se tornou visitável, e como refere Jeudy (2008), os locais tornam-se espelhos de si mesmos, consequência de uma inflação patrimonial contínua.

No *Bons Sons* o visitante pretende fazer parte de uma intimidade da aldeia em exibição. Percebendo uma fronteira que demarca um “ambiente” preparado para si e um ambiente que acontece *naturalmente*, o qual só é alcançável a uma minoria. Este pretende sentir-se como “especial” inserido nesta minoria. Neste âmbito, McCannel (1992) refere uma noção de realidade de frente e de trás, de palco e de bastidores; pública e privada⁶⁶. Refere a realidade de “frente” como o ponto de encontro de convidados e hóspedes ou clientes com pessoas dos serviços. A realidade de “trás” é o local para onde os membros da equipa do local visitado se recolhem entre as actuações para relaxar e para se prepararem (numa imagética de palco). Esta visão de frente e trás suporta o conceito de uma parte de verdade íntima, de autenticidade associada aos *bastidores da cultura*.

Um conceito de “real”, e de experiência do “real” é explorado por o visitante poder observar e viver os “bastidores”. O visitante procura estes bastidores para conhecer e partilhar a vida real do local, um procurador do valor de autenticidade, de experienciar a vida como ela é de facto vivida (idealmente).

A experiência é um conceito central na contemporaneidade e a tecnologia dos dispositivos culturais tende a desenvolver-se no sentido de providenciar uma experiência cada vez mais real e ao mesmo tempo virtual, por ser cada vez mais simulada. Esta “afinação tecnológica” surge em acompanhamento à expectativa de experiência real, nos “bastidores”. As formas de tornar determinado objecto em símbolo local, segundo Godinho (2010), conduzem ao agigantamento ou miniaturização de objectos “autênticos” acrescentando-lhes características ornamentais ou portáteis que as tornam passíveis de uma utilização estética ou de novas funcionalidades, transportadas

⁶⁶ McCannel (1992) refere seis estágios descritivos da estrutura de planeamento turístico. Primeiro: o tipo de espaço social que os turistas pretendem ultrapassar; Segundo: uma região turística frontal que foi decorada para aparecer como uma região íntima; Terceiro: Uma região frontal que está totalmente organizada para parecer uma região íntima; Quarto: Uma região íntima que está aberta aos turistas; Quinto: Uma região íntima que pode ser limpa ou modificada porque os turistas são permitidos de entrar e observar; Sexto: o tipo de espaço social que motiva a consciência turística. A acção empírica nos planeamentos turísticos é maioritariamente confinada para estes se moverem em áreas decoradas para se parecerem com os “bastidores” nos quais os turistas podem espreitar.

para fora do tempo e local do ritual (Godinho, 2010:323). Estes objectos ostentam junto dos seus proprietários, uma imagem de que estes participaram no evento. Vai-se formando uma espécie de “museu” em casa, que retrata os “locais especiais” visitados.

O mundo aparece em forma de réplicas e modelos. A cultura é embalada em paisagens, caminhadas, caminhos, quadros de parede, pequenos mundos e parques através de técnicas de encapsulação, simulação e miniaturização. Exemplo disto, no caso em estudo, será a mascote do festival, a lagartixa Tixa. Uma lagartixa em pequena escala que se traduz numa representação facilmente transportável do que o festival representa: um porta-chaves, um *pin* ou um gancho de cabelo, com uma lagartixa têxtil resultante das horas doadas das senhoras mais velhas da aldeia, em feitas manualmente, uma a uma, de forma voluntária. A mascote do festival traz por acréscimo, a carga do “saber fazer” manual, perfeitamente encaixado nos métodos de produção que a ideia de aldeia simboliza. Esta é portanto miniaturizada e é levada para o quotidiano do visitante como uma forma de projectar o festival para fora do seu tempo e local de acontecimento. Funciona como uma espécie de fotografia, em que o visitante contempla o objecto e recorda as sensações patentes no momento que associa a este. Muitos viajantes desejam *souvenirs*, um bem que traga consigo ligações (reais ou imaginárias) ao local e tempo em particular.

O termo “tradição” é grandemente contemporâneo e parece ser sinónimo de valor. Segundo Giddens (2000:47), “tradição”, no sentido que lhe é dado hoje, será um produto dos dois últimos séculos da Europa. Na Idade Média. “Não havia necessidade da palavra, precisamente porque «tradição» e «costume» andava por toda a parte (...) logo, o conceito de tradição não passa de um conceito da modernidade” (Giddens, 2000, 47). A tradição nos dias de hoje é agregada à legitimação e à ideia de sabedoria, de sustento.

Uma outra razão da persistência da tradição nos países industrializados reside no facto de que todas as mudanças institucionais provocadas pela modernidade ficaram, em grande parte, confinadas às instituições públicas, em especial ao Governo e à vida económica, tendo-se verificado uma certa simbiose entre modernidade e tradição (Giddens, 2000, 49 e 50). Assim, conclui-se que os locais industrializados, aqueles que se distanciam dos “métodos tradicionais”, são os mesmos que temem perdê-los. Mas se estes desaparecem em tais locais, é porque de alguma forma se tornaram obsoletos. Assim, os métodos ou objectos tradicionais renascem com um novo papel e com uma

espécie de novo pedestal, que os sacraliza. São colocados numa “redoma de vidro” enquanto frágeis, quase extintos naquele contexto. A interface entre as representações da tradição e o turismo que as consome conecta as produções de património ao presente, mesmo que estas retenham relações vivas com o passado. Curioso é perceber que quem mais clama por autenticidade é o consumidor externo, o *outro*, e que este é mais crítico às mudanças mesmo que estas também sejam resultantes da sua influência enquanto consumidor e visitante (McGuckin, 1997).

As pessoas e a aproximação a estas, ao seu *íntimo*, parecem representar o cerne da diferença, e portanto a imagem que acabou por ser agregada ao *Bons Sons* e a esta aldeia. Para compreender este processo é útil reparar no estudo de Paula Godinho (2010), onde é estabelecida uma reflexão em torno da mercantilização da diferença através do que representa, na contemporaneidade, a *cultura popular*, e como esta pode ser plataforma de exibição de culturas e consumo de uma diferença, circunscrita a um local em exibição.

O popular e o tradicional ressurgem aliados ao turismo, ao lazer e a movimentos de formação identitária de grupos sociais particulares. A noção de comunidade, definida pela sua fronteira e por quem exclui, fica bem expressa nestes locais, territorializando o tempo e historicizando o espaço (as pessoas do sítio X no tempo Y) que se distinguem das outras pessoas e lugares, como um mundo que se fecha dentro de si (Godinho cit. Dicks), contribuindo com isto para empacotar todo um conjunto de características inerentes ao objecto em exibição e exportá-lo para diferentes universos sociais e contextos.

III.4 Uma Relação Paradoxal

É interessante perceber o paradoxo que estes ritmos geram. O “Povo” de Cem soldos, através do *Bons Sons* é olhado através de uma visão romântica, *pastoral*, por parte do visitante, como aquele que representa um passado sereno, em harmonia com o meio dignidade nos seus modos de viver, com determinada pureza, objectificada na ideia de aldeia, que contradiz a de cidade, de indústria, de caos de massificação da produção, de perda de qualidade por esta mesma massificação. Porém, tal choca com a ideia ou o uso que a própria aldeia faz do festival, que é de emancipação, pautada pela projecção do festival para além da aldeia, pelo aumento de fluxos da aldeia, pela

possibilidade de crescimento, de novas oportunidades, enquanto se encontram muitas vezes entusiasmados com a ideia de ver e conhecer pessoas novas no seu terreno, e pelas possibilidades que isso, no caso dos mais velhos pode proporcionar aos seus filhos. O *Bons Sons* encontra-se, então, *entalado* entre duas forças convergentes, que são as que de uma forma mais mediática lhe fazem referência: um cruzamento entre a *tradição* e a *contemporaneidade*. A aldeia cruza-se com esta contemporaneidade, e os visitantes citadinos buscam esta tradição. Assim, a aldeia tende a crescer, com uma cada vez maior busca pelos símbolos da tradição. Ao crescer começa a sair do terreno deste símbolo de “tradição”, e o *contágio* de *culturas*, poderá conduzir a uma indistinção da população de Cem Soldos, e no seu *modo de vida*, em relação ao dos visitantes. O que acontecerá então? Nesta última edição de 2010, ouviam-se queixas da parte dos visitantes, acerca do agigantamento do festival, comparando-o aos festivais que este público tende a rejeitar, por serem mais relacionados com o entretenimento, e com a tal produção massificada “para entreter o público”, remetendo para a ideia de mercadoria. O sucesso do festival, enquanto mecanismo dos objectivos da população é crescente, mas estará a afastar-se da especialidade que o seu público lhe confere, por ser cada vez maior o público que quer o “especial”. O “especial” é, então, desejado *em massa*.

A aldeia esteve, em 2010, imensamente cheia. As ruas estavam quase intransitáveis em determinadas ocasiões. Um pequeno percurso demorava um tempo indeterminável a percorrer. As perspectivas são de que a procura deste festival continue a aumentar de edição para edição. Para onde confluirá então toda esta “especialidade”?

Conclusão

Depois de uma revisitação a todo um conjunto de considerações históricas, sociais, relacionais que parecem fazer, sustentar, conter o festival em si, permanece uma sensação de uma complexidade imensa. Parece despontar apenas uma parte desta complexidade, existindo uma imensidão de micro processos além dos que se detectam com este estudo. Cada um dos ingredientes que compõe este festival contém em si imensas histórias de vida associadas, imensas *memórias* conjuntas que representam inúmeros laços.

O *Bons Sons* parece ser sustentado por uma força que une os habitantes de Cem Soldos, por uma vivência comum, por um respeito mútuo e uma espécie de *boa-vontade* ou pré disposição gerada por estas memórias partilhadas.

O passado recente é pautado pela presença do Sport Club Operário de Cem Soldos. Encontram-se muito presentes, na generalidade da população, as memórias “perfeitas” das vivências que lhes proporcionou, agregadas a este passado próximo, que se recorda como próspero, com mais condições para a satisfação do que a actualidade, de crise.

As fotografias registam encontros felizes. São esses que são registados e são esses que se querem recordar, momentos festivos. São estes que permanecem e também parecem alimentar a disponibilidade desta população, porque estes momentos recordados, felizes, são conjuntos. Parece existir uma ideia destes momentos, deste passado recente, próspero que se perpetua através da associação e das suas actividades. Esta mantém-se e alimenta também o *Bons Sons*. Para além disto, existe uma geração abundante na aldeia, que foi criada por esta associação e que a responsabiliza pelo seu sucesso, pelo seu interesse e perspectivas alargadas, apesar da sua permanência num meio pequeno.

Esta aldeia é apontada como diferente, é “castiça”⁶⁷ e está cheia de “carolas”⁶⁸, que se empenham em *fazer acontecer*. Para além disto, a colaboração com as actividades da associação e do *Bons Sons*, parece permitir a manutenção de um sentido

⁶⁷ Expressão vulgarmente utilizada pelos entrevistados

⁶⁸ Idem

de pertença a um grupo de origem, que será a “sua família”. A aldeia guerreira e unida – a “aldeia Astérix” – como lhe chamam. A “aldeia vermelha”.

Uma *dádiva* entre todos, o *Bons Sons* parece manter um papel de ligação que será, na actualidade, um dos factores mais fortemente partilhados entre os jovens que cresceram juntos na aldeia, mas que provavelmente não teriam esta ligação entre si, se não fosse o contacto permanente através da associação, que acabaria por gerar o festival.

Esta geração é um produto deste movimento associativo originado pelos seus pais, e o *Bons Sons* é a confluência desta actividade. É uma expressão máxima (pelo menos, por enquanto) daquilo que se tem vindo a produzir no *laboratório* desta aldeia. “O empenhamento no espaço colectivo de produção acarreta a satisfação individual” (Zizek, 2010, 333).

Parece surgir, portanto, na continuidade de uma imensa vontade destes indivíduos celebrarem a sua terra, criarem condições e *vida contemporânea* nesta, deixarem um pouco de si neste terreno. Deste modo, Inserem Cem Soldos, cada vez mais, numa funcionalidade quotidiana mesmo para os que acabaram por ter de a abandonar, pela distância que esta representa das suas actividades quotidianas e interesses. Abriu-se uma espécie de um fosso entre o que estes seriam nesta e o que serão agora, tentando constantemente construir uma parte que una estas duas margens.

No meio de movimentos globalizantes, em que cada vez mais os locais se tendem a hibridizar, e neste caso a desertificar e desvitalizar, estes mesmos locais parecem lutar pela sua visibilidade.

Assim, através das características referidas anteriormente, Cem Soldos espelha para fora o seu modo de viver, os seus ritmos e personalidade considerados peculiares, e parece encaixar-se perfeitamente em todo um movimento de *arrependimento* do presente, com receio de perda de valores, de experiências, de vivências. Pondo estas experiências em relação com o gosto pela história e pelas *identidades* enraizadas no solo natal, agrega-se-lhes um sentido de autenticidade (Augé, 2005).

Perante uma sociedade de desperdício humano (Bauman, 2007), de crise de valores e de dificuldade em sobreviver a estas condições adversas, ressurgem uma aldeia, como uma espécie de heroína, que sobrevive ao fracasso, essa constante e temida ameaça da modernidade (Sennet, 1999), e que se insere com sucesso nestes

movimentos, como uma vencedora, acrescida de uma carga de vitória pela união, companheirismo e “bons valores”. Representa também uma espécie de aspiração e de exemplo, num presente difícil.

Para os habitantes, parece representar o papel de emancipador, de gerador de visibilidade, de independência, de transcendência dos seus limites. Parece devolver, nalguns casos, um papel social. As senhoras que fazem as Tixas parecem preenchidas pela satisfação de integrar um momento maior juntamente com os restantes “conterrâneos”, devolvendo-lhes um papel integrante activo, e fortemente focado no contexto do *Bons Sons*.

As gerações mais novas aproveitam para ganhar diversificadas experiências para interagir com novas realidades, preenchidas pela ideia de integrar esta “admirada família”. A *intergeracionalidade* afirma-se como um factor importante, pois é devolvida ou criada uma interacção entre variadas gerações da aldeia, com novos laços relacionais.

Estes laços relacionais parecem ser imensamente variados recaindo em diversas proporções de parentesco. Uma aldeia que cresceu junta, cujos habitantes se habituaram a coabitar em relações muito estreitas, deixando um rastro para dúvidas e especulação sobre a imensa matéria que *existirá* em torno destas relações.

Central será o conceito de que as actividades passam pela aprovação de todos e quando possível pela participação de todos, reforçando esta ideia de “aldeia comunitária”, como os discursos mediáticos tendem a fazer aparecer. Estes projectam a aldeia para um itinerário de festivais de Verão, que parece fugir para um campo de *turismo* cultural, partindo do sentido da sua produção, e pela experiencia que promete, à partida, inserida na *vida da aldeia*.

O *Bons Sons* representa uma espécie de terreno de experiências destes mesmos *modos de ser* e de *viver* que tendem a representar a ideia de aldeia. «Venha Viver a Aldeia» é o *slogan* do festival. Passado no centro da malha aldeã de Cem Soldos, usando os seus equipamentos sociais, este promete um contacto directo com estas experimentações, com os bastidores culturais (MacCannel, 1989), com a vivência *autêntica* dos Cem Soldenses, e permite-lhes obter uma experiência do que será *viver a aldeia* e *fazer viver* a aldeia. Fazer parte de um “povo”, com todo o seu sentido de pertença, de colectivo, de companheirismo (Bourdieu, 2010). Um visitante que terá a

noção de “linguagem popular”, estabelecida em termos relacionais, e que pretenderá aproximar-se desta (idem). Como afirma Hobsbawm (2010), nunca a palavra “comunidade” e as suas terminologias, foi utilizada de forma tão indiscriminada.

Os homens e as mulheres procuram grupos a que possam pertencer, com segurança, e para sempre, num mundo em que tudo o resto está em movimento e mudança, em que já nada é seguro. Encontram essa segurança num grupo identitário (Hobsbawm, 2010, 343)

Assim parece perseguir-se esta ideia de experimentação de estilos de vida, vernaculares, calmos, puros, incorruptos. Fazer parte deste movimento que a aldeia de Cem Soldos parece convidar a partilhar. Abandonar, por momentos, a ideia de multidão enquanto conjunto de individualidades (Virno, 2010) própria das cidades, e resgatar um sentido de união e de partilha.

Com todo este interesse na aldeia de Cem Soldos, tanto pela parte dos visitantes como por outras entidades, como as autarquias, dá-se uma importância crescente à promoção do local. A imagem, a *marca*, passa a ter cada vez mais visibilidade e passa a ser um trunfo estar associado a este nome.

Novos contextos são gerados, a aldeia tem cada vez mais espaço para a aclamada *contemporaneidade*, e para a sua visita. As culturas passam a misturar-se cada vez mais. Cem Soldos existe para além do concelho de Tomar, o seu nome garante simpatia quando é referida: “É a aldeia dos *Bons Sons*?”

Os habitantes, especialmente os mais novos, que não habitam permanentemente a aldeia, precisam deste espaço de *contemporaneidade* para si, para que a aldeia lhes seja instrumental, para que não se perca num passado *mítico*, que apenas lhes serviu activamente enquanto crianças.

Resta-nos compreender, para uma percepção mais afinada sobre os relacionamentos que conectam estas pessoas, qual a ligação específica entre as três gerações que protagonizam este evento. Traçar graus de parentesco, seguir o rastro aos apelidos que tão recorrentemente se apresentam nesta aldeia (Mourão, Craveiro e Cartaxo). Estas três gerações pertencem a famílias determinadas? Ou trata-se de um fenómeno mais abrangente? Procurar perceber, meticulosamente, as diferentes histórias de vida de cada família interveniente, perceber os seus relacionamentos e tentar traçar

um retrato do “enredo” entre estas famílias e, nesta perspectiva, descrever um paralelismo aperfeiçoado sobre a inscrição do *Bons Sons* na aldeia de Cem Soldos.

As perspectivas são de crescimento, comedido, para que não perca estas particularidades que, como já se verificou, são fundamentais para o seu crescimento. A pergunta que fica, a interrogação desconcertante e paradoxal é a seguinte: a “pequenez” parece ser ingrediente fundamental para o crescimento da aldeia. Para onde se dará então este crescimento? O que acontece se a aldeia de facto crescer? Ou o que acontece se a aldeia deixar de ser aldeia? O *Bons Sons* poderá causar o crescimento da aldeia e expandir as vivências dos seus habitantes, mas o que o faz ser procurado é a sua peculiaridade num contexto *pequeno*. Como se conciliarão estes dois factores?

Bibliografia:

- ANDERSON, Benedict (2006) [1983] *Imagined Communities*, Verso, NY
- ANICO, MARTA (2006) “Património, museus e representações culturais locais na contemporaneidade” in Elsa Peralta e Marta Anico *Patrimónios e Identidades – Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta: 93-101
- APPADURAI, Arjun (1996) *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*, Minneapolis, University of Minnesota Press
- ARROTEIA, Jorge Carvalho (1985), *Portugal: Perfil Geográfico e Social*, Livros Horizonte, Lisboa
- AUGÉ, Marc (2005) [1992] *Não Lugares*, 90 Graus Editora, Lisboa
- BARRETO, António (2007) “Gente diferente: quem somos, quantos somos e como vivemos”, *Portugal, um retrato social*, vol.1, Público, Lisboa
- BARRETO, António (2007) “Ganhar o pão. O que fazemos”, *Portugal, um retrato social*, vol.2, Público, Lisboa
- BARRETO, António (2007) *Portugal, um retrato social*, vol. 6 “Igualdade e conflito: as relações sociais”, Público, Lisboa
- BATATA, Carlos (1997), *As Origens de Tomar – Carta Arqueológica do Concelho*, Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, Coimbra.
- BAUMAN, Zygmunt (2007) *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*, Malaysia, Alden Press
- BAUMAN, Zygmunt (2000) *Liquid Modernity*, Malden, Polity Press
- BOURDIEU, Piérre (2010) [1983] “Você disse Popular?” in Bruno Peixe Dias e José Neves *A Política dos Muitos – Povo, Classes e Multidão*, Lisboa, Tinta da China, pp: 35-53
- CAMPOS, Xaquín Rodríguez (2010) “Del patrimonio local a las comunidades transnacionales. Turismo y etnicidad en Galicia” in Camila del Mármol, Joan Frigolé y

- Susana Narotzky (eds.) *Los Lindes del Patrimonio – Consumo y Valores del Passado*, Icaria, Institut Català d'Antropologia, pp: 85 – 103,
- CLEMENTE, António José (2004) *As Aventuras de Joanico Viageiro*, Tomar, Terra de Linho e Sport Clube Operário de Cem Soldos
- CONDE, Manuel Sílvio Alves (1996), *Tomar Medieval - O Espaço e os Homens*, Patrimonia – Associação de Projectos Culturais e Formação Turística, Cascais
- CORREIA, A. Ferrer e Xavier, Vasco Lobo (1987) *O Caso Mendes Godinho (Parecer)*, Eurolitho, Coimbra
- CRAVEIRO, Daniela e SILVA, Jorge (in press) *Oferta Cultural em Espaço Rural: Públicos do Festival BONS SONS'10*, Sociologia, vol. XXI
- DAVEAU, Suzanne (2005), *Portugal Geográfico*, Edições João Sá da Costa, Porto
- DAVEAU, Suzanne e MATTOSO, José (1997) *Portugal, O Sabor da Terra – Ribatejo*, Circulo de Leitores Lda e Pavilhão de Portugal/ Expo '98, Companhia Editora do Minho
- DE CERTEAU, Michel (2000) [1986] *Heterologies. Discourse on the Other*, Londres, University of Minnesota Press
- DICKS, Bella (2003) *Culture on Display: The Production of Contemporary Visibility*, London: Open University Press
- DURAND, Jean-Yves e CUNHA, Manuela Ivone, (????) “Sistema Imunitário e Património: Proximidades metafóricas” in Camila del Mármol, Joan Frigolé y Susana Narotzky (eds.) *Los Lindes del Patrimonio – Consumo y Valores del Passado*, pp: 373 – 379, Icaria, Institut Català d'Antropologia
- FERREIRA, Rui e PONTE, Salete da (1989) “A Vila Suburbana de Cardais: Tomar, sua História” in *Actas do Seminário: Espaço Rural na Lusitânia, Tomar e o seu Território*, Tomar
- FONSECA, Inês (1998) “Festejar é pertencer ao povo dos Aivados! Memórias e identidades numa aldeia Alentejana. Análise de dois momentos festivos” in *Arquivos da Memória*, nº4, Lisboa, Edições Colibri, pp: 49-65,
- FRANÇA, José-Augusto (1994), *Tomar*, Lisboa, Editorial Presença

- GIDDENS, Anthony (2000) [1999], *O Mundo na Era da Globalização*, Lisboa, Editorial Presença
- GODINHO, Paula (2010), *Festas de Inverno no Nordeste de Portugal – Património, Mercantilização e Aporias da “Cultura Popular”*, Castro Verde, 100LUZ
- GODINHO, Paula (1998) *Memórias da Resistência Rural no Sul – Couço (1958 – 1962)*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- GODINHO, Paula (2010) “Mercadorização da diferença? Tempos, lugares e usos das máscaras transmontanas” in Camila del Mármol, Joan Frigolé y Susana Narotzky (eds.) *Los Lindes del Patrimonio – Consumo y Valores del Passado*, pp: 313 - 333, Icaria, Institut Català d’Antropologia
- GOTHAM, Kevin Fox (2002) “Marketing Mardi Gras: Commodification, Spectacle and the Political Economy in New Orleans”, *Urban Studies*, 39, 10 :1735 - 1756
- HALBWACHS, Maurice (1968) [1990] *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice
- HARTOG, François (2003) *Régimes d’Historicité – Présentisme et Expériences du Temps*, Paris, Seuil
- HOBBSBAWM, Eric (2010) [1996] “A política da identidade e a esquerda” ?” in Bruno Peixe Dias e José Neves *A Política dos Muitos – Povo, Classes e Multidão*, Lisboa, Tinta da China, pp: 341 - 354
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara (1995), “Theorizing Heritage”, *Ethnomusicology*, Vol.39, No.3, pp 367-380
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara (1998), “From Ethnology to Heritage: The Role of the Museum”, SIEF Keynote, Marseille
- LOWENTHAL, David (1985) *The Past is a Foreign Country*, Cambridge: Cambridge University Press
- JEUDY, Henri-Piére (2008)[2001] *La Machinerie Patrimoniale*, Paris, Circé
- MACCANNEL, Dean (1989), *The Tourist: a new Theory of the Leisure Class*, New York: Shocken Books
- MACCANNEL, Dean (1992) *Empty Meeting Grounds*, US e Canadá, Routledge

- MAUSS, Marcel (2001) [1950] *Ensaio Sobre a Dádiva*, Lisboa, Edições 70
- McGUCKIN, E. (1997) “Tibetan Carpets: From Folk Art to Global Commodity” in *Journal of Material Culture* 1997; Vol. 2: 291-310, SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi).
- MOTA, Manuel Maria (1997), *MADALENA – Contributos para a História da Freguesia*, Sport Club Operário de Cem Soldos, Tomar
- PAIS DE BRITO, J. (2006), “Património e Identidades: a difícil construção do presente”, in Elsa Peralta e Marta Anico *Património e Identidades – Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta: 43-51
- PARASCHI, A. J. (1886) *Breve Guia da Expansão Geográfica dos Cavaleiros e Freires – Templários em Portugal*, Sol Invictus, Lisboa
- PINHO LEAL, Augusto S. D’Azevedo Barbosa (2006) [1874], *Portugal Antigo e Moderno*, Barbosa & Xavier, Lda, Braga
- PRATS, Llorenç (2006) “Activações Turístico-Patrimoniais de carácter local” in Elsa Peralta e Marta Anico *Património e Identidades – Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta: 191-200).
- ROSA, Amorim (1972) *Anais do Municipio de Tomar: crónica dos acontecimentos ocorridos no Termo de Tomar desde 1137 ate 1925*, Tomar, Câmara Municipal de Tomar
- ROSALEZ, Marta (2009) *Cultura Material e Consumo. Uma Introdução*, Oeiras, Celta
- SANTANA, A. (2006) “Os olhos também comem: imagens do património para o turismo” in Elsa Peralta e Marta Anico *Patrimónios e Identidades – Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta: 170-180;
- SENNET, Richard (1999) *A Corrosão do Carácter*, Rio de Janeiro, Editora Record
- SILVA, Abel da (dir) (1940) *Junta da Provincia do Ribatejo*, Santarém, N.1 (1937 - 1940)
- SILVA, Isabel, coord. (1997), *Dicionário Enciclopédico das Freguesias* (vol. 2), MINHATERRA – Estudos Regionais de Produção e de Consumo, Lda, Matosinhos

SILVA, Leonel Moreira da, coord. (1987), *Lexicoteca – Moderna Enciclopédia Universal*, Tomo XVI, Circulo de Leitores Lda, Lisboa

SILVANO, Filomena (2010) *Antropologia do Espaço*, Lisboa, Assírio & Alvim

VIANA, L. (2006) “O património cultural ou os consumos da nostalgia: cultura material e imaterial nos passeios turísticos pela identidade” in Elsa Peralta e Marta Anico *Patrimónios e Identidades – Ficções Contemporâneas*, Oeiras, Celta: 149-162

VIRNO, Paolo, (2010) [2001] “Multidão e Principio de Individualização” ?” in Bruno Peixe Dias e José Neves *A Política dos Muitos – Povo, Classes e Multidão*, Lisboa, Tinta da China: 393 – 405

ZIZEK, Slavoj (2010) [2000] “Porque é que todos gostamos de odiar Haider” ?” in Bruno Peixe Dias e José Neves *A Política dos Muitos – Povo, Classes e Multidão*, Lisboa, Tinta da China: 329 - 340

WILLIAMS, Raymond (1973) *The Country and the City*, Oxford University Press, New York

WILLIAMS, Raymond (1976) *Keywords*, Oxford, Oxford University Press

WILLIAMS, Raymond (2008) *História y Cultura Comum*, Madrid, Catarata

Internet:

www.youtube.com/watch?v=y7jP1nc6U-c, acedido em 21 de Dezembro de 2010

www.bonssons.com, acedido em 11 de Dezembro de 2010

www.asae.pt, acedido em 15 de Junho de 2011

www.fcsh.unl.pt/memorias/atlas/apresentacao.html, acedido em 20 de Julho

www.ine.pt, acedido em 1 de Agosto de 2011

www.conventocristo.pt, acedido em 29/07/2011

www.fajudis.org, acedido em 13 de Agosto de 2011

www.aldeias-sos.org/quemsomos/?idcat=6020&id_parent_cat=6002, acedido em 13 de Agosto de 2011

joanicoviageiro.no.sapo.pt, acedido em 14 de Agosto de 2011

Jornais:

Templário, 22 de Junho de 2010

Cidade de Tomar, 10 de Junho de 2010

Cidade de Tomar, 20 de Agosto de 2010

Cidade de Tomar, 18 de Setembro de 1981

Cidade de Tomar, 6 de Setembro de 1984

Cidade de Tomar, 7 de Maio de 2010

Cidade de Tomar, 29 de Outubro de 1984